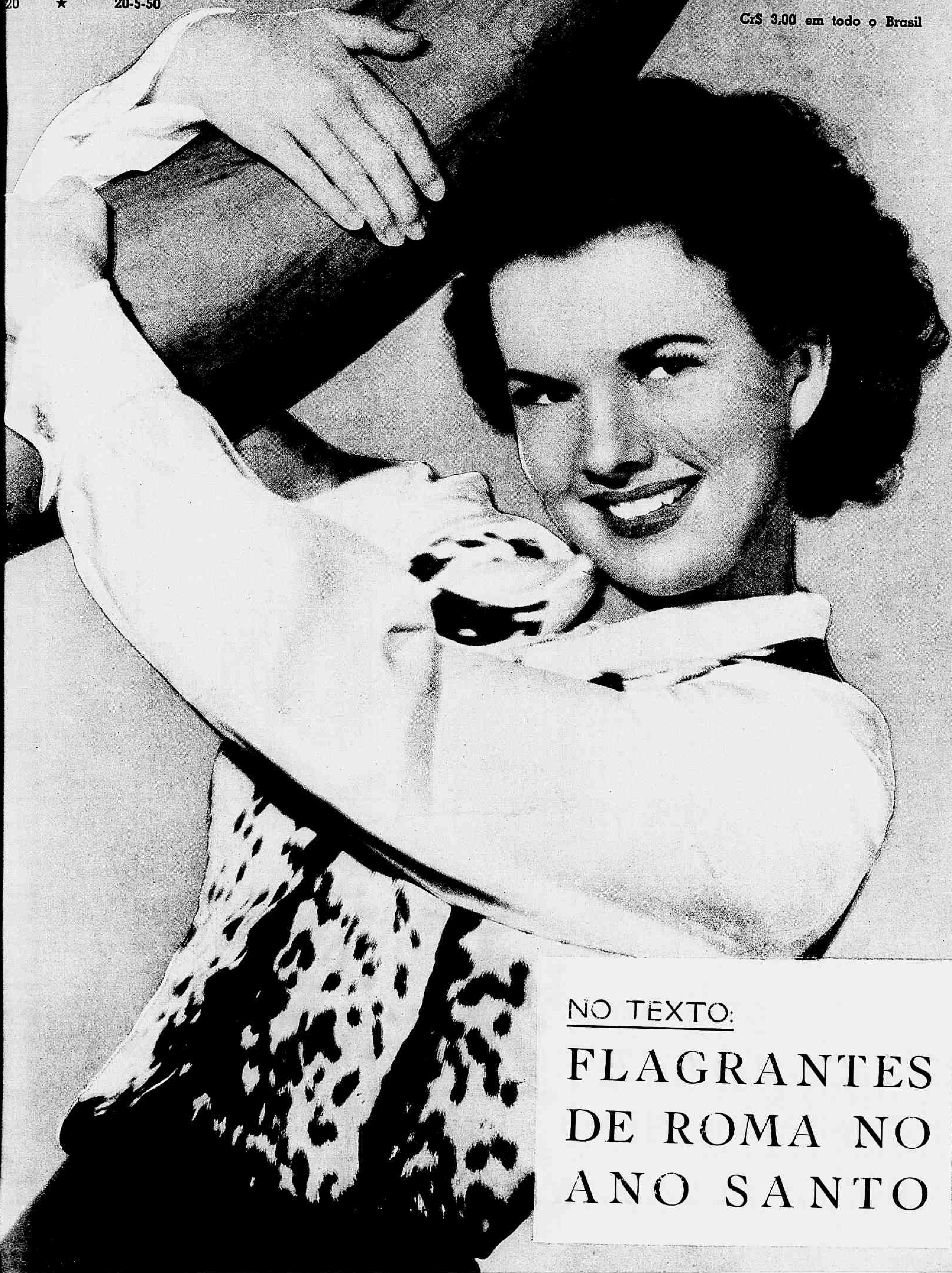
REVISTA DA SEMANA

20 ★ 20-5-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro



NO TEXTO:

FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANTO

DESTA VEZ SERA' MELHOR

MUITAS FOTOGRAFIAS COLORIDAS E MUITAS OUTRAS
NUMA SÓ CÔR, PORÉM TODAS EM TAMANHO GRANDE



Esta e muitas outras fotografias especiais dos mais populares "astros" e "estrêlas" do
CINEMA ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA

AGUARDE: EM JUNHO PRÓXIMO!

O ALBUM DE

A CENA muda

contém ainda:

FICHÁRIO

completo dos artistas
biografias e curiosidade
a respeito dos mesmo

★

ARTIGOS
O MUNDO PRECISA R

★

CINEMA EUROPEU D
ÚLTIMOS TRINTA AN

★

ORIGEM E EVOLUÇ
DO RÁDIO

★

CINESTESIA, UMA D
TRAÇÃO SEM DOR

PREÇO: CR$ 25,00

Pedidos pelo Rem
bolso Postal, med int
vale do Correio à Ci
Editora American
Rua Visconde de Ma
ranguape n. 15 — Ri
de Janeiro.



SALVE-SE QUEM PUDER!

O tráfego de veículos no Rio de Janeiro, especialmente no que diz respeito ao movimento de ônibus, desafia os técnicos e ameaça, cada dia que passa, a vida do carioca. Coloque-se uma pessoa em qualquer ponto da avenida Nossa Senhora de Copacabana, da praia de Botafogo, do Flamengo e avenida Beira-Mar até a curva que desvia o trânsito para a rua do Passeio, e verá como está o povo desta cidade sujeito aos azares da negligência dos motoristas.

Os ônibus, pela natureza de sua estrutura e de seu volume, conduzindo, de qualquer jeito, grande número de passageiros, deviam obedecer a um regime de vlocidade que trouxesse maior garantia de tranquilidade aos que se servem dêsses veículos; entretanto, por mais absurdo que seja, são justamente os "gostosões" que mais pegam parelha, que mais atravessam à frente dos outros, que mais pressa têm na disparada vertiginosa. Que resulta disso tudo? Sustos, quedas de passageiros internamente, com as freadas súbitas, apanhando muita gente que não pôde firmar-se com a necessária segurança; acidentes muitas vêzes de caráter grave, com ferimentos e mortes dos que são alcançados por êsses carros; desastres de consideráveis extensões, com vítimas por todos os lados...

Nesta semana que se foi, aumentou sensìvelmente o número dos acidentes com os ônibus. Deixando de lado a catástrofe daquele que se incendiou na trágica noite da inundação geral, citemos o caso do ônibus da linha 12, — Estrada de Ferro-Leblon — que tomou o rumo do mar, atravessando uma das alamedas da praça Paris, e arremeteu como um touro bravio de encontro à muralha do cais, indo mirar-se nas águas da praia de Santa Luzia. Não fôssem as pedras do quebra-mar, e os seus cinquenta passageiros teriam morrido como ratos, afogados naquela ratoeira volante. Veja o leitor com que velocidade vinha êsse carro, e pense nisto: todos os que fazem aquêle trajeto usam a mesma vertigem, correm da mesma forma, disparam do mesmo jeito. Estamos, diàriamente, com a vida nas mãos dêsses motoristas, que, como não são os donos dos veículos e precisam obter maior renda nas comissões do apurado diário, nutrem sua ganância, embora arrisquem a vida dos passageiros e o material sob sua guarda. No dia seguinte, um outro ônibus cheio de gente arrebentou-se contra uma árvore na praia de Botafogo. Ferimentos leves, por felicidade de todos.

Diàriamente são registrados casos semelhantes, muitas vêzes com cambalhotas sensacionais dos pesados veículos, mergulhos no Mangue, no Maracanã, etc. Qual a causa de tantos desastres, de tantos acidentes? Falta de policiamento, ausência de responsabilidade dos motoristas, negligência de ambas as administrações: a particular e a pública.

Veja qualquer passageiro o que ocorre com aquêle inútil aviso: "É proibido conversar com o motorista". Mas devia haver outra advertência a seguir: "Como também é proibido o motorista conversar com quem quer que seja". Quando não conversam com passageiros, batem papo com o trocador, distraindo-se do seu dever. Não foi sem razão que uma senhora, após os maiores sustos numa viagem de ônibus entre um subúrbio e Ipanema, telegrafou à família: "Escapei!".

RENATO ALENCAR

ESPORTE



CAMPEÕES — O Flamengo é o expoente do basquetebol carioca. Foi campeão em 1948, 1949 e provavelmente o será em 1950. A equipe rubro-negra é integrado por Raimundo, Alge Godinho, Zé Mário, Tião, Alfredo Jamil e Évora, que vemos acima, faltando para completar os dois «fives» o estudante paraguaio Codas, Tião Mendes e Mário Hermes, oficial da Ma

ASES DO BASQUETEBOL



KANELA — Togo Renan Soares, ou «Kanela», como é conhecido, é o técnico da equipe. Será o técnico da seleção nacional para os próximos «matches» inter-americanos

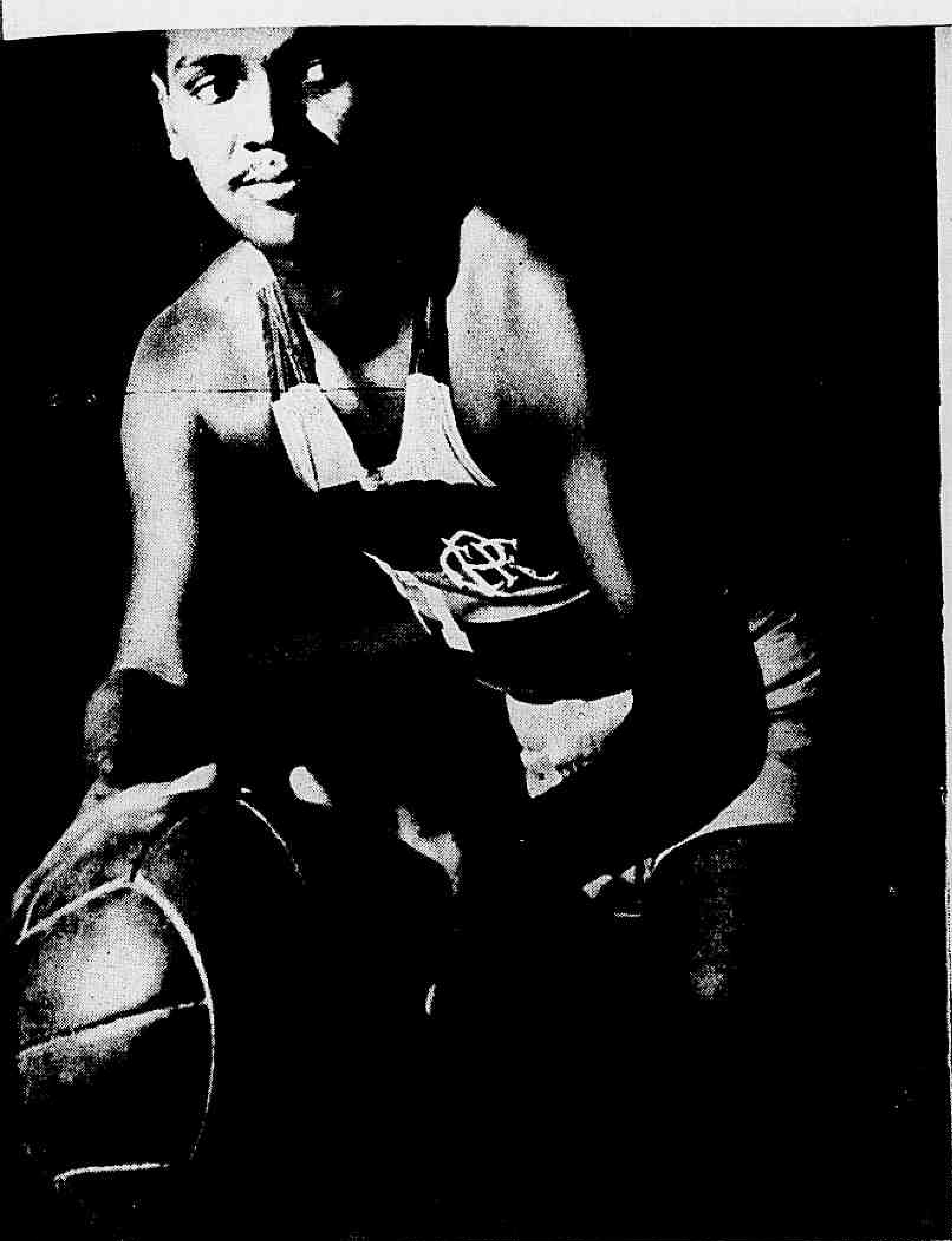
OS BRASILEIROS ENTRE OS MELHORES PRATICANTES DO JÔGO INVE TADO PELOS NORTE-AMERICANOS ★ INTELIGÊNCIA... NAS MÃOS PODE A MULHER PRATICÁ-LO? ★ FLAMENGO, O GRANDE CAMPE

Texto de CARLOS DUARTE ★ Fotos de ADIR VIEI

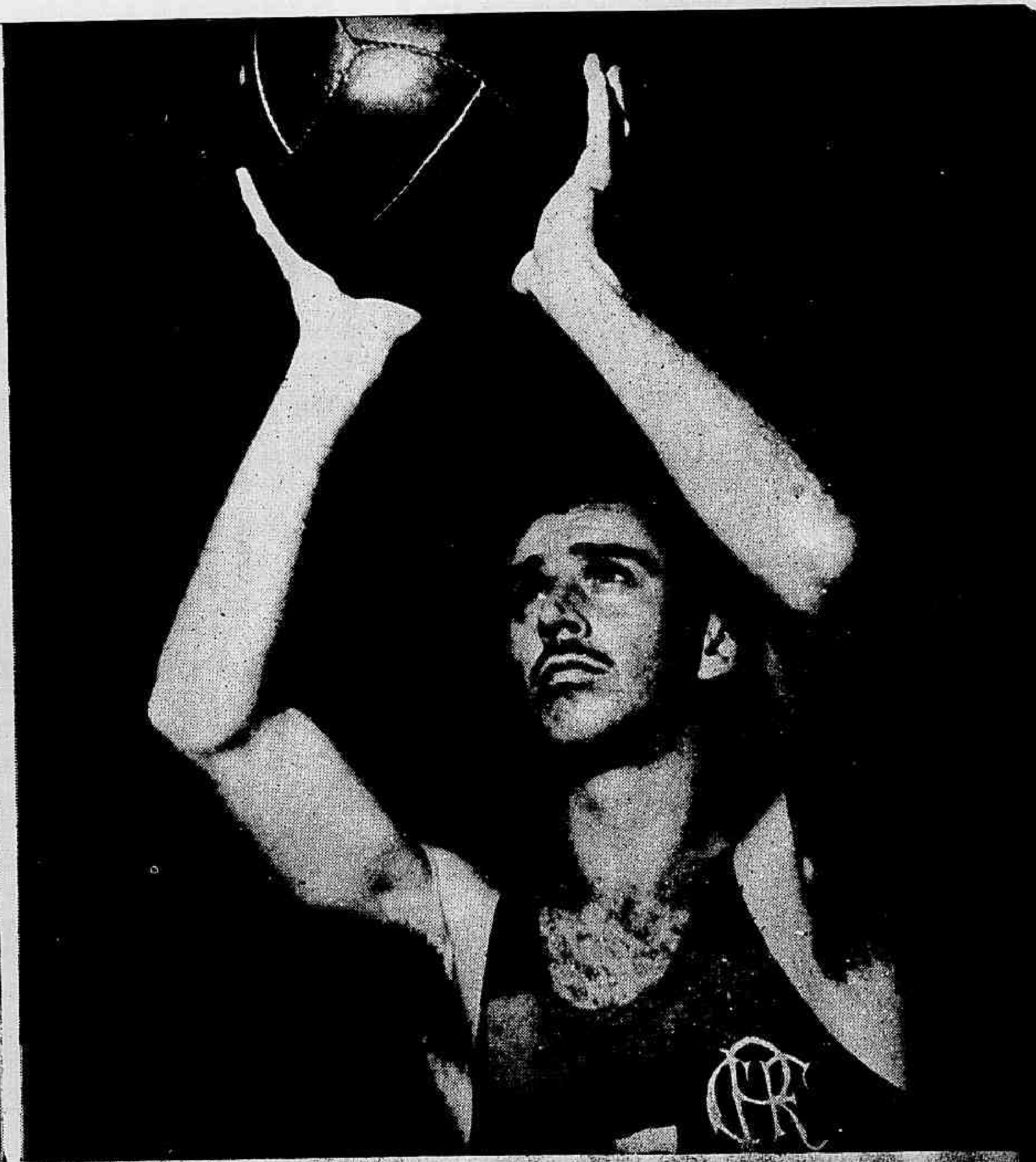
O futebol é, sem dúvida, o esporte-rei do nosso povo; o fascínio que êle exerce sôbre os brasileiros em geral é tão grande que chega a prejudicar os outros esportes, que são postos, mais ou menos, na penumbra, inclusive pelos dirigentes dos clubes e entidades desportivas. Assim como a criança necessita de carinho para o seu desenvolvimento normal, o esporte precisa de atenção, de torcida, para a sua evolução. Não se compreende, por isso, considerando mormente a importância transcendente do esporte para o aperfeiçoamento físico da raça, essa preferência prejudicial, unilateral, que os dirigentes esportivos, dedicam ao rei-futebol. Dizem êles que não podem contrariar a opinião do povo. Mas, está mais que provado que quanto mais as autoridades e os clubes olhem para êsse ou aquêle esporte, mais o povo se afeiçoa a êle. E' o que acontece com a natação em Minas Gerais, que há sete ou oito anos não sabe o que é perder um campeonato brasileiro infanto-juvenil; é o que se verifica em São Paulo, com relação ao atletismo; é ainda o que se vê no Rio, quanto ao basquete. Olhado com a merecida atenção, o esporte da bola ao cesto já tem a sua torcida, que às vêzes assume proporções de verdadeira multidão, como temos observado em alguns jogos. No último encontro entre as equipes do Flamengo e do Tijuca, foi preciso que os portões do aristocrático grêmio do bairro da zona norte da cidade fechasse as portas para que não houvesse invasão, pois esgotados foram os lugares da sua grande quadra. E é por isso que a Associação Atlética do Grajaú está construindo um estádio com maior capacidade que muitos campos de futebol da primeira divisão carioca

Para se falar em basquete no Brasil, hoje em dia, te que parar obrigatòriamente no Flamengo. Os "ru negros" são os bi-campeões da cidade e já ostenta honroso cetro de tetra-campeões. O basquete é uma venção norte-americana, e os norte-americanos, prez a sua "patente" até hoje conservam o cetro dêsse es em todo o mundo. E' de lá que os outros países c nuam importando a técnica do basquete; algumas suas equipes universitárias, de amadores, têm renom ternacional e outras, de profissionais, arrastam verdad multidões para os imensos estádios de entrada paga Rio, como em São Paulo, Belo Horizonte e outras cap brasileiras, onde o basquete está se desenvolvendo ràvelmente, contudo não atingimos ainda ao profiss lismo, a não ser alguns casos de "profissional marron".

O basquetebol foi introduzido no Brasil em 1918, "Associação Cristã de Moços", à qual se deve tamb importação do voleibol para o nosso país. Um té norte-americano, Robert Fowley, foi o nosso primeiro trutor de basquete, e em pouco êle preparou um p de futuros "ases" que foram constituir os times do minense, do Botafogo e do Flamengo, os primeiros cl a adotar o novo esporte. E o basquete "pegou", não nos clubes como na imensa maioria dos estabelecim de ensino da cidade, sendo raro o colégio que não t uma quadra para a prática do difícil e movimentado porte. Assim como os pequenos clubes das ligas am ristas se constituem nos celeiros de profissionais os grandes clubes de futebol, pode-se dizer que dos légios é que sae a maioria dos "ases" do basquete.



UNDO — Raimundo Carvalho é funcionário municipal. Mostra-nos como se segura
, e êle tem dado provas de que entende muito bem da "ciência da bola ao cêsto"



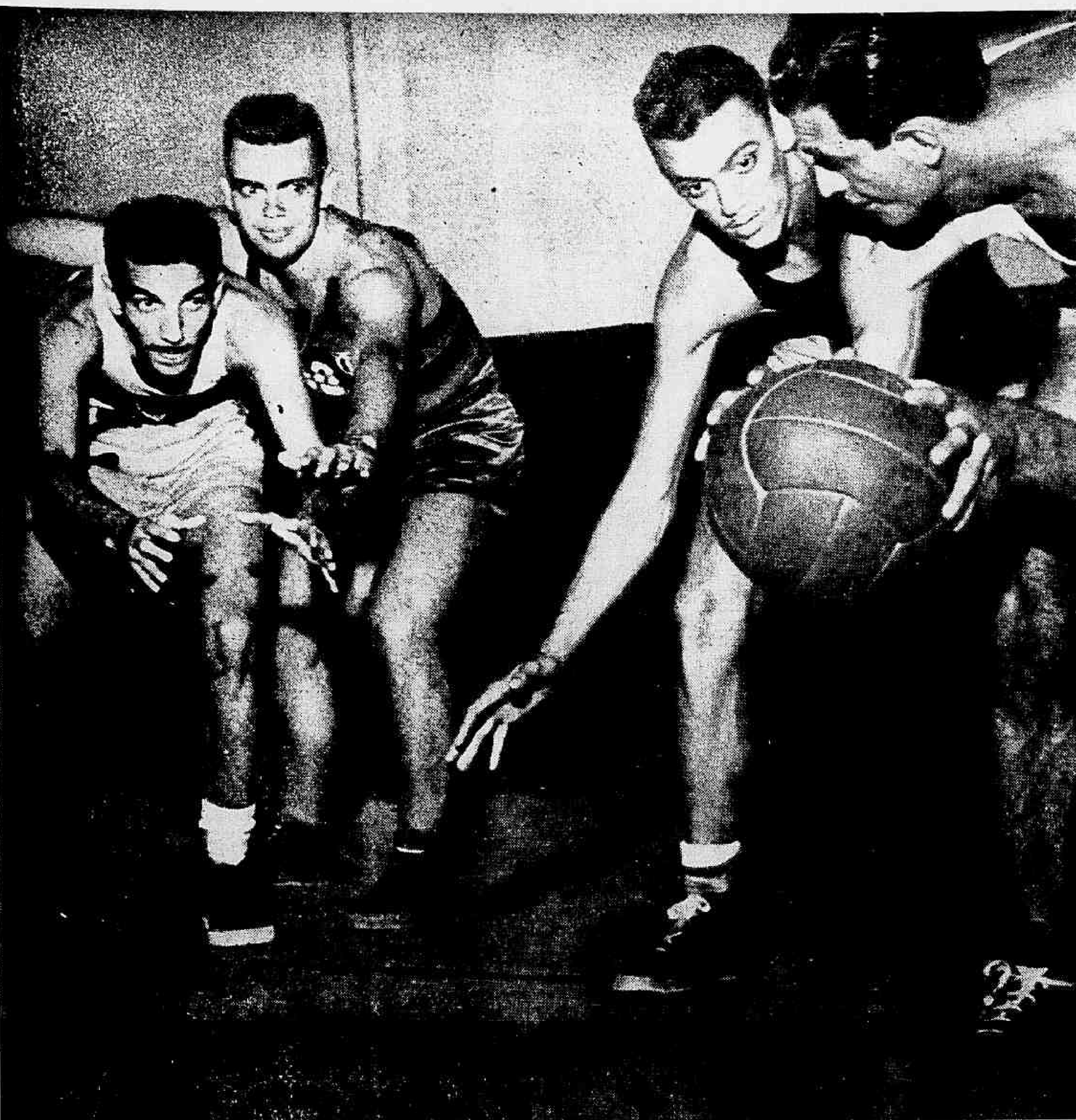
TIÃO — Sebastião Gimenez, 1.º tenente da Marinha, ex[illegible] um "[illegible] ame[illegible]ano
Esse lance consiste em atirar a bola ao cêsto por um movimento sôbre a cabeça, de frente

ÁRIO — José Mário é alto funcionário da Atlantic, e à noite é visto sempre no "rink"
ube. Um apaixonado do basket, como os demais da equipe. Na foto, controla a bola

ODIN — O dr. Odin Sarmento, dentista, é a garantia do time quando vão jogar em
campos em que a torcida adversária se torna um pouco impulsiva. Era do Tijuca

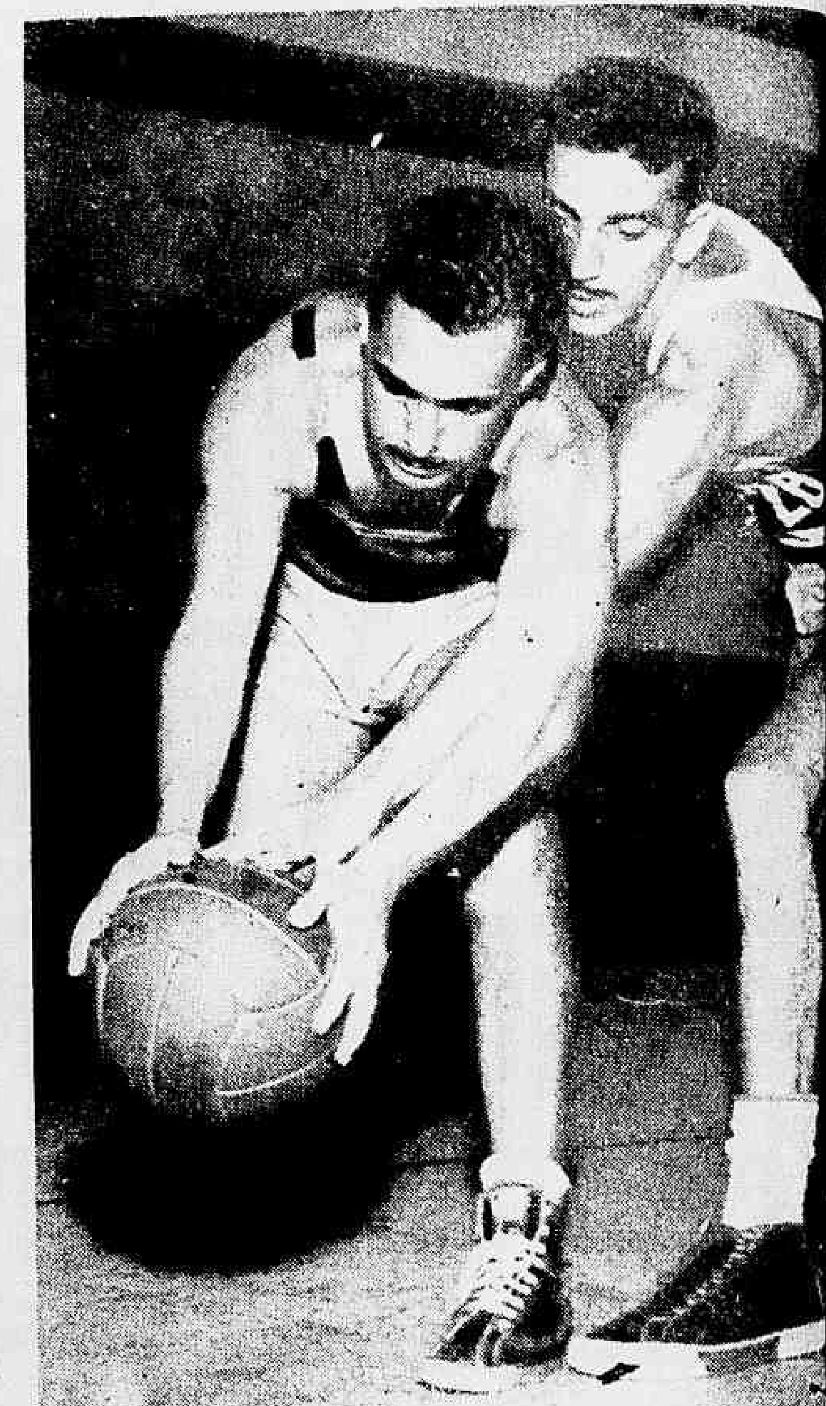






NO BASQUETEBOL, como em qualquer outro esporte, o sucesso depende de um treinamento constante dos valores do quadro. Na foto, dois aspectos de um ensaio dos «fives» do Flamengo,. Em baixo, Alfredo, um «ás» do basquete brasileiro





«BOLA PRESA», o lance em que dois adversários segura
a bola sem vantagem rápida. O juiz lança a bola ao ar e

repórter, por exemplo, gaba-se de ter jogado basquete
Colégio Pio-Americano, no longinquo bairro de S. Cri
tóvão, com Celso, Alfredo e outros grandes valores
"bola ao cesto" que militam nos melhores clubes da c
dade. Tal foi o desenvolvimento do basquete entre nó
que, hoje, o Brasil, exceutando os Estados Unidos, se n
vela tècnicamente com qualquer outro país onde melh
se pratica o esporte — França, Uruguai e Argentina, send
que os uruguaios são os atuais campeões do continent
Excelentes triunfos têm levantado o nosso certame
conceito dos desportistas de todo o mundo, no setor bas
quetebolistico, como o triunfo no campeonato sul-ame
cano de Guaiaquil em 1945, e a excelente impressão de
xada pela nossa equipe nas últimas Olimpíadas de Lo



«LANCE LIVRE», o que significa «fo
D» um brasileiro o record, com 49

dres, onde obtivemos a terceira coloca
tados Unidos -- campeões indiscutive
gundo colocado no certame mundial, c
de pontos perdidos que o Brasil. A
Flamengo sôbre a famosa equipe da U
que percorria invicta as principais cap
veio também encher de júbilo o basq

O Flamengo, aliás, lidera o basque
anos para cá. Não há, em todo o
em tôda a América do Sul, um co
quanto o "rubro-negro". Tetra-campeã
o Flamengo parece que está tentando
para isso conta com "cracks" da enve
Alfredo, Mário Hermes, Zé Mário, Tiã
necessárias à seleção nacional e que,
receram nessa fase de ouro do club
fator do grande progresso do basquet
dúvida, a especial atenção que lhe v

ÉVORA, outro grande «ás» do time rubro-negro, ame
um «passe picado». Êle é a «arma secreta» do Flamen



INSTRUCÇÕES — Antes e durante o e
ensina e corrige as jogadas dos pupil



LA PRESA», o lance em que dois adversários segura
la sem vantagem rápida. O juiz lança a bola ao ar e

«LANCE LIVRE», o que significa «foul» de um adversário. D» um brasileiro o record, com 49 cestas em 50 lances.

rter, por exemplo, gaba-se de ter jogado basquete
gio Pio-Americano, no longínquo bairro de S. Cri
o, com Celso, Alfredo e outros grandes valores
a ao cesto" que militam nos melhores clubes da
. Tal foi o desenvolvimento do basquete entre nó
hoje, o Brasil, excetuando os Estados Unidos, se
tècnicamente com qualquer outro país onde melh
ratica o esporte — França, Uruguai e Argentina, send
os uruguaios são os atuais campeões do continent
lentes triunfos têm levantado o nosso certame
eito dos desportistas de todo o mundo, no setor ba
ebolístico, como o triunfo no campeonato sul-ame
de Guaiaquil em 1945, e a excelente impressão de
pela nossa equipe nas últimas Olimpíadas de Lo

dres, onde obtivemos a terceira colocação, abaixo dos Estados Unidos — campeões indiscutíveis, e da França, segundo colocado no certame mundial, com o mesmo número de pontos perdidos que o Brasil. A recente vitória do Flamengo sôbre a famosa equipe da Universidade de Utah, que percorria invicta as principais capitais sul-americanas, veio também encher de júbilo o basquetebol brasileiro.

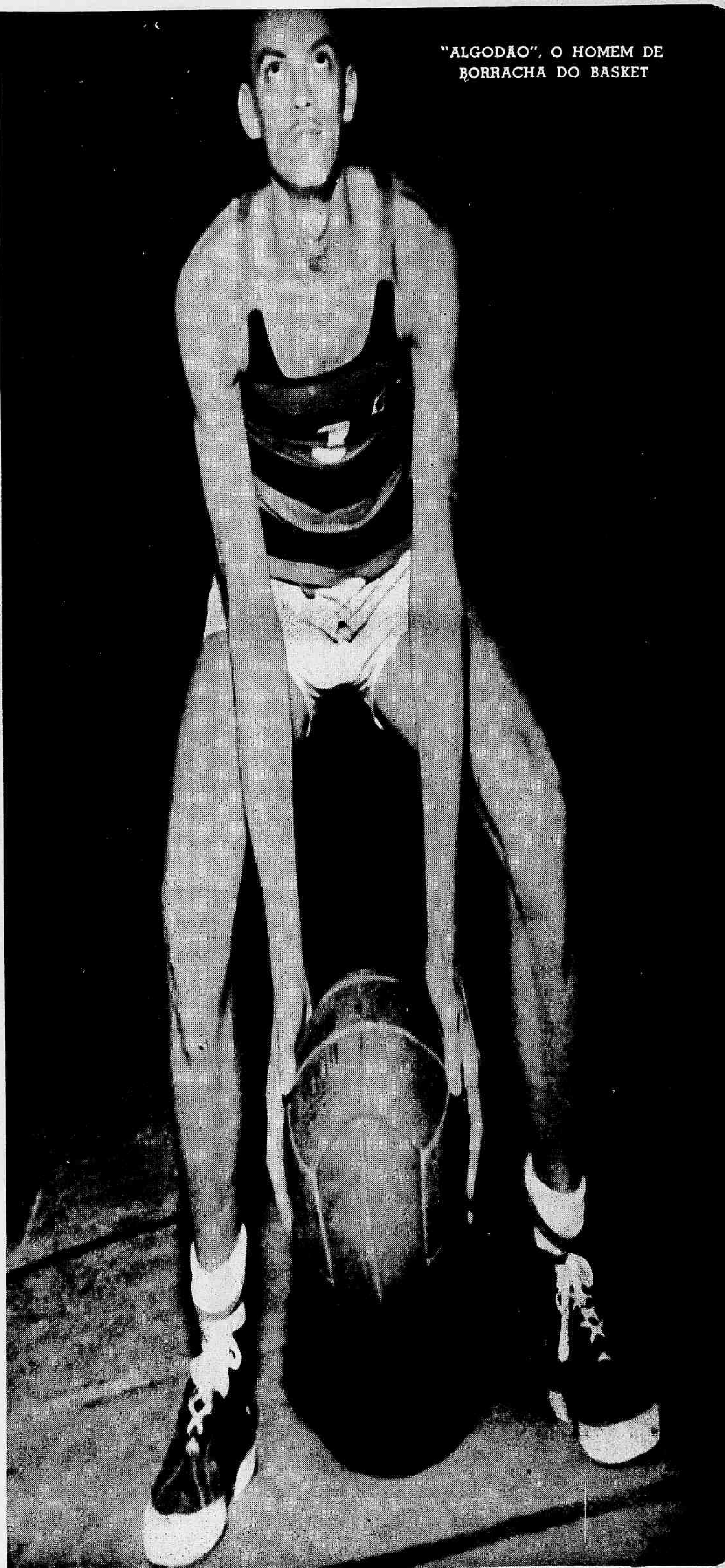
O Flamengo, aliás, lidera o basquete nacional, de dois anos para cá. Não há, em todo o nosso país, e talvez em tôda a América do Sul, um conjunto tão poderoso quanto o "rubro-negro". Tetra-campeão na fase 1929-1932, o Flamengo parece que está tentando repetir a façanha; e para isso conta com "cracks" da envergadura de Algodão, Alfredo, Mário Hermes, Zé Mário, Tião e Godinho, figuras necessárias à seleção nacional e que, exceto Alfredo, apareceram nessa fase de ouro do clube. Qual o principal fator do grande progresso do basquete no Flamengo. Sem dúvida, a especial atenção que lhe vêm dedicando os di-

(Cont. na pág. 48)

RA, outro grande «ás» do time rubro-negro, ame
«passe picado». Êle é a «arma secreta» do Flamen

INSTRUCCÕES — Antes e durante o ensaio, Kanela orienta, ensina e corrige as jogadas dos pupilos. Dever do técnico.





"ALGODÃO", O HOMEM DE BORRACHA DO BASKET



Arnaldo Estrêla e a universalização
nossa música ★ Diferença entre
platéias norte-americana e européi
O único brasileiro no mais fam
programa radiofônico do mundo!
arte popular **detrás da** cortina de f

Texto de GUILHERME G

O S apreciadores da boa música, musicalista
tos, que sabem como sentir e interpret
nuances harmônicas de um accorde
de há muito [illegible]
sitores e intérpretes patrícios para que
cionem suas criações dentro de uma t
restrita, visando, com isso, a universal
da música brasileira. Êsse louvável movi
que objetiva projetar a fôrça rítmica das composiçõe
cionais, nos mais variados gêneros, no panorama
sentativo da música universal contemporânea, possui
tos fervorosos, muitos dos quais já alcançaram surp
dentes sucessos na divulgação e popularização dessas
além de nossas fronteiras.

O jovem pianista carioca Arnaldo Estrêla situa-se
tre êsse grupo que assumiu o sutil compromisso de
cutar à risca tão ousado programa.

Quando de sua recente excursão ao Velho Mundo,
a primazia de ser convidado para realizar audições d
no para o mais famoso de todos os programas radi
cos do mundo — o estupendo «Terceiro Program
British Broadcasting Corporation, na Inglaterra.

E o pianista patrício, desprezando tôdas as lumi
da consagração artística, perante as platéias britâ
decidiu-se a aceitar tão honroso convite, com a con
de que lhe fôsse permitido incluir no repertório a se
cutado — pelo menos duas composições de autores
sileiros!

Sòmente o relato dêsse fatoi serve para que o
possa identificar quem é Arnaldo Estrêla e o que te
feito pela divulgação da música brasileira em terra
trangeiras.

«SELF-MADE MAN»

Nascido pouco depois do alvorecer do século XX
cinco anos de idade já demonstrava interêsse pela m
se bem que êle mesmo confesse que jamais foi o q
estuma chamar de «menino-prodigio». Filho de pai
bres, teve uma infância que em muito se parece com
centenas de outras crianças brasileiras. Uma coin
cia fortuita fê-lo decidir-se a estudar piano. Certa v
que uma tia sua, professora de piano, lecionava uma
menos atenta, possibilitou ao menino louro que tod
dias se postava junto ao piano, responder corretame
uma pergunta sôbre teoria e técnica de dedilhação.
preendida com o acontecido a velha mestra resolve
nistrar-lhe lições de piano. Aprendeu a executar me
com grande facilidade, não demonstrando contudo m
aptidões. Sòmente dez anos mais tarde foi que, pr
pela situação financeira precária, resolveu tirar pr
dos ensinamentos que tivera, e se dispôs a enfrent
novo o teclado, desta vez porém não mais para recr
espírito. Durante muito tempo tomou parte em orqu
de hotéis, restaurantes, bares e cinemas.

Adquirindo o gôsto pela música, que já então lhe
trara no espírito vivo, muito em breve sobressaiu-se
primorosa técnica com que executava as obras mais
ceis e pela vigorosa personalidade que deixava trans
cer na sua interpretação.

Animado pelo incentivo de seus admiradores, deci
a ingressar na Escola Nacional de Música, onde p
cava Barroso Neto, para cursar o último ano. Obt
diploma, logo a seguir foi convidado para pianista-
panhador do Teatro Municipal, tendo mais tarde sid
tivado como pianista da Osquestra do referido T
Tempos depois, fazia parte também, já agora como p
sor-assistente, do Curso de Canto Orfeônico da Uni
dade do Distrito Federal, criação de Anísio Teixeir

Daí para cá, a sua ascenção foi rápida. E é de r
memória o famoso concurso para a cátedra de Pro
de Piano do Conservatório Nacional de Música, que
polêmica suscitou em meados de 1946, e cujo desfec
rificado anos mais tarde, teve como conseqüência
efetivação como professor da referida Escola.

(Cont. na pá

**ARNALDO ESTRÊLA não é compositor. Apenas exímio executante. Para poder completar seus estudos na E.N.M., to
cou por longo tempo em cafés, hotéis, cinemas e até em cabarets. Hoje, afamado, arrebatou as platéias européias!**

EMBAIXADOR DA MÚSICA BRASILEIR



O ÚNICO BRASILEIRO a tomar parte no famoso «Third
Program» da BBC de Londres, onde realizou sete audições



D. MARIUCCIA IACOVINO, espôsa do pianista carioca, virtuose de violino, tomou parte em vários recitais ao lado
marido, nos Estados Unidos, no Canadá e na França. Vemo-la consultando o pianista a respeito do tom de uma



A mesa que presidiu a cerimônia, vendo-se, a contar da esquerda, o dr. Francisco Manuel Brandão, diretor executivo do SAPS; o prof. Waldemar Berardinelli; o prof. Aloysio de Castro; o sr. Stendano, adido cultural da Embaixada Italiana; o dr. Machado Coelho, representante do presidente da República; o major Umberto Peregrino, diretor-geral do SAPS, que fêz a saudação aos premiados, o dr. Francisco Paraíso Cavalcanti, representante do ministro do Trabalho; a dra. Edelweiss Ramalho Cramer e o químico Salatiel Motta, autores do livro premiado, e o dr. Armando Peregrino, diretor da Divisão Técnica do SAPS e membro da Comissão Julgadora.

O "PRÊMIO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO" DE 1949

No dia 5 do mês corente, em solenidade realizada no auditório da A.B.I., teve lugar a entrega do «Prêmio Nacional de Alimentação» de 1949, instituído pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), prêmio êsse de grande prestigio nos meios cientificos, tanto pela sua superior finalidade como pela valiosa dotação — .... Cr$ 25 000,00 — conferida aos seus ganhadores, que foram, com referência ao do ano passado, a dra. Edelweiss Ramalho Cramer, o químico Salatiel Motta e Guilhermina Dias de Pinho, autores do livro «Contribuição ao estudo do teor do Cálcio, Fósforo e Ferro nos alimentos brasileiros». Recorda-se que êsse prêmio de nutrologia, único no Brasil e talvez na América, foi conquistado em 1948 por pesquisadores da Divisão Técnica do SAPS.

Na mesma ocasião, o prof. Waldemar Berardinelli pronunciou uma notável conferência sob o tema «Prevenção e tratamento da obesidade, segundo o conselho de célebres glutões e «gourmets» e as regras do REGIMEN SANITATIS SALERNITATUM». O ilustre conferencista, fugindo ao campo pròpriamente cientifico para melhor prender a atenção da assistência, constituida, inclusive, de destacadas figuras do nosso mundo médico e intelectual, conseguiu desenvolver o «tema longo de minha curta conferência», conforme explicou, com muito espírito e forte dose de humorismo, tendo grangeado, ao terminar, demorados aplausos.



O dr Machado Coelho, em nome do presidente da República, faz a entrega do diploma à dra. Edelweiss Ramalho Cramer



Foi sob o mais vivo interêsse que o prof. Berardinelli pronunciou a sua conferência. Uma notável conferência.



Aspecto parcial da assistência que encheu o auditório da A.B.I.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 20 ★ 20-5-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140.00
Seis meses	Cr$ 70.00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170.00
Seis meses	Cr$ 85.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulso custa Cr$ 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3.50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

QUER SER O PRESIDENTE



Há um senhor residente na Ilha do Governador, que também quer ser Presidente da República. Na verdade, nada mais justo e natural. Basta ser cidadão brasileiro no pleno gôzo de suas faculdades mentais e constitucionais, ter a idade prevista na Magna Carta, para ter direito a tal sonho; mas, o diabo é umtal de Código Eleitoral. Êste, sim, atrapalha às aspirações de muita gente como o indefectível Sr. Silo Gonçalves e agora êste seu confrade de ilusões, Sr. João Pedro da Silva. Com as mãos na Constituição, o Sr. João Pedro acha que pode ver seu nome sufragado nas urnas de outubro próximo; porém, sem ter analisado a situação com certa atenção, nem se lembrou de que, para ver seu nome numa chapa a ser depositada nas urnas, é indispensável esta coisa fácil: além de preencher tôdas as condições exigidas pela Constituição, deve o candidato ser registrado por um partido político de existência legal. Sabe lá o que é isso! Mas o Sr. João Pedro é teimoso e não quer abandonar o sonho que embala de, um dia, governar êste país. Por isso pediu inscrição de seu nome ao Tribunal Superior Eleitoral, como candidato à Presidência da República.

O Presidente daquele órgão, depois de examinar o requerimento o indeferiu, julgando-o inidônio e, conseqüentemente lhe negou o ambicionado registro. O requerente, porém, é teimoso. Vendo-se desamparado pelo T.S.E., muniu-se de uma Constituição e lá se foi litigar perante o Supremo Tribunal Federal, a cuja sabedoria recorreu. Até agora só tínhamos assim o Sr. Silo Gonçalves, crônico candidato à Presidência da República; mas agora, já há outro. A escola progride...

INUNDAÇÕES



Quem observa qualquer mapa do Rio antigo, dos séculos XVII e XVIII, quando a cidade ainda estáva amarrada entre morros e pântanos, verifica, sem precisar ser engenheiro-topógrafo, que a causa principal das calamitosas inundações do Rio está na ausência absoluta de sistema de proteção fluvial para as zonas baixas da cidade. Não nos referimos aos esgotos que há em tôdas as ruas; e sim num sistema de captação das enxurradas que descem de morros e montanhas, como vertentes formadoras de verdadeiros rios. Êsses caudais, em número incrivelmente grande em tôda a área da capital federal, são a causa principal do afogamento da cidade sempre que chove mais um pouco.

Antigamente, antes da edificação que ocorreu depois da chegada da família real com tôda a sua côrte e séquito de fidalgos tangidos de Portugal pelas tropas napoleônicas, as inundações da terra carioca eram muito menos graves, pelo fato de as enxurradas se perderem em pântanos, lagoas e rios em estado natural e selvagem. A proporção que novas ruas e avenidas, praças e largos foram sendo abertos, também foram desaparecendo leitos de riachos, charnecas e lagoas mesmo onde hoje se erguem suntuosas avenidas. Ora, quando o homem corrige a natureza sem que lhe dê, em compensação, outros meios para que ela continue a sua vida de séculos e séculos, os distúrbios não demorarão a sobrevir aos seus interventores. E' o que se passa no Rio. Aterrados os riachos, construídas ruas e avenidas por onde sempre escoaram águas vindas dos morros e serras, sempre que chove mais pesadamente, grandes áreas cariocas se nundam. Que fazer para evitar essas calamidades? Apenas obras de engenharia hidráulica na base dos morros.

O VENCEDOR DE CANUDOS



A 3 de maio de 1850, nascia nesta cidade, um garotinho que foi levado à pia batismal com o nome de Artur e, por extenso, Artur Oscar de Andrade Guimarães. Seus estudos tiveram inicio na cidade de Friburgo, localidade muito apreciada naqueles tempos pelos pais de família que desejavam educar os filhos num clima suíço e com ótimos colégios. O jovem Artur Oscar estudou nos educandários de Friburgo, ingressando em 1868, com dezoito anos de idade, na Escola Mil do Rio de Janeiro.

Rebentando a guerra do Paraguai, o cadete se apresentou mo voluntário e lá se foi dar combate aos soldados de Lopez. terrompeu seu curso, mas ia lutar pela pátria, atitude que tava acima de qualquer outro interêsse. Sua disposição par peleja das armas o encheu de glórias, tendo participado dos c bates de Avaí, Lomas Valentinas, etc., tendo entrado em Hum à frente das fôrças brasileiras vitoriosas. O jovem soldado promovido, por ato de bravura, ao pôsto de alferes e, logo seguida, ao de tenente. Só regressou ao Rio quando a guerra minou, em 1870, retomando êle os seus estudos na Escola Mili Indo servir em guarnições do sul, era êle comandante do Batalhão de Infantaria, quando rebentou a revolução federal em 1892, ficando ao lado de Floriano. Perseguiu e combateu adeptos de Gumercindo Saraiva, sendo promovido a general, tando ao Rio. Em 1897 seguiu para Canudos, comandando a expedição contra os fanáticos de Antônio Conselheiro. Vencend luta, regressou, doente, ao Rio, falecendo a 29 de junho 1903, nesta capital. Deram seu nome à rua do Ouvidor; m depois, tiraram...

QUER MENINO OU MENINA?



Não é nova a tentativa que cientistas efetuam para ver se descobrem um método irreputável e científico para a escolha voluntária de meninos ou meninos entre os casais. Mas, apesar de várias experiências, tudo até agora não passava de esperanças e trabalho perdido. Somente à natureza estava reservada essa obra misteriosa de formar embriões de um sexo e de outro, com aquela média de uns cinco por cento e mais para o sexo masculino. Como chegar-se à fecundação dirigi Não seria excelente que os pais pudessem escolher, a seu m o sexo do filho que está para vir? Quantas vêzes uma família cheia de homens e os pais suspiram pelo aparecimento de u menina! Por outro lado, há casais que não se conformam com casa cheia de meninas sem um só representante do bicho hom

O ideal, pois, seria que os pais pudessem determinar, antes o rebento nascer, de que sexo deveria ser o herói, isto o bebé. Nada no escuro, em matéria de filhos. E isso traria felicidade importante, evitando a que os enxovais não se a tassem aos pimpolhos. Como sabemos, as mães gostam de f êsses arranjos tendo em vista o sexo. Assim, acham que enxoval rosa, deve ser para a menina, enquanto o azul, será tinado ao menino. Coisas da mamãe ou da vovó. Mas, qua chega o esperado, muita gente de casa se alegra, enquanto tros membros da família se entristecem. E' que uns quer homem, enquanto outro, uma menina. Pois tudo isso vai acab Os cientistas Hart e Moody já fizeram excelentes experiên genéticas em cobaias e chegaram a pre-determinar o sexo de a mais. Brevemente a escolha dos sexos dos filhos na espécie h mana pertencerá aos pais. Mas que não haja muita briga...

A PERSONAGEM DA SEMANA

DIA de luto, êsse 7 de maio de 1950, cobrindo de pesar a nação inteira. Desaparece um dos nossos mais distinguidos homens de ciência, médico e bio-fisiologista de vocação, espírito sempre voltado para o bem da humanidade, tendo mesmo sacrificado a saúde e os seus haveres, para salvar milhares de vidas. Morreu Vital Brasil. Mineiro da cidade de Campanha, sul de Minas Gerais, como que trouxe desde o berço o signo de viver eternmente em campanhas científicas. Quando, em 1899, foi Santos invadida pela peste bubônica, dentre os médicos que lutavam para debelar o mal estava na linha de vanguarda o já cientista Vital Brasil, que terminou por ser atacado pelo *morbus* terrível. Continuou suas pesquisas e, unido a outros colegas como Osvaldo Cruz e Adolfo Lutz, obteve do govêrno paulista a fundação de um instituto nos arredores da capital, onde fôsse possível a fabricação de sôro contra a peste negra. Surgiu daí Butantã, à margem do rio Pinheiros, a nove quilômetros do centro da capital. Tôda a varios milhares de pessoas picadas pelas cascavéis e jararacas. E a 11 de parte técnico-científica foi confiada a Vital Brasil, iniciando-se a fabricação do sôro antipestoso. Mas, embora dedicado a êsse fim, Vital Brasil vivia entregue a outra espécie de pesquisa: a de obter sôro contra o ofidismo, ou seja a mordida de cobras venenosas. Sabia êle que, anualmente, morriam no país



O sábio Vital Brasil em uma foto recente

junho de 1901 entregava êle ao consumo os primeiros tubos contendo o sôro anti-ofídico, com o que iam ser salvos milhares de camponeses. Foi premiado pelo Govêrno Federal, e o Estado de S. Paulo o distinguiu com uma viagem de estudos à Europa. Ao regressar, prosseguiu em suas pesquisas científicas e bacteriológicas e iniciou os preparos sôbre o sôro antidiftérico. Muitas descobertas fêz êle e muitos soros fabricou, salvando vidas sem conta. Institutos estrangeiros o honraram e governos de grandes nações o prestigiaram. Em 1924 fundou o Instituto Vital Brasil, em Niterói, sem que abandonasse seus trabalhos e assistência a Butantã. Escreveu grande número de trabalhos científicos em português e francês, todos êles versando sôbre soroterapia. Em 1942, por decreto do Govêrno Federal, foi inscrito no Livro do Mérito. Representou o Brasil em vários Congressos Internacionais de Ciências e era membro de muitos Institutos, Sociedades e Academias Científicas do estrangeiro. Vital Brasil foi um sábio e um homem voltado para a ciência, para os estudos, para as pesquisas em favor da humanidade. Foi o nosso Pasteur. Foi um grande apóstolo da medicina e do laboratório. Nasceu a 28 de abril de 1865 e faleceu agora, a 7 de maio de 1950. Oitenta e cinco anos de vida útil, patriòticamente dedicada inteiramente ao bem do Brasil e da humanidade.

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Quando Francisco Melo Palheta, o introdutor do café no Brasil esteve em Caiena, o que ficou devendo:
— A hospedagem?
— Umas roupas ao alfaiate?
— As plantas do café que nos trouxe?

2 Era no Brasil, ao findar o nosso primeiro século, a mais importante cidade:
— Rio de Janeiro?
— Bahia?
— Olinda?

3 Em que data morreu Colombo:
— 21-5-1506?
— 10-10-1508?
— 3- 6-1503?

4 Que fim teve o primeiro bispo do Brasil:
— Morreu na viagem para a Bahia?
— Foi devorado pelos indígenas?
— Morreu de febre amarela?

5 Quem foi o tutor de D. Pedro II, ao cair o trono de Pedro I?
— O Padre Feijó?
— O general Pinto Peixoto?
— José Bonifácio?

6 Como se chamava o sacerdote católico que morreu envenenado ao beber o cálice de vinho na missa que celebrava:
— Frei Vicente do Salvador?
— O padre Auspicuelta Navarro?
— Frei Clemente?

7 Quanto recebeu o proprietário da casa em que morou Tiradentes, ao ser desapropriada, demolida e salgado o terreno:
— Quatrocentos e dez mil réis?
— Dois contos de réis?
— O título de Barão?

8 Que importância apurou a Justiça do Reino ao confiscar os bens de Tiradentes e vendê-los em leilão:
— Um conto de réis?
— Nenhuma importância?
— 850 réis (menos de um cruzeiro)?

9 Em que parte do Brasil se festejou, em primeiro lugar, a independência do país:
— Em Santos?
— Na capital de São Paulo?
— No Rio de Janeiro?

10 Como se chamava a espôsa de D. João VI:
— Carlota Joaquina?
— Teresa Cristina?
— D. Amélia de Leuchtenberg?

11 Que fim teve D. Maria I, Rainha de Portugal, que condenou os inconfidentes mineiros:
— Morreu de colapso cardíaco?
— De uma picada de cobra?
— Louca?

12 Quantos Duques já houve no Brasil:
— Um?
— Dois?
— Três?

13 Quantos filhos tinha D. João VI, trazendo-os para o Brasil:
— Dois?
— Cinco?
— Oito?

14 Em que parte do Brasil nasceu o bravo militar Artur Oscar:
— No Rio?
— Em Pôrto Alegre?
— Na Bahia?

15 Que nome têm os animais que só vivem nágua:
— Anfíbios?
— Hidróbios?
— Hilariantes?

16 Que outro nome tem a batina dos padres:
— Sotaina?
— Estamenha?
— Guarnacha?

17 De que Estado do Brasil começa a região Sul:
— De São Paulo?
— Do Estado do Rio?
— Do Espírito Santo?

18 Que quer dizer testamento **nuncupativo**:
— O que é feito oralmente?
— O realizado em língua estrangeira?
— O que perdeu o seu valor jurídico?

19 Como se deve pronunciar o nome daquela praia de Niterói:
— De Charitas?
— De Cáritas?
— De Caritas?

20 Qual o nome científico do calo:
— Tiloma?
— Dermatose?
— Hematose?

(Respostas na página 58)

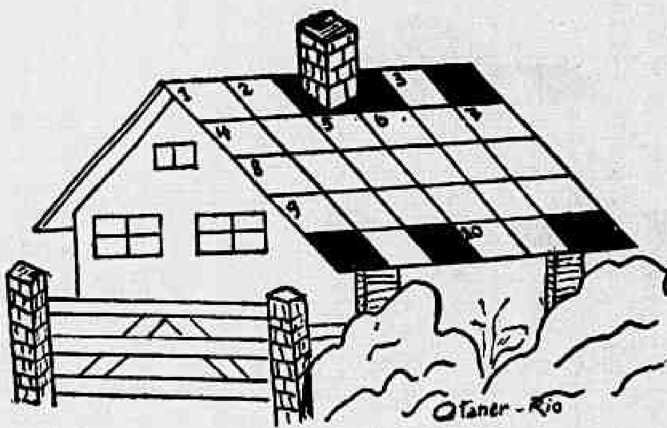
PALAVRAS CRUZADAS

PARA VETERANOS

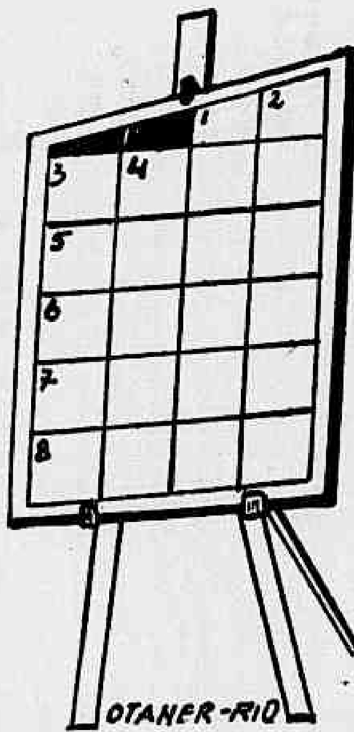
PROBLEMA N. 2

HORIZONTAS: — 1. Soco — 4. Tribo indígena de Goiás — 8. Gretado — 9. Imagem pintada representando a Virgem ou um santo (pl.) — 10. Santíssimo.

VERTICAIS: — 1. Cêrca ou armadilha para apanhar peixes nos rios — 2. — Espécie de urze — 3. Origens — 5. Íntimo — 6. Proveitoso — 7. Pedido de socorro.







PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 2

HORIZONTAIS: — 1. Ali — 3. Ir ao chão — 5. Capital do Peru — 6. Apor — 7. Nome de mulher — 6. Gostes.

VERTICAIS: — 1. Lima de 3 quinas — 2. Patetas — 3. Albumina do ovo — 4. Mandioca doce ou macacheira.



Soluções dos problemas do numero anterior

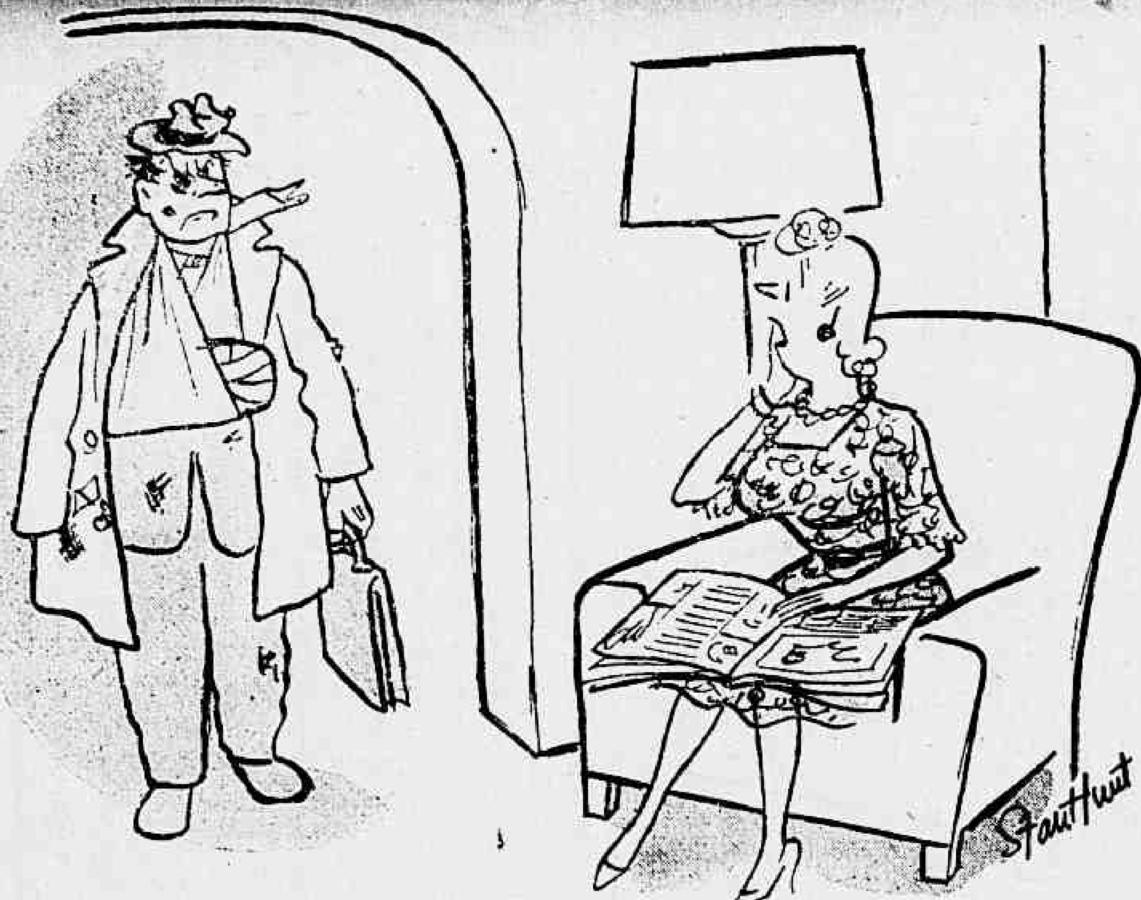
PARA NOVATOS — **Horizontais:** — Coroada — Ir — Ré — Mé — Elejam — Cá — Oa — Areoso. **Verticais:** Careca — Ri — Ar — Alemão — Elar — Mãos.

PARA VETERANOS — **Horizontais:** Al — Nas — Joio — Ac — Loa — Eólico — Unau — Ta! **Verticais:** Manjaléus — Laocoon — Si — Oi! — Alas — Oc — Iú — Ola.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.



LYTOPHAN



— Oh! querido... pedistes aumento outra vez?

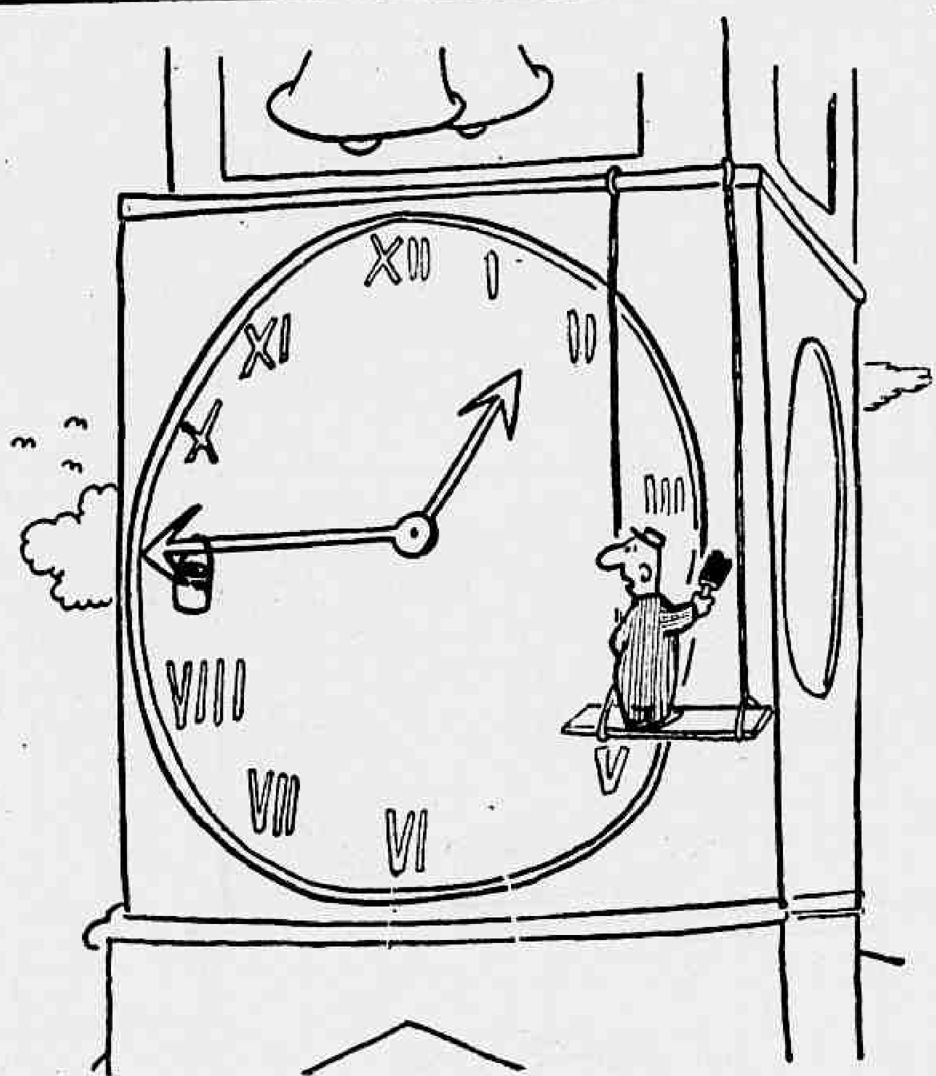


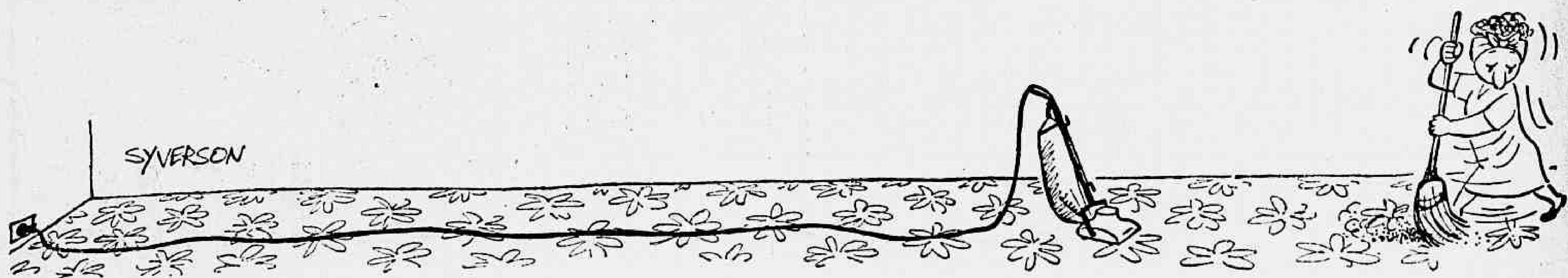
— ... continua na próxima garrafa...

BOM HUMOR











NA INGLATERRA, em 1815, no seio de uma familia tradicional, o chefe, Mr. Barret (Graça Melo), é extremamente conservador e severo com seus filhos. Uma das filhas Miss Bá (Maria della Costa), está adoentada e sente-se feliz quando recebe a visita dos irmãos em seu próprio quarto. Diverte-se vendo a irmã Henriette (Lydia Vani) dançar uma polca

A FAMILIA BARRET

Texto de SERGIO TOFANI

O Teatro Popular de Arte, sob a direção de Sandro Polonio, está realizando uma temporada de verdadeiros sucessos no «Cultura Artística», em São Paulo. A peça de estréia foi a discutida «No Fundo do Poço», já focalizada pela REVISTA DA SEMANA. Agora está em cartaz «A Família Barret», 4 atos de Rudolf Besier, em tradução de Miroel Silveira. Entre os artistas, destaca-se a atuação de Maria della Costa, Samaritana Santos, Lydia Vani, Graça Melo e Rodolfo Arena, além de novos estreantes, como Alberto Maduar. Como a obrigação de mudar de cartaz freqüentemente, o Teatro Popular de Arte está presenteando o público de São Paulo com peças de fama, reconhecidos sucessos de outros elencos, renovando as atuações da Companhia, consagradas pelas críticas do Rio, da capital paulista e dos outros centros onde teve oportunidade de se apresentar. Desta vez trata-se de um trabalho de fama internacional. Logo a seguir será dada «Mãos Sujas», de Sartre, e no repertório constam ainda: «Rebeca», «Morro dos Ventos Uivantes», e «Desejo». Quanto a teatros, São Paulo parece querer marchar à frente do Rio de Janeiro, pelo menos no que diz respeito a iniciativas recomendáveis. Talvez será apenas uma fase de apatia do público carioca para com a arte do palco, mas a verdade é que bons esetáculos de há muito que por aqui não aparecem...



ELIZABETH BARRET, apelidada de Miss Bá pelos familiares, leva uma vida triste, em luta com os preconceitos exagerados do pai. Por isso se considera feliz quando, após o jantar, pode receber em seus aposentos, a visita de seus irmãos Arabel (Samaritana Santos), Octave (A. Maduar), Alfred (Bruno), Charles (Virgílio), Henry (J. Cândido) e George (S. Soldi).



APESAR DE ENFÊRMA, Miss Bá é continuamente irritada pelo pai,, o que aumenta seu es tado nervoso e delicado. Aproveita a moça a visita do médico da casa, Dr. Chambers Maia), para desabafar suas preocupações e conseguir a realização de alguns desejos. E' o caso da cerveja que o pai quer que beba e que o médico substitui por outra mais agradá



MISS BÁ é visitada pela prima Bella Hedley (Ulla Lander) que aproveita a ocasião para se fazer acompanhar do noivo, Mr. Bevan (Wallace Viana) que é apresentado a todos.



MR. BARRET (Graça Melo), descobriu que Henriette (Lydia Vani) namora o capitão Cook (Enôr) e proíbe-a de continuar, forçando-a a jurar sôbre a Biblia, que lhe obedecerá



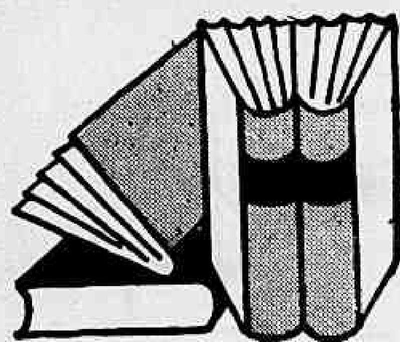
O AMOR de Mr. Barret pela filha Elizabeth é grande e egoísta. Prefere vê-la doente para sempre, do que sabê-la feliz e curada, amando alguém que a possa compreender e querer.



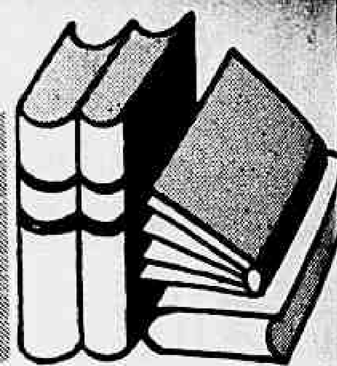
ELIZABETH revolta-se e, em companhia de Wilson (Rosely Mendes), sua criada de quarto, foge ao encontro do marido Robert Browning (Rodolfo Arena), o poeta do século 19.



ESSA FUGA impressionou a família e Arabel (Samaritana Santos), deixa explodir seus recalques num ataque de histeria, em que chora e ri, amorosamente assistida pelos irmãos.



SEMANA LITERARIA



GALERIA DAS CELEBRIDADES



A Eugene O'Neil podemos dar o título de renovador do teatro norte-americano. Abrindo uma brecha entre os dramaturgos do seu país, O'Neil realmente trouxe uma seiva nova ao teatro yankee, quer como temas, quer como técnica. Suas peças, tão nitidamente americanas, permanecerão como uma das mais altas contribuições ao teatro de nosso tempo.

EDMUNDO LYS

O PENSAMENTO E O OBJETO

A posição assumida por Descartes, no limiar dos tempos modernos provocou, nos artistas, uma transformação radical no processo interior de elaboração da obra de arte. Os poetas fugiram dos objetos e buscaram refúgio no pensamento. Essa atitude marcou profundamente os caminhos da literatura. A insistência sôbre o pensamento, sôbre a pessoa que pensa, com o afastamento do mundo exterior, pode levar a duas posições, igualmente perigosas — ou a arte cerebral, em que as emoções desaparecem e ficam despidas de realidade — ou a vulgarização da sensibilidade, que descamba para o sentimentalismo, afastando-se, também da realidade. Ou a arte lógica demais ou a arte demasiadamente psicológica. A revolução feita por Descartes era necessária, porque o artista começava a colocar sua obra muito longe de si mesmo. A reconquista do mundo interior como sempre acontece, devia partir de um filósofo, que, desiludido com as soluções anteriores, procurou, dentro do pensamento, a origem dos erros e a garantia da verdade. Os sucessores de Descartes foram mais idealistas que o próprio iniciador da filosofia moderna. Todo artista, que se deixou levar por essa onda de idealismo post-cartesiano, ficou parado a meio do caminho, sem atingir à maturidade da criação. E' preciso que o poeta, partindo de si mesmo, descubra os objetos, as coisas, os acontecimentos. Com êste acúmulo de cenas: momentos, angústias e coisas, construirá o mundo de sua arte, o tempo de seu mundo, o ritmo de seu tempo. Para isto, luta contra a tendência à interiorização, luta contra seus próprios pensamentos, contra o passado, superando tudo o que lhe ficou de inútil, absorvendo o que de vida sobrou na memória e, acima de tudo, dirigindo-se ao plano dos acontecimentos externos, descobrindo os objetos, palpáveis, sensíveis, não apenas como matéria de conhecimento, mas, também como existência independente de seu campo de vivências. Só assim consegue o poeta criar. Não apenas arrancar pensamentos de si mesmo. Porque a arte é feita por uma pessoa humana para outras pessoas humanas, é um acúmulo de experiências vividas em contacto com as paisagens, com a história, com o amor, com a morte.



O VERDADEIRO DON JUAN

Don Juan terá existido? Depois dos poetas que bordaram a velha lenda sevilhana do Tenório, os historiadores investigaram o assunto e por entre "infólios", procuraram descobrir quem teria sido o herói fadado a perene fonte de inspiração de teatrólogos, rapsodos e músicos, através dos tempos.

Tornada popular, graças à peça de frei Gabriel Tellez, a legenda de Don Juan ganhou mundo. Foi realmente Tirso de Molina, cujo gênio de dramaturgo hoje se conhece graças apenas ao Tenório — quem deu forma a essa vida misteriosa de que hoje existe uma copiosa bibliografia.

E' claro que frei Tellez bordou, sôbre a tradição sevilhana, com a exuberância da fantasia, compondo o destino dramático do seu herói que, assim, resultou completo. Daquelas tradições informes e controversas êle tirou uma história acabada. E, certamente, não se serviu apenas dos relatos mais antigos. Deve ter aproveitado, também, outros elementos, como é próprio de teatrólogos e romancistas.

Assim se descobriram, para o seu Don Juan, vários modelos. Vários homens ilustres, do seu século, lhe ofereceram elementos para a manipulação do herói. Entre êles vem sendo modernamente citado, como modêlo principal de Tirso, um fidalgo de existência real, contemporâneo dêsse drama célebre: Don Juan de Tarsis.

Êsse fidalgo viveu no século XVII e sua existência tem sido últimamente investigada, certos os exégetas de que êle foi realmente o inspirador de Don Juan Tenório.

Don Juan de Tarsis, conde de Villamediana, viveu na côrte de Madri e ocupou o cargo de correio-mor de Felipe IV. Era de alta estirpe, de grande fortuna e gozava de uma situação privilegiada na côrte espanhola. Vivendo em uma época em que o prestígio militar e a glória das letras juntavam novos realces à fidalguia, no tempo do maior florescimento da literatura e da arte, com Cervantes e Velasquez, Quevedo e Zurbaran, Lope de Vega e Cano, tantos e tantos nomes ilustres, naquela côrte brilhante em que o próprio rei fazia sonetos — Villamediana era, também, poeta e espadachim, invejando talvez a glória de Quevedo, tão brilhante nas sátiras e xácaras, como no manêjo dos ferros teledanos.

Don Juan de Tarsis, poeta lírico, fazendo soneto às damas e às cômicas do tempo, batendo-se em duelo por um sorriso ou uma flor, em pouco se tornou célebre. Suas boas fortunas amorosas aureolavam-lhe a mocidade. De soneto em soneto, de amor em amor — o inquieto conquistador chegou a perder a noção das conveniências e, certo dia, ousou erguer os olhos para a própria rainha — D. Isabel de Bourbon, a sábia espôsa de Felipe IV. As tropelias que cometeu ficaram nos anais do tempo e culminaram nas grandes festas que o conde-duque de Olivares preparou nos bucólicos cenários de Aranjuez, para comemorar o décimo sétimo aniversário de Felipe IV.



Para essas festas foi promovido um espetáculo teatral. Don Juan de Tarsis escreveu uma peça em versos, misto de revista de grande maquinaria e de auto-pastoral, a gôsto do tempo — "A Glória de Niquéa". O mais curioso da peça é que seria representada pela rainha, pela infanta e pelas damas de honor. Ao fim do ato, assistido por tôda a côrte e pelo povo, conta-se que Villamediana, cujos versos eram ostensiva declaração de amor à rainha, que representava a "Deusa da Formosura", pôs fogo ao palco e, assim, em meio ao pânico geral — salvou a soberana, carregando-a nos braços.

Parece que êsse episódio — que Tirso naturalmente não aproveitou — marcou o fim da carreira de audácia de Don Juan de Tarsis. Conta-se que, algum tempo depois dessa façanha, Villamediana foi assassinado em plena rua e que, depois de ter sido apunhalado, ouviu-se que o assassino saíra gritando:

— Justiça de el-rei!

Êsse Don Juan de Tarsis teria sido um dos principais, senão o principal modêlo de Tirso de Molina.

ALENCAR E A CRONICA MUNDANA

O romancista e politico que foi senador e conselheiro, estadeia em um dos seus romances mais interessantes, "Senhora" — há pouco reeditado pela Livraria Martins, juntamente com "Diva" e "Luciola", num só volume sob o titulo "Perfis de Mulher" — seu trato da sociedade e do meio elegante da época, seu conhecimento de trajes e mobiliário do bom-gôsto e do "chic", das casas de moda e do "dernier cri" da rua do Ouvidor.

Muito antes de Figueiredo Pimentel e de João do Rio, em "Senhora", comprazia-se na descrição dos costumes requintados, dos vestidos e da beleza das damas, ao mesmo tempo que citava as casas de moda, as camisas da Cratten, a alfaiataria da Cas do Runier, os calçados do Campos, as luvas de Jouvin, as perfumarias do Bernard e do Louis — fornecedores do seu herói Fernando — os nomes dos artistas célebres, o Lagrange, a Stoltz, e lançava modas como a do corso, em Botafogo, que nasceu também neste livro — e não no "Binóculo", da "Gazeta de Noticias", com que Pimentel, o homem de "O Rio civiliza-se", pretendeu muito mais tarde elegantizar a cidade.

A respeito dêsse corso — que durante certo tempo se realizou — lemos em "Senhora" que Aurélia se lembrou fazer da praia de Botafogo um passeio como o "Bois", o "Prater", o "Hyde Park" e — "durante dias ela e algumas percorriam de carro aberto, por volta de quatro horas, a extensa curva da pitoresca enseada, espairecendo a vista pelo panorama encantador e respirando a fresca viração do mar".

Diz-nos, também que os bailes à época acabam tarde e que nesses saráus servem-se ceias. Os cigarros começam a aparecer — o hábito do fumo ia da pitada ao cachimbo e ao charuto, sobretudo — e êle os considera nojentos.

Em matéria de mobiliário são numerosas as suas referências. Sabemos, por exemplo, que um dos móveis do tempo é a "conversadeira". Aurélia, a "Senhora", possui uma escrivaninha de araribá rosa, guarnecida de relevos de bronze dourado. Usa sinete, lacra a correspondência, escreve em perfumado papel cetim de gume dourado, com o seu monograma, A. C., em relêvo escarlate; tem no "segrêdo" da secretária um sofre de sândalo embutido de marfim; usa timpano para chamar criados, lê George-Sand e gosta que Fernando Seixas, que era poeta, leia para ela os poetas, sendo dêle a opinião de que o "Corsário" é um dos mais lindos poemetos de Byron.

No quarto de Seixas encontramos "móveis de erable", jóias próprias de um cavalheiro elegante — anel de rubi e uma abotoadura completa, de brilhantes; o seu rico toucador é alumiado por duas arandelas de cristal com velas côr de rosa; há ali também elegante escrivaninha de mirapininga, sôbre a qual está a fita de chamalote escarlate bordada a ouro com o seu monograma; o criado apresenta-lhe após a refeição o porta-charutos de araribá rosa tauxeado de prata e guarnecido de legitimos havanas", bem como uma lâmpada também de prata "em cujo bico cintila a flama azulada do espirito do vinho".

Aurélia possui ainda elegante "vitória" tirada por um parelha de cavalos do Cabo. E na casa de Laranjeiras, onde Fernando cultiva tabuleiros de violetas de Parma, o casal joga o "écarté" e, à uma hora da tarde, o criado anuncia "aportuguesando o têrmo inglês "luncheon", segundo o costume geral:

— O lanche está pronto.

★

Alencar informa-nos ainda sôbre as modistas da rua do Ouvidor, que expõem as "novidades parisienses". E, além de contar que Aurélia tem dezenove anos e que possui "o braço mimoso e torneado", nos fala nas francesinhas do "Alcazar" — que o Lemos acha que "são umas gibóias" — refere-se aos moços de "bigodinhos" — farejadores de dotes, segundo também o Lemos — e nomeia o hotel da Europa, onde o Seixas vai almoçar.

Pelo que aí vemos, o mestre indianista deve ser considerado como o avô de nossa crônica mundana, precursor de um gênero que conta entre os seus cultores mais ilustres, Elisio de Carvalho, João do Rio e Peregrino Júnior.

FORA DO PRELO

REEDIÇAO DAS OBRAS DE PAULO SETUBAL

Já tratamos, neste registro de livros, da reedição que vem sendo feita das obras de Paulo Setubal.

Um dos volumes mais interessantes do romancista de «A Marquesa de Santos, é sem dúvida o seu «Confiteor». Lembro-me de poucos livros que me tenham dado uma tão pungente emoção. Nele o escritor nos conta a história do seu drama moral, da sua crise, da sua volta à igreja, deixando-nos, assim, uma das mais belas e edificantes lições que a sua inteligência nos podia legar.

Lembro-me de poucos livros tão eloqüentes como êste, de uma simplicidade tão tocante, de um confessionismo tão imperioso, de uma linguagem tão sincera. As páginas de «Confiteor», mais do que as páginas das «Memórias», de Humberto de Campos, visam protestar contra as mentiras literárias, a vaidade mundana, a hipocrisia da glória. Mais do que nas «Memórias», onde persiste, no fundo, o homem de letras e — «Vanitas vanitatem» — o orgulho do autodidata, o prazer da vitória; mais do que no livro de Humberto, nas páginas de «Confiteor» sentimos o vazio profundo das ambições, a mesquinharia da glória e apreciamos o drama do escritor que lança o seu protesto contra os próprios erros, reunindo tôdas as suas fôrças dara tornar mais eloqüente seu repúdio à falsa literatura e à frívola mundanidade.

Aquêles capitulos em que Paulo Setubal nos conta sua conversão, seu prodigioso conflito em tôrno da publicação de um romance que deixava de ser compatível com a sua «vida nova» — são capítulos de uma singeleza perfeitamente cristã e que não têm apenas o valor literário, nem só a qualidade do documento humano: é uma alta lição de moral que, certo, há de fazer um grande bem a muitas almas, dar um sinal a muitas consciências — nos silêncios dos exames introspectivos, nos momentos de angústia recôndita, nas batalhas escondidas dos espíritos. Há de fazer muito bem, sim, porque não há obra de virtude e edificação que, feita com sinceridade e com fé, deixe de operar e de valer no serviço de Cristo.

Agora que as biografias, as memórias, os «journals» interessam tanto, essa autobiografia de um espírito precisa ser mais conhecida. Porque em «Confiteor» temos um lado novo das memórias, um valor novo do livro que Paulo Setubal escreveu, porque passou por um grande sofrimento e provou as alegrias dulcíssimas da conversão.

Já lera antes um livro assim, um livro que foi escrito, também, como um «confiteor», e porque o seu autor, através do sofrimento, recebeu a graça do Senhor: «La Bonne Souffrance», de François Coppée. A situação em que se formou o livro francês, sua matéria e sem tom, tudo o avizinha da obra última de Paulo Setubal, que não sei se foi o último livro que escreveu. A crise do romancista brasileiro, o conflito, a volta à serenidade, com a graça de Deus — como que recapitulam o drama do poeta francês, nas páginas emocionantes do «Bom Sofrimento». Ambos êsses livros constituem documentos raros do espírito e que prezamos, acima de tudo, como exemplos dignificantes da profissão literária. Não há neles apenas o quadro impressionante e de sabor popular da conversão de Bocage — mandando, do seu leito de morte, que a posteridade rasgasse os seus versos. Mas, existe muito mais humanidade, porque muito mais cristianismo — a graça sublime de confessar a própria insignificância, confissão dos erros, corajosa e rara, principalmente quando essa confisão traz implícita, a negação de tantas atitudes literárias, de tanto modo de ser do autor, para o qual o memorialista não reserva a mínima complacência.

ANA KARENINA

Uma reedição oportuna: «Ana Karenina», de Tolstoi, lançada pelos editores Pongetti, que também acabam de publicar dois livros momentosos: «O Drama dos Estados Unidos», de John Gunther, e o admirável romance, de ambiente histórico, verdadeira obra-prima no gênero, «Sublime Destino», do romancista e historiador Lion Feuchtwanger, e que aconselhamos a quantos apreciam êsse tipo de «história romanceada».

VISAO DE PAZ

Maria Isabel nos dá, com «Visão de Paz», edição Agir, seu segundo volume de poemas. Depois de sua «Rosa Leve», um dos mais lindos livros de poesia dos últimos cinco anos, aparecido em 1944, com «Visão de Paz», ela renova o mesmo encantamento, a mesma doçura, a mesma emoção que nos trouxeram as páginas, os versos de «Rosa Leve», cujo título fixava tão bem a maneira de seu lirismo, a altura de sua voz e a delicadeza de sua sensibilidade.

Maria Isabel, em «Visão de Paz», soma novos acentos ao seu lirismo. E marca, de maneira mais precisa, como uma das vozes mais originais e comoventes de nossa atual poesia.

POESIA ATÉ AGORA

Edição de José Olimpio, temos em mãos, «Poesia até agora», de Carlos Drumnd de Andrade, incluindo a obra admirável de nosso grande poeta moderno e compreendendo seus cinco livros e um apêndice de Novos Poemas.

Não saberíamos dizer todo o imenso bem que nos merecem êste poeta e sua poesia — uma das mais puras e altas de tôdas as poesias — e citaremos Álvaro Lins: «Não estamos sòmente diante de um grande poeta, mas de um poeta extraordinário na literatura brasileira».

POESIAS COMPLETAS

Numa cuidada obra gráfica da C. E. B., linda capa de Axel Leskoschek, foi lançada nova edição aumentada das «Poesias Completas», de Manuel Bandeira.

O livro é o primeiro da «Coleção Poesia» da nova editora, coleção dirigida por Homero Icaza Sánchez. Muito bem — a coleção começa por onde devia, pelo grito do Ipiranga de nosso lirismo — o grito da poesia de Bandeira.

Êste volume das «Poesias Completas» do grande bardo nacional inclui mais dois livros: «Lira dos Cinquentanos» e «Belo Belo».

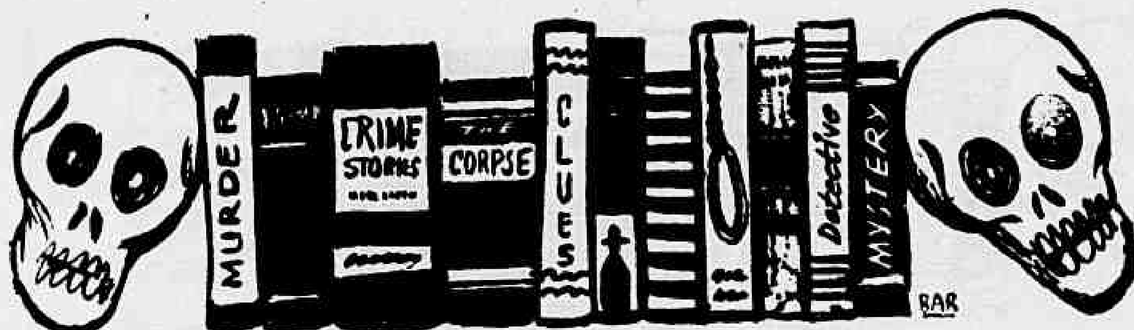


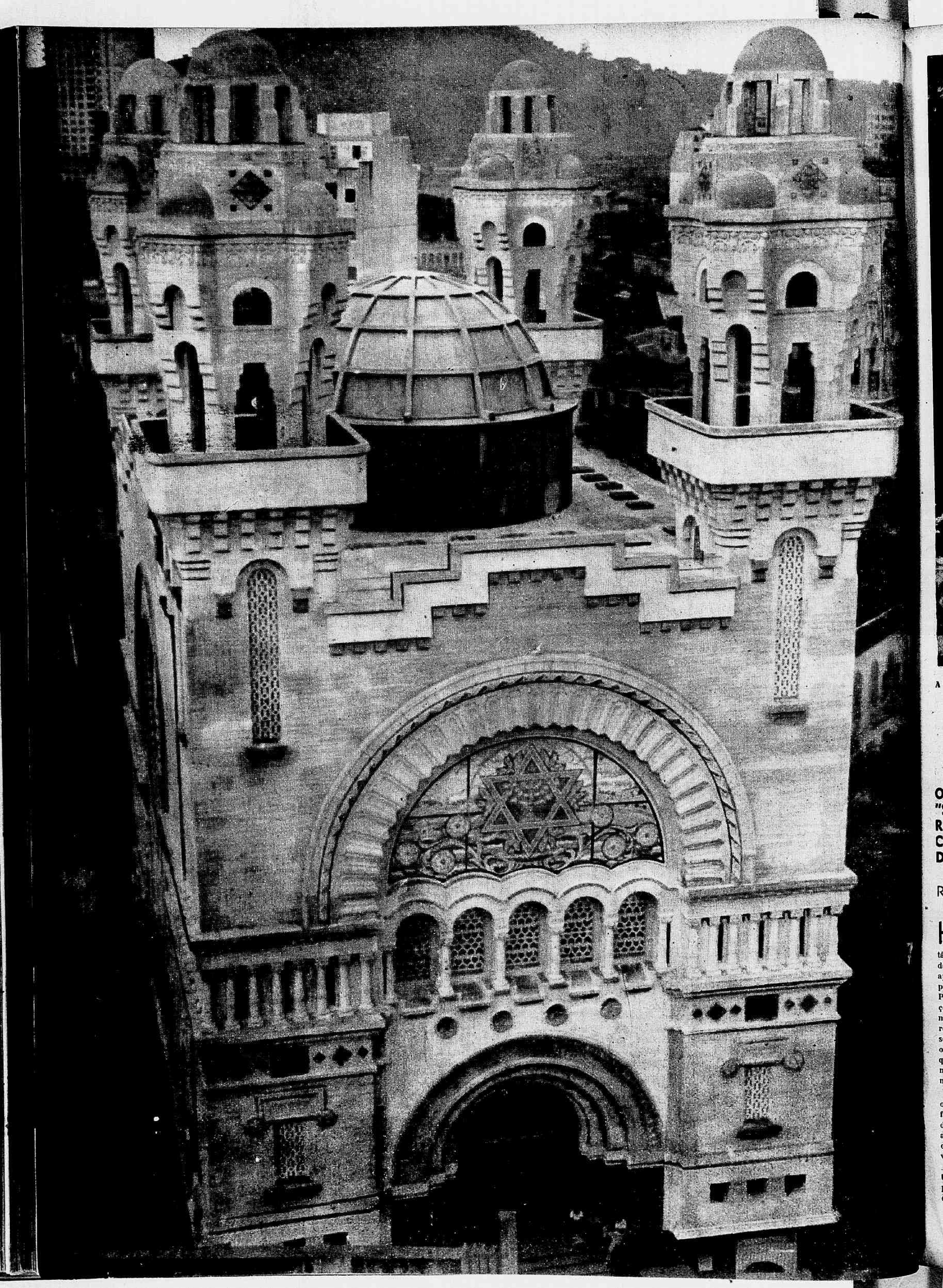
A propósito, queremos lembrar que há um outro livro de Manuel Bandeira, também editado pela Casa do Estudante do Brasil, indispensável a quantos se interessam por poesia — «Apresentação da Poesia Brasileira», que inclui uma antologia de quarenta poetas.

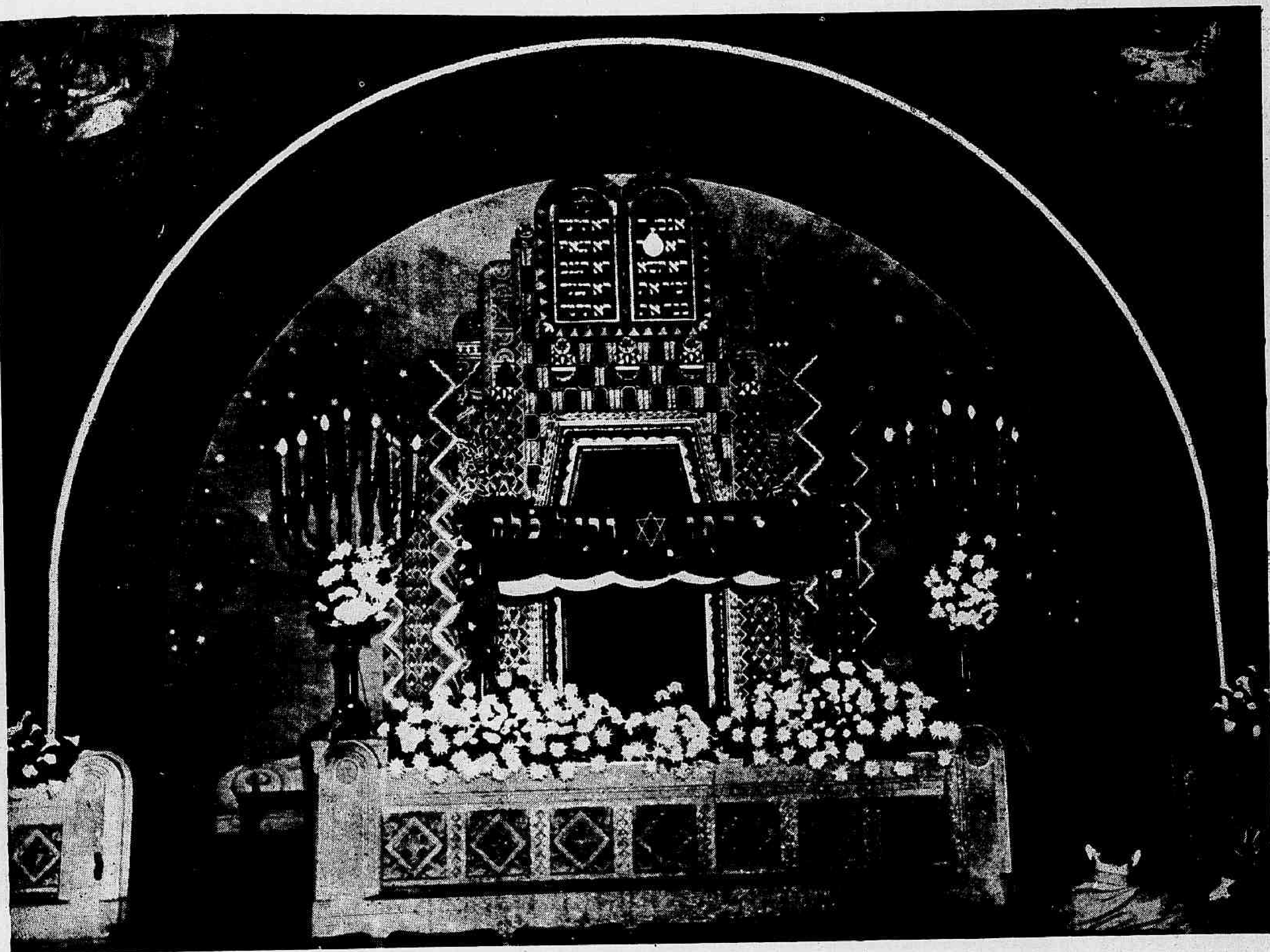
NOSSA MAXIMA CULPA

Miecio Tati surge entre os nossos romancistas com o livro «Nossa Máxima Culpa». E' uma obra de estréia que merece todo o interêsse, pela real vocação de romancista, que nos traz. Um romancista com um assunto e com um estilo, estilo de «falar em voz baixa» — como disse na orelha do livro o nosso sempre certo Alvaro Moreyra.

Miécio Tati é um romancista quase poeta ou tão poeta como os poetas: Êle apenas escreve em prosa — mas fala muito bem da lua, a nossa lua laforgiana, a lua de nossa misteriosa maçonaria lírica. Um livro que se deve ler, nesta hora de tantos romances de «mocinhos» e de mulheres inesquecíveis. Romance de gente como os outros, com a vida, a paisagem e a poesia.







A esquerda: o suntuoso Templo Israelita do Rio de Janeiro, de construção recente, onde se realiza a cerimônia do himeneu entre os filhos de Israel. Ao alto: — ao fundo da nave, vislumbra-se o sagrado local, ostentando a beleza do seu esplendor oriental, onde o rabino celebra a cerimônia do casamento.

CASAMENTO COM CHAPÉU NA CABEÇA

O ESTRANHO COSTUME DOS JUDEUS EM TODOS OS PAÍSES DO GLOBO ★ "SEFARDIM" E "ASKENAZIM", DOIS GRUPOS DISTINTOS ★ A LENDA DO RABINO GUERSON, QUE ABOLIU A POLIGAMIA ENTRE OS HEBREUS ★ O CASAMENTO ENTRE OS JUDEUS DO BRASIL ★ "GUEFILTE FICH", "STRUDEL", "BEIGALEH", ARENQUE, PEPINO AZEDO, VINHO E DANÇA EM RODA

Reportagem de NELSON VAINER  Fotos de ARNALDO VIEIRA

HEINE escreveu alhures que os judeus, eternos alunos da escola da Adversidade, criaram para si, em sua interminável jornada pelo mundo, uma "pátria portátil". Sábia definição essa do genial autor das páginas de "Reisebilder". Com efeito, os israelitas, onde quer que aportem, estabelecem-se numa pátria própria dentro da pátria que os acolhe. E não só a sua pátria é portátil. Portáteis são os seus governos religiosos, as suas tradições milenárias, a sua mentalidade, o seu caráter, a sua maneira de viver, pensar, proceder. Nisso reside a poderosa fôrça dos judeus, que durante tantos séculos de perseguições inauditas, souberam sobreviver e salvaguardar o tesouro espiritual dos seus remotos antepassados, enquanto que muitos outros povos desapareceram definitivamente da face da terra, deixando atrás de si os vestígios materiais da sua passagem.

Embora pertencendo totalmente ao país em que nasce, o judeu é sempre judeu, quer êle seja inglês ou italiano, francês ou russo. Erròneamente interpretada, tal maneira de proceder tem servido de poderosa arma nas mãos dos anti-semitas, os quais, lançando mão dêsse recurso, acusam os judeus de jamais se integrarem nos países em que vivem.

Interpretação errônea, repetimos. Um filho de pais católicos, por exemplo, nascido na Índia, ou um filho de protestantes nascido na Turquia, ou, ainda, um filho de protestantes nascido na Turquia, ou, ainda, um filho de pais budistas nascido nos Estados Unidos da América do Norte, jamais deixa de pertencer à religião dos seus pais, embora sendo grande patriota do país em que nasceu e vive. E não é êste o caso dos judeus, cuja Lei de Moisés, certamente criada para tais casos, ensina aos hebreus: "A lei do país em que viveres, será lei para ti"? Milhares de israelitas deram provas de patriotismo em todos os países em que viveram mas, ao mesmo tempo, jamais deixaram de pertencer ao seu grupo étnico.

Reduzidos apenas a coletividades religiosas desde a sua dispersão pelo mundo, os rabinos e os líderes dessa nação dispersa trataram, no afã de sálvar o judaismo do desaparecimento total, de manter pura a sua raça, impedindo casamentos mistos e impondo a lei de Moisés, como base da vida e pensamento judaicos. E, graças a êsse esfôrço, salvaguardaram tôdas as tradições do seu glorioso passado.

Hoje, transcorridos cêrca de dois mil anos de vida errante, os judeus continuam a ser os mesmos, apesar da tremenda evolução que varreu o mundo inteiro e para a qual muitíssimos judeus contribuiram com a sua sabedoria e inteligência. E' verdade que inúmeros judeus se assimilaram e muitos outros se modernizaram mas, no fundo, são tão judeus como os seus correligionários religiosos e mesmo fanáticos porque, por mais estranho que pareça, o judaismo dos seus antepassados está sempre presente na massa do seu sangue.



O NOIVO é o primeiro a subir os degráus, em companhia dos padrinhos, de chapéu na cabeça. A noiva vem depois.



O RABINO prepara os papéis que são assinados pelos nubentes, pais e testemunhas



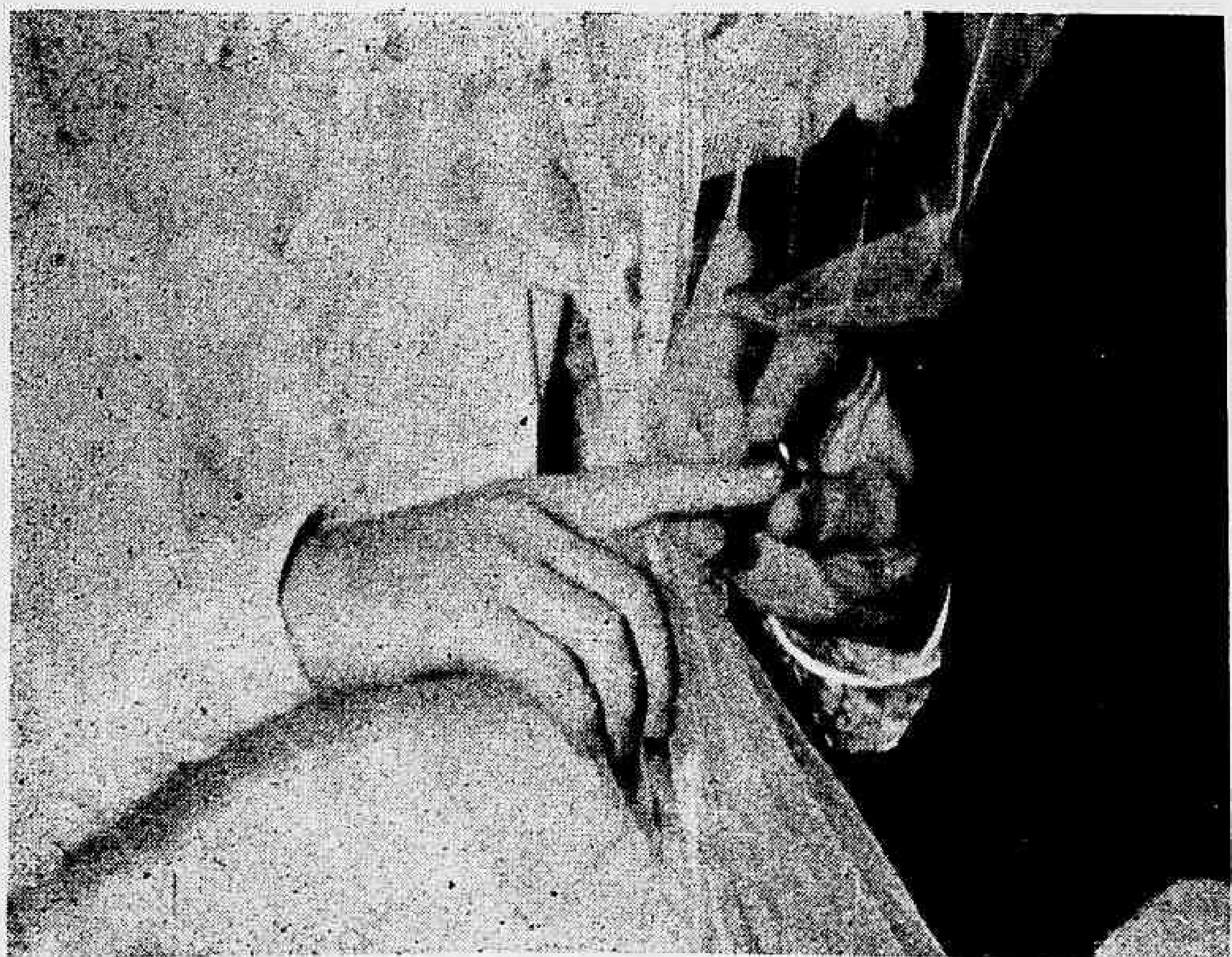
O RABINO procede à leitura do ato do casamento, de acôrdo com a tradição de Isra



O AJUDANTE do rabino entrega ao noivo a clássica taça de vinho. Êle bebe e passa à noiva



A NOIVA recebe a taça, levanta o véu e bebe um pouco. Êste ato se repete duas vêzes



O RABINO coloca o anel no dedo indicador tanto do noivo como da noiva. Em seguida, o noivo pega na mão da noiva e colocando o anel no seu dedo anular declara, em voz alta, que a desposa de acôrdo com a Lei de Moisés e de Israel



POUCO ANTES do fim da cerimônia, o noivo quebra, com o pé, um copo de vidro, que simboliza a destruição do Templo de Jerusalém. Esse acontecimento trágico jamais deve ser olvidado pelos judeus, mesmo nos momentos felizes em que realizam festas

MATRIMÔNIO, POLIGAMIA E DIVÓRCIO ENTRE OS JUDEUS

Desde o primeiro patriarca, Abraham, o matrimônio entre os israelitas tem sido uma das mais sublimes das suas leis. No entanto, influenciados pelos seus vizinhos orientais, os judeus já foram polígamos. Quanto ao divórcio, sempre existiu e continua em pleno vigor entre os judeus, onde quer que se encontrem.

A abolição da poligamia entre os judeus, se deve ao rabino Guerson, nascido na França em meados do século X. Embora destituído de qualquer autoridade oficial, mas baseando-se na sua autoridade religiosa e na sua sabedoria, êsse rabino conseguiu acabar para todo o sempre com tão bárbaro costume. Consta, porém, que êsse mesmo mestre possuía mais de uma espôsa até a sua reforma nesse terreno... A tradição judaica procura esclarecer por que o rabino Guerson, que foi polígamo, deliberou abolir a poligamia entre os seus correligionários.

Refere a lenda que as autoridades francesas, perseguindo atrozmente os judeus, mandaram prender o rabino Guerson, e o encarceraram, numa alta tôrre, para o resto da vida. Passaram alguns anos, sem que o rabino jamais recebesse a visita de uma sequer das suas várias espôsas. Mas, certo dia, a sua primeira mulher foi procurá-lo. Conversaram alguns minutos e, na despedida, a visitante entregou ao marido alguns comestíveis, dizendo-lhe baixinho que num dêles se achava um bicho da sêda. O rabino compreendeu incontinenti a intenção da sua fiel companheira. Novamente só, pôs-se a cuidar do bichinho. Alguns meses depois, o rabino pôde trançar uma forte corda com a sêda produzida pelo bicho. E numa noite escura, burlando a vigilância, escapou da tôrre, graças à corda de sêda. Em liberdade, conseguiu perdão das autoridades e desde então iniciou a luta contra a poligamia, saindo vencedor. No seu édito, declarou que a melhor companheira do homem, é sempre a sua primeira espôsa...

O CASAMENTO JUDAICO NO BRASIL

Em quase todos os países em que vivem judeus, êles se dividem em dois grupos distintos: Sefardim, oriundos da península ibérica, e Askenazim, designação que se refere aos israelitas alemães, húngaros, poloneses e de todos os Estados eslavos.

Muita razão tinha Napoleão quando afirmou que "os judeus são uma Nação dentro de outra Nação". Embora salvaguardando as tradições e leis dos seus remotos antepassados, os israelitas vão perdendo certos costumes e, ao mesmo tempo, adquirem os costumes dos povos com os quais convivem. O estilo das sinagogas, os trajes dos judeus, as datas nacionais e as festas religiosas em cada país diferem muito umas das outras, notando-se em cada uma dessas manifestações a influência que o meio exerce nelas. Os Sefardim, onde quer que se encontrem, rezam e cantam em língua hebraica e só falam o idioma espanhol. Os Askenazim, também rezam em sua língua primitiva mas, falam quase todos o "Idich", língua derivada do alemão arcaico e enriquecida com palavras hebraicas, francesas, russas, polonesas e de muitas outras.

Há, evidentemente, entre êsses dois grupos, uma diferença. Foi do grupo Sefardim que saíram os grandes vultos como Spinoza, Maimonidas e muitos outros que deixamos de citar aqui para incluir um conceito dum historiador judeu-português, segundo o qual "os Sefardim, habituados a dominarem numa civilização brilhante, para a qual tinham contribuído profundamente, conservavam o gôsto pelos seus idiomas de origem, que no próprio exílio, procuravam falar com pureza; entregavam-se aos estudos históricos e científicos, tinham o gôsto do luxo e muitas vêzes fizeram sentir, com dureza, aos seus correligionários Askenazim, a sua superioridade superficial".

Vejamos, agora, como se processa o casamento entre os judeus dêsses dois grupos, radicados em nosso país.

A cerimônia do enlace matrimonial entre os judeus Sefardim, se reveste de brilho excepcional. O rabino se veste de tal forma, que pode ser confundido com um padre católico. No recinto, todos os presentes, de chapéu na cabeça, se mantêm num silêncio sepulcral. Após a cerimônia, o rabino pronuncia um discurso, em língua portuguêsa, ressaltando as virtudes da união legal entre duas pessoas, e realça a significação do matrimônio em todos os tempos. Uma solenidade moderníssima, apesar do seu caráter quase que completamente oriental.

O casamento entre os judeus Askenazim difere muito, dependendo do que cada grupo havia adotado no seu país de origem. Num casamento entre judeus de origem alemã, nota-se em tudo a ordem germânica... Quanto aos de origem eslava, pode-se dizer que os casamentos entre êles não difere uns dos outros. O rabino, de longas barbas e olhar vago, é judeu cem por cento, típico e carasterísticamente. A cerimônia é celebrada em hebraico. Em todo o recinto, os presentes, de chapéu na cabeça, falam o "Idich". Finda a cerimônia, os convidados se encaminham para o salão de festas. As mesas são servidas com tudo que há de melhor, predominando a comida puramente judaica. "Guefilte fich" (peixe recheado, que até inspirou um compositor judeu, existindo uma gravação com êsse nome, o de entre as aspas) "Strudel" (doce feito de massa, maçã, ameixa, nozes, uva-passa e outras coisas mais) "Beigalech" e outros tipos de pastéis muito gostosos.

Depois, dão expansão à sua alegria. Dançam em roda, batem com tôda fôrça com os pés, cantando e suando por todos os poros.

Quanto à música tocada nos casamentos judaicos, que todos supõem ser puramente judaica, é de origem búlgara, rumena, polonesa, húngara, corrompida às vêzes, melhorada a maioria das vêzes, alterada, modificada.

Assim é o casamento entre os judeus, e provàvelmente assim o será sempre, "In saecula saeculorum", malgrado à violenta onda de modernismo que varre todos os países em que vivem judeus e que não consegue, contudo, extirpar o precioso legado dos seus remotos antepassados hebreus, — a Tradição.



ENTRAR no Templo sem chapéu na cabeça é tão desrespeitoso como entrar de chapéu na cabeça na Igreja Católica



Os que não dispõem de chapéu recebem, à entrada, um barrete de sêda preta, e na falta dêste, põem um lenço à cabeça



MENINO TRISTE



O garôto aparentava sòmente dez anos, contudo tinha já seus doze anos — uns olhos adultos, cara fechada, sem sorrisos no seu corpo magriço, pequeno com pronunciado raquitismo trazendo incerteza sôbre sua idade real. Meio encolhido sôbre o tamborete, as costas em arco, sem firmeza, olhava pausadamente o corpo envelhecido e doente da mãe estirado numa cama estreita. Gostava de ficar assim, quieto, mudo, pensando triste, sem saber nada. Na verdade, não sabia muito sôbre coisa alguma, nem mesmo sôbre a moléstia horrível da mãe. Nem quando começara. De primeiro, o que recordava, eram os lamentos angustiados, as palavras cansadas, o rosto enrugado um pouco hostil, aquela fixidez do olhar endurecido, o apressado dos movimentos nervosos e a correria para a fonte na primeira baixada perto do quintal. Tôdas as manhãs, num hábito firme de horários (não tinham relógio em casa, nem na vizinha, onde D. Eulália morava, mas acostumara-se com a quentura do sol, com a zuada dos bichos familiares e do lugarejo, com até o bom-dia pontual do João Pedro, que nunca se enganavam na hora, êle e sua mãe, pois seguia também para a lavagem, ajudando-a no carregamento das trouxas) ela já caminhava doente para o ribeirão, com um pouco de tosse sêca e um pigarro irritante (se ela fumasse como as outras mulheres lavadeiras, estava certo, mas nunca vira sua mãe com cigarro ou cachimbo). Para êle, no entanto, o hábito começara no comêço daquele ano, os anteriores, ia à escola pública onde aprendera uma porção de coisas. A professôra Inácia dizia para todo o mundo que êle era inteligente, não compreendia o que queria dizer "inteligente" mas desde logo soube que era uma qualidade, não um defeito. Os seus colegas, tinham "melhor figura", uma roupa mais limpa, sem rasgões (não que sua mãe não lavasse suas roupinhas, mas com o uso constante elas se tornavam encardidas e amareladas) e por isso zombavam dêle, riam e batiam-lhe muitas vêzes, mas sòmente durante as horas de recreio em que os professôres não estavam presentes. Ficava triste, com vontade doida de chorar, mas de que adiantaria? Apesar dos insucessos junto aos colegas pela sua cara feia, pelo seu aspecto sujo e miserável, considerava maravilhoso aquêle tempo em que aprendia tanta coisa nova e a ver o mundo vasto, um mundo que não era sòmente aquêle bairro pobre, aquela rua de barro sôlto e lama quando a chuva era forte, aquêle barraco de três peças com zinco no teto e paredes esburacadas sem rebôco, onde nascera, diziam seu pai e sua mãe (nas raras vêzes em que conversavam os três juntos). Era bom, muito bom, saber coisas. Num silêncio de quem começa cedo a concentrar-se, urdia perspectivas de um futuro diferente e melhor, para êle e sua mãe. Sonhava com uma boa escola que, ao fim de alguns anos, lhe traria um diploma. Então ganharia muito dinheiro. Viveria numa rua limpa. E seria respeitado, poderia alimentar sonhos, integralizar-se no silêncio que lhe era tão necessário como água, para a sêde de todos os dias. Mas os dias passavam e a situação piorava Ninguém lhe dava roupas usadas, e as duas únicas (que lhe vieram tôdas as duas do menino Frederico, filho único de D. Flora, para quem sua mãe era lavadeira há anos) estavam gastas, descoloridas e os rasgões na calça e na camisa ficavam maiores em cada lavagem, não adiantando os pontos dados por sua mãe, nos poucos minutos de fadiga. E depois, quase não podia sair de casa, naquele ano, sua mãe ficava mal tôdas as manhãs, com febre, o corpo ardendo, sob uma colcha de retalhos, cheia de côres diferentes, que quando nova era bonita. Ficava tanto tempo pensando naqueles pedacinhos de panos tão diferentes que foram usados em coisas tão diversas e tão sem época ou local. E imaginava que várias criaturas se assemelhavam com aquela colcha, vivendo vários caminhos, sem tempo, sem pouso, sem destino certo. Os dias se sucediam e sua mãe poucas vêzes podia descer o caminho que a levava a fonte e quando acontecia era com lágrimas nos olhos vermelhos, febris, sentava-se ao sol num tôco de madeira, ensaboando uma peça ou outra de menor tamanho, os gemidos nascendo dos lábios murchos, inconscientes e doloridos. O dinheiro diminuia. Vinha pouco, as trouxas cada vez menores, ela sem poder trabalhar o corpo magro e sêco (os ossos brotavam salientes e eram vistos tal a proeminência, através do vestido grosso de algodão), cansado, cheio de dores e inércia trazida pela moléstia. Tinha ódio do pai. Poucas vêzes ia em casa, sempre gritando pedindo o jantar na hora certa. Desde que crescera foi tomando um ódio grande, enorme, vivendo mudamente no seu coração pequeno, contra o pai, grandalhão de rosto queimado e tostado de longos sóis no alto-mar (da profissão do pai, sabia, que fôra um grande pescador quando conhecera sua mãe, agora não o via, senão bêbedo ou cantarolando num violão gasto de cordas desafinadas e rouquenhas, e que se lembrasse — poucas vêzes êle trouxe para casa um robalo, um cação ou guarirema) ódio que se tornava violento a custa de recalques. Adorava sua mãe de olhos humildes e voz mansa, cada vez mais mansa. Nunca a vira gritar com ninguém a não ser com êle mesmo, algumas vêzes em que a contrariara sem saber porque mesmo. Mas não eram gritos, eram lamentações exasperadas de alguém que só confia em uma coisa, procurando preservá-la de todo mal, tomada de mêdo de que lhe roubassem para o vicio ou a vagabundagem o seu único ideal. Hoje êle a compreendia, e cismava olhando o corpo que se movia lentamente na cama estreita, o corpo tão bom, tão honesto de sua mãe, e por isso amava-a melhor. Estava ficando noite. O quarto mais que a sala e a cozinha, estava escuro. Nenhuma claridade vinda direta de fora. Não tinha janela, um única porta levando à sala. Escolhera aquêle canto, de onde podia olhar sua mãe e ver qualquer pessoa que passasse pela rua, através da abertura da porta. Deixou-a dormir. Aliás, não sabia se ela realmente dormia. Os seus gemidos cresciam às vêzes, depois serenavam por instantes. Tinha uma bruta pena dela e não podia fazer nada, senão cobrir-lhe de vez em quando o corpo e tocar-lhe com as mãos pequenas o rosto desnudo. Tinha mêdo de deixá-la sòzinha e sair à rua para procurar seu pai e pedir enfim que êle olhasse por ela, trouxesse remédio e médico para curá-la. Mas tinha mêdo. Se acontecesse alguma coisa na sua ausência? Ninguém perto. As outras vizinhas (não eram muito boas, nem más) não podiam fazer nada, quase todo o dia passado na beira da fonte e à noite às voltas com os companheiros. Davam-lhe comida para a mãe e para êle, a trôco de alguns serviços que fazia de boa-vontade. D. Eulália era a melhor de tôdas. Ia conversar com êle e passava as mãos grossas nos seus cabelos e dizia palavras animadas. Quando arriscava perguntar como ia sua mãe, ela dizia: — Meu filho, ela aguenta ainda algum tempo, mas você sabe como é a vida dos pobres, sem remédio, sem ajuda médica, sem alimentação ela irá morrendo aos poucos, cada dia vai piorando sem jeito.

Tinha então vontade de chorar. Mas das poucas vêzes que chorara copiosamente, as lágrimas e soluços tomando seu corpo, ouvira sua mãe dizer que êle era um homem e não devia chorar, que era feio!!! Não compreendera o por quê era feio. Sòmente as meninas podiam chorar? Mas êle sentia tanta dor, tanta tristeza que não podia refrear! Por que seria feio chorar? A mãe não respondera e ela mesmo começara um chôro calado, manso, de curtas lágrimas, descendo ao longo das faces largas e amarelecidas. Quantos dias já se tinham passado depois que ela piorou, daquele jeito de não poder levantar-se mais, a não ser por instantes? Desde quando chegara aquela febre e calor no corpo que deixava o seu rosto magro, vermelho, como se tivesse pintado de rouge como o de D. Flora? Não sabia exato. A doença veio bem depressa depois daquelas tosses continuadas e fortes, tão frequentes e violentas que pareciam arrancar todo o interior do seu peito mole. Ela dizia às vêzes num lamento calmo:

— Meu filho, minha garganta está tão sêca e queima tanto. Estou tão doente que não sei como fazer para que você não perca a escola. Fico tão triste! Quase um ano que não vai mais aos estudos. Não está direito.

Êle repetia baixinho para ela:

— Mas mamãe, eu já sei ler sòzinho. A senhora não vê como tôdas as noites eu leio para a senhora? Quando eu estiver crescido eu vou aprender outras coisas. A senhora já estará melhor e eu posso ir descansado. — Mas não queria que ela visse os seus soluços na cama, insone, sem poder dormir, pensando na sua roupa rasgada e nos seus tamancos sem salto, um quase que totalmente lascado. E a sua tristeza quando imaginava o que estaria D. Inácia ensinando naqueles dias todos. Quanta coisa perdida e sua mãe ficando pior dia a dia. Se ao menos ela melhorasse com a sua presença ali, naquele quarto!... Mas, pelo menos, já se sentia útil muitas vêzes. Lembrava-se do café que fazia para ela, tôdas as manhãs, com relativa pressa. Ah! mas da primeira vez, que suplício, que receio de não acertar, sua mãe explicando na sua voz sumida como êle deveria fazer. E a queimadura nas mãos da água fervendo quando derramada sôbre o coador estragado, cheios de buraquinhos por onde passava metade do pó grosso do café, e a dor silenciosa para que ela não soubesse. E como demorara, santo Deus! Afinal, chegara com a caneca cheia, com receio de a mãe não gostar. Ela sempre fazia um café tão saboroso, como nunca em outra casa provara e, com certeza, não haveria de gostar daquele bem aguado, de côr clara. Mas nunca esqueceriam, nem que vivesse 100 anos (e sabia que seria impossível isso; os pobres não vivem muito), daquele sorriso tão lindo e tão meigo de sua mãe, que a deixava naquele instante com uma beleza fugidia e suave, o carinho daquelas mãos sôbre a sua cabeça e as palavrs arrastadas pelo cansaço de uma respiração irregular interrompida pelas tosses:

— João, você é um bom menino. Deus que o guarde e o faça feliz. Tenho muito amor a você. No futuro não envergonhe o nosso nome de pobre, mas enfim o nosso nome. Quero que quando crescer seja um homem bom e amigo dos pobres. E pense muito na sua mãezinha.

Seu corpo doia da posição semi-dobrada do corpo sem apoio. E estava cada vez mais escuro. Sua mãe continuava no seu dormir inquieto e envolvida de dores e tosses. O seu pensamento crescia e enchia sua cabeça de visões de outro tempo próximo. O silêncio das coisas perto lhe agradava. Os únicos sons vinham todos de sua mãe. Era bom saber que estava viva e que ouviria sua voz a qualquer momento e o seu sorriso triste e minguado, no rosto envelhecido pelas rugas e pela magreza. Era bom saber que ela ainda estava viva. Era como se o mundo existisse realmente para êle. Como se tudo nunca tivesse um fim. Principalmente para êles. E pensava sôbre o futuro e baralhava confuso lembranças do seu passado, sempre ao lado da mãe, sempre naquela rua, sempre naquela casa, com pequenas fugidas à feira e ao ribeirão distante alguns quilômetros quando ia ver cajus e goiabas pelos caminhos. Rezava pouco, uma prece truncada, mas uma grande fé no coração e muita esperança também. Para que negar? Esperança de poder viver bem, com confôrto, despreocupado, sem tristeza (tão agoniada, tão fina se imiscuindo no peito, que trazia aos seus olhos um embaçamento de beleza nas coisas que via) ao lado de sua adorada mãe, que passearia todos os dias com bonitos vestidos, animada, sem tosses, sem febre, sem lágrimas. Longe dali. Longe do pai. E recordações esgarçadas daquelas manhãs em que acompanhava a mãe para a fonte, surgiam nitidas, agora na quietude do quarto e naquela solidão de vozes. Gostava de ficar perto dela, num pequeno trecho do riacho, com pedras volumosas servindo

(Cont. na pág. 44)

Conto de ELVIRA FOEPPEL -- ilustração de ORLANDO MATTOS

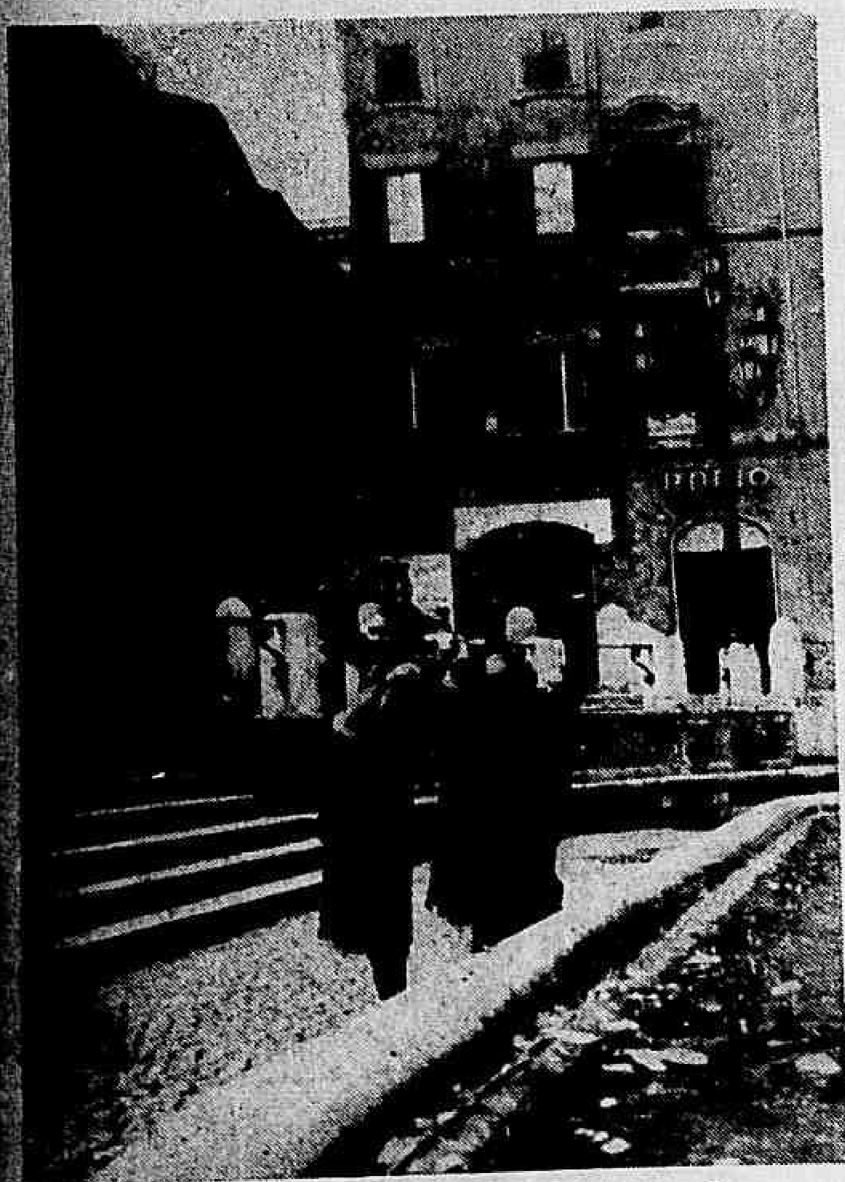




A FONTE DI TREVI, construída há três séculos, por Nicolás Salvi, sob inspiração de Bernini. E' chamada a fonte da «água virgem». O rumor de suas águas é escutado de longe

IMPRESSÕES DE ROMA NO ANO SANTO

A "FONTANA DI TREVI" E A SUPERSTIÇÃO DAS MOEDAS MILAGROSAS



OS MAIS SUPERSTICIOSOS têm o cuidado de jogar a moeda com as costas voltadas para a água. E durante o dia, na transparência do líquido, centenas de níqueis de todos os países aparecem na base da milagrosa fonte

Durante o dia, peregrinos e forasteiros jogam um níquel na água para mais tarde voltar à Cidade Santa ★ À noite, o níquel desaparece milagrosamente ★ Uma pescaria original com caniço próprio

De CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa)

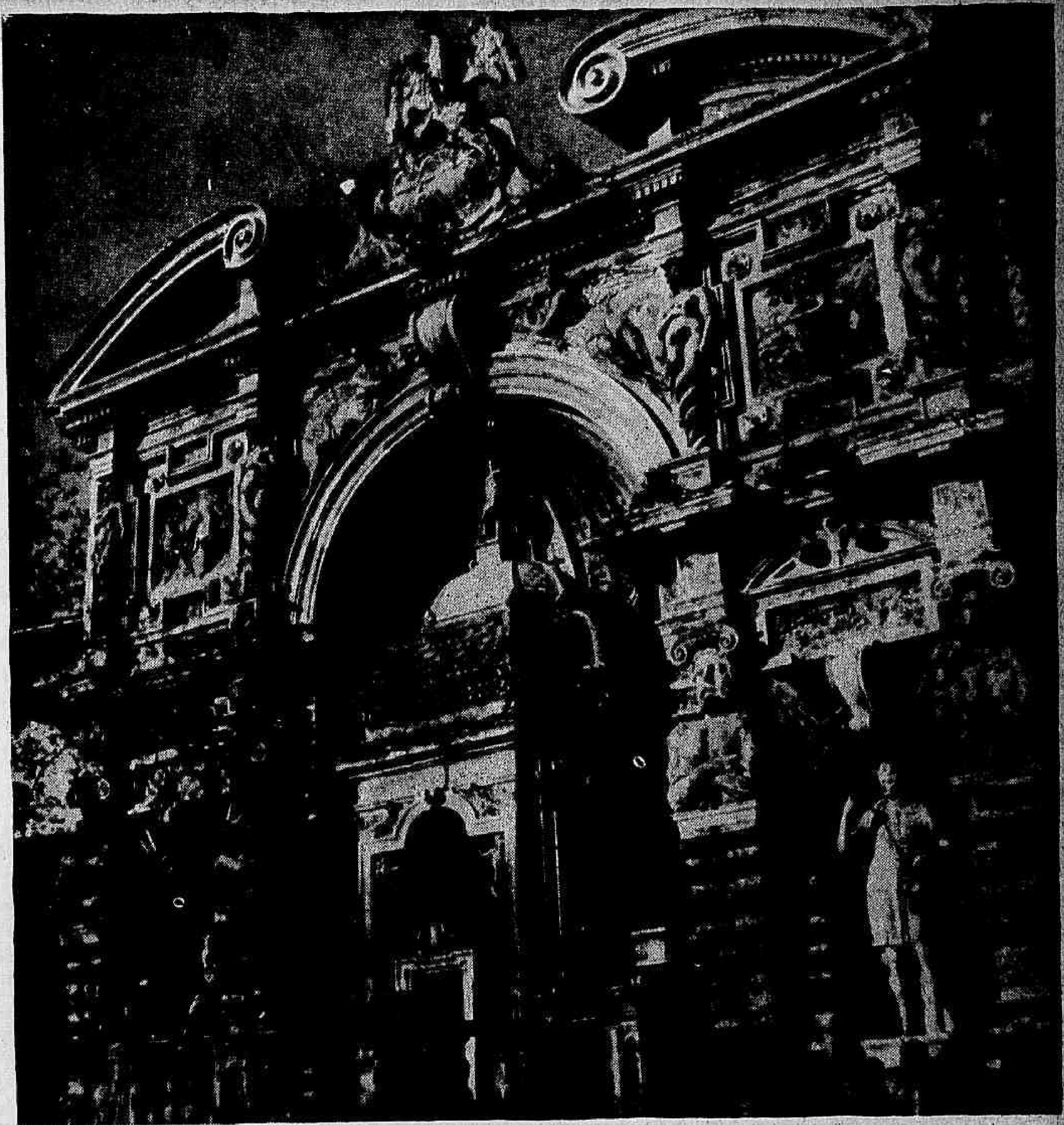
ROMA, abril (Via Air France) — Se é verdade que todos os caminhos vêm dar a Roma, não é menos verdade que, uma vez em Roma, todos os caminhantes hão de guiar seus passos para esta rua estreita que vem em linha sinuosa da Piaza Colonna ter à Fontana di Trevi. Muitos a encontram por acaso, nos seus giros de identificação pelas ruelas seculares da cidade velha, outros aqui vêm ter por indicações trazidas de seu país de origem. Porque em qualquer parte onde existir um romano, êe será o primeiro a recomendar ao peregrino dêstes dias sacros, uma visita sacramental à mais bela fonte e a mais poética desta metrópole.

Roma é a cidade das fontes, das cascatas, dos jorros de água por tôdas as praças e esquinas. Algumas são de extraordinário efeito arquitetônico, como a do Tritão na Piaza Barberini, rodeada pelas «carrozzas» em que dormitam os cocheiros e as mulas, esperando os chamados do turista disposto a trocar o taxi veloz pela tração animal, só por extravagância. A das Tartarugas, a das Náiades,



MAS À NOITE o espetáculo é diferente. Quando não há mais turistas, surgem os garotos espertos que vão fazer a sua féria, pescando as moedas com um caniço apropriado. A polícia proíbe a pescaria— mas de nada adianta...

DETALHE da «Fontana di Trevi», magnífica visão arquitetônica e escultórica, situada nas imediações da Piazza Colonna, numa rua estreita e mal iluminada. Mas em noites de luar, o monumento é de impressionante efeito.



a de Moisés, a de «Acqua Paola», são outras fontes que embelezam o centro e arredores da cidade. Mas a Fontana di Trevi tem uma sedução particular, não tanto pela magnificência da sua linha escultórica, senão pelo toque de superstição e crendice de que está possuída.

E a fonte dos milagres. Faz lembrar o episódio da Virgem que mostrou aos soldados romanos, sedentos, queimados de sol e de poeira, o manancial de suas águas, e por isso também a chamam a fonte da «água virgem». Quem a beber, não deixará de voltar a Roma algum dia. E' preciso, entretanto, diz a lenda, jogar à água uma pequena moeda. Prece feita quando se manda o níquel para a fonte é prece imediatamente atendida, dizem os habitantes da terra.

Não há exagêro quando se diz que a Fontana di Trevi é a mais bela entre as muitas fontes que encontramos em Roma, e também a maior. Foi começada a construir sob os domínios de Clemente XII e terminada sob os de Benedito XIV — e deslumbra pela visão magnífica que oferece em conjunto. O corpo central forma-se pelo carro de Netuno tirado por dois tritões. Mostra, ao fundo, três monumentos, o do centro com a estátua de Netuno, e os laterais com as figuras da Abundância e da Salubridade. Numerosas bocas laterais despejam águas dia e noite. Seu rumor faz-se ouvir à distância, água que rebenta e espouca de todos os lados, numa prodigalidade que também faz lembrar a falta do «precioso líquido» numa terra bem nossa conhecida...

Mas quando a noite cai, o espetáculo é outro e mais pitoresco ainda. Desaparecidos os forasteiros, surgem das esquinas grupos de rapazolas munidos de caniços apropriados para uma esquisita pescaria. Vêm cantarolando, assobiando, talvez para disfarçar seus propósitos, mas depois silenciam. Enfrentando o vento destas noites nada primaveris, desmentindo o calendário — de boina enterrada até às orelhas e o casaco bem abotoado, êles se entregam à sua faina. Mergulham o caniço, protegido por um dispositivo de lata na extremidade— e vasculham o fundo da água à cata dos níqueis. Têm ôlho de lince, enxergam onde os níqueis se escondem, e com uma habilidade requintada, fruto de longa experiência, vão repuxando as moedas, tirando-as da água, fazendo-as desaparecer nos bolsos. Quando não há mais níqueis ali perto, saltam para o monumento, pulam de figura em figura, afagam os tritões, acariciam o monumento ao qual se equilibram — e enfiam o caniço até mais fundo, surgindo outras moedas. Claro que a polícia não consente nessa profana pescaria, mas os noturnos pescadores sabem de que maneira agir para fugir-lhes à perseguição. Trabalham em silêncio, isolados, cada qual dono de um setor do tanque, e por vêzes recebem no lombo os salpicos fortes da água que vai caindo das cascatas. Pouco ligam à umidade e muito menos ao risco de um banho inesperado nas águas gélidas: os bolsos vão se enchendo. E a colheita, nestes tempos de abundância e generosidade dos peregrinos, é compensadora. Às vêzes discutem, brigam, engalfinham-se, berram — mas tudo volta às boas porque a fonte é grande e dá para todos.

Madrugada alta, em noites de luar, ou a escassa luz dos lampeões que contornam o monumento, lá estão ainda completando a tarefa. Pela manhã, a fonte estará limpa dos níqueis. Mas outras levas de forasteiros terão chegado para gerar a féria da noite imediata...

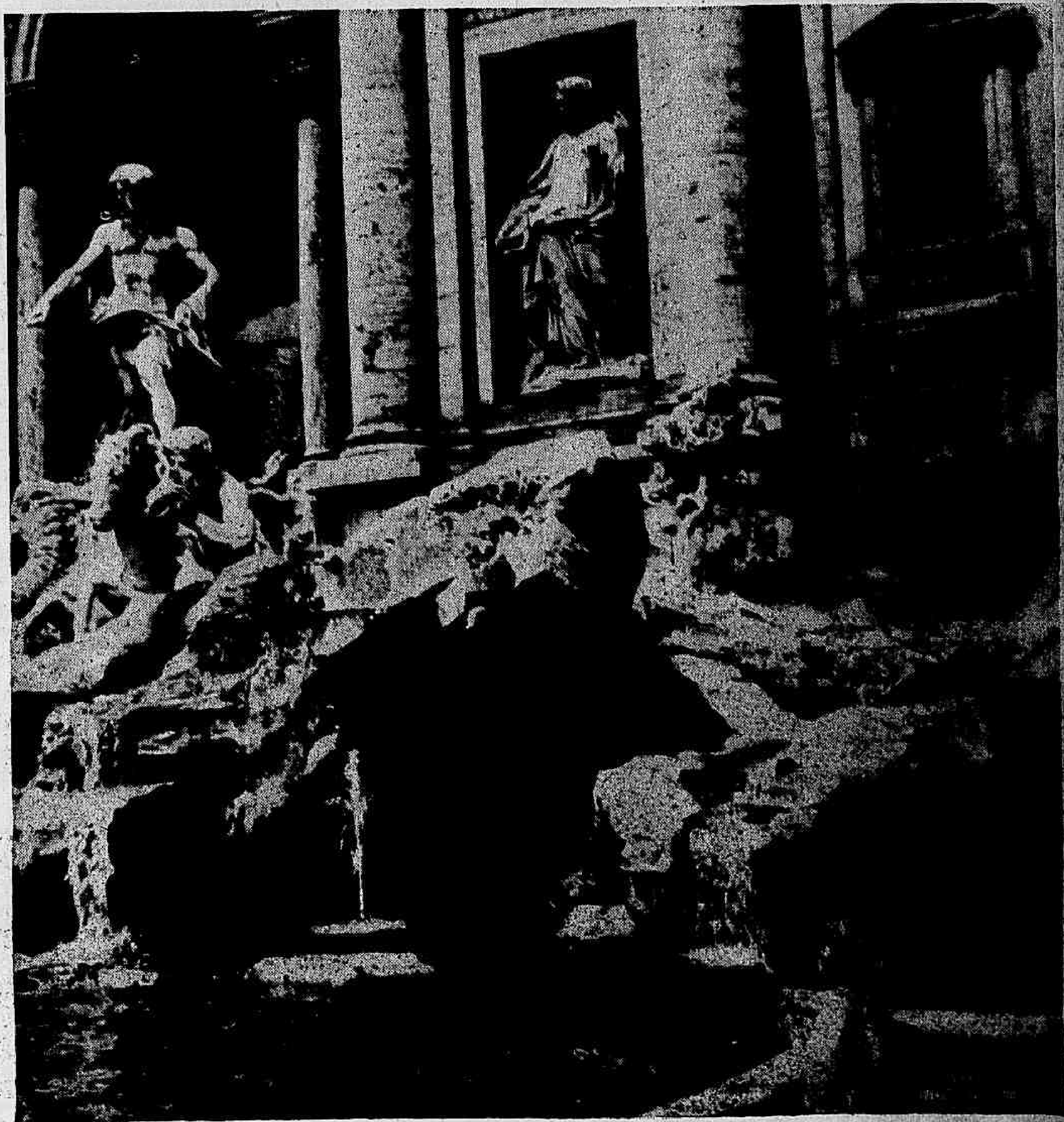
Tentamos abordar os pescadores da Fontana di Trevi. Quanto ganham por noite? Não sabem ou não querem dizer. Fecham-se em copas, são arredios. Nada de confidências. E quando nos preparamos para bater o «flash», somem como por encanto. Mesmo porque os gendarmes podem aparecer de surpresa...

★

Meu caro leitor, se te preparas para vir a Roma, não deixes de visitar a Fontana di Trevi. Traz contigo a moeda para a tua prece, mesmo um centavo serve. Joga-a de costas, pede o que entenderes e vai socegado, em Paz. Teu apêlo aos santos será atendido e um dia voltará a visitar a terra da Santa Sé.

Mas não penses que essa moeda milagrosa permanecerá dentro dágua além de uma noite.

E que mal existe em ter desaparecido? Por tão pouco o milagre não deixará de consumar-se. Vale a intenção acima de tudo. Os garotos da fonte da «água virgem» também vivem das nossas boas intenções — que Deus os ajude sempre...



UMA PEREGRINA do Ano Santo ensina sua filhinha a fazer uma prece jogando ao mesmo tempo a moeda nas águas. E' antigo esse ritual, acreditando-se que a moeda atirada na fonte há de fazer o peregrino voltar a Roma

O MISTERIO DO COLAR DE SAFIRAS

Novela de LISA CASTRO — (Conclusão do número anterior)

— Sim. Prometeram-me que terei notícias definitivas sôbre uma pessoa que preciso encontrar. Não lhe posso adiantar nada mais, miss Stone. Lembre-se que se algo ocorrer contra mim, o seu dinheiro estará seguro e você o receberá integral.

— Muito obrigada, Mrs. Stuart. Espero que nada de mal lhe aconteça.

Deixando a residência de Joan, Peggy seguiu direta para seu apartamento. Logo após o almôço que ela mesma preparou, apanhou o seu carro e rodou para sua casa no subúrbio. Tal como aconteceu na véspera, Peggy fantasiou-se de apachinete e às sete horas entrava na "Flor do Lótus".

— Pontual, hein, menina?

— Êsse é um dos meus defeitos. — sorriu Peggy.

— Está pronta para os ensaios? E a propósito: Onde poderei tomar informações suas? Ontem você nem mesmo me deixou seu endereço.

— Se meu emprêgo vai depender de referência, adeuzinho. Não sou daqui, de Los Angeles, sou de Nova York e lá... bem... não fiz muitos amigos.

— Gosto da sua franqueza. Vale como referência. E... porque está ainda com essa roupa? Não foi à casa Aprill?

— Não tive tempo, e depois... paguei o aluguel atrasado...

— Você terá tempo amanhã. Gosto que minhas empregadas andem na linha.

Peggy sorriu provocante. Estava certa de que Marty acabaria confiando-lhe seus particulares. Tudo estava a caminho do êxito. O ensaio correu agradàvelmente para ambos. Marty decidiu que Ane Aney estrearia no próximo sábado, e que a partir do dia seguinte teria início a publicidade. Um fotógrafo foi chamado e várias chapas foram batidas. Peggy arregaçava os lábios com exagêro, abrindo muito a boca, certa de que assim ninguém a reconheceria, principalmente com a maquilage excessiva que usava, os cabelos negros, formando pequenos cachos que mal cobriam o pescoço amorenado artificialmente.

Aí pelas duas horas da manhã, Marty decidiu levá-la à sua residência.

— E' aqui que eu moro — disse Peggy, parando em frente a uma casa de mal aspecto, com as paredes rachadas. — A dona dêsse pardieiro cobra dez dólares por semana por um quarto com roupa e móveis.

— Amanhã você deve mudar. Isto não é casa que se ature. Procure um apartamento pequeno que lhe aumentarei o ordenado.

— Antes que eu comece a trabalhar já me faz essa promessa? Pelo que vejo vou gostar muito do emprêgo.

Marty pegou-lhe a mão e fêz uma carícia.

— Tudo farei para que você goste, benzinho.

Peggy retirou a mão e pediu que Marty a deixasse, alegando que a dona da casa não consentia que as inquilinas viessem acompanhadas. Marty beijou-lhe a mão e desceu pela rua, em direção ao carro. Peggy abriu a bôlsa, mas não poderia ter a chave de tal casa, todavia, retirou a gazua que sempre usava e com ela abriu a porta. Fêz um aceno ao rapaz e entrou, fechando a porta.

No dia seguinte, às oito horas da manhã, Peggy rodava em direção ao cartório do tabelião Moran. Aproximando-se do velho prédio onde ficava o cartório, a moça notou certa animação inexplicável. Parando o carro no meio-fio, desceu e deu de cara com o tenente Cummings.

— Você outra vez? — perguntou o tenente de mau-humor. — Será que você fareja crimes? Onde quer que haja um assassinato você aparece.

— E' esquisito, não tenente? Mas desta vez eu não sabia do crime. Quem foi?

— O tabelião Moran... George Moran.

— Não! — disse Peggy como se falasse consigo mesma. — Como foi?

— Apunhalado. Segundo o médico legista, o crime foi praticado à meia-noite.

— Meia-noite? O que faria êle aqui no cartório a essa hora?

— Entre e pergunte-lhe. — respondeu o tenente sarcàsticamente.

Peggy entrou. O cartório estava instalado em uma sala espaçosa. Três mesas estavam colocadas uma em frente à outra, nos ângulos da sala. Diante da mesa à direita, estava o tabelião sentado com a cabeça pendida entre os braços estendidos sôbre o vidro que cobria o tampo da mesa. Um longo punhal fôra enfiado no meio de suas costas, entre as duas espáduas, deixando a mostra o cabo rústico. Peggy aproximou-se mais e reparou o rosto apoiado no vidro. Era um homem de meia idade, magro e pálido, com um bigode ralo por sôbre os lábios contraídos pela dor. Peggy pediu ao tenente que a deixasse dar uma vista de olhos pela sala, pois prometia não se intrometer no caso. O tenente consentiu relutante e a moça começou a observar os pormenores. O cofre estava aberto e em desordem. As gavetas abertas e remexidas. Peggy imaginou logo que o assassino devia estar procurando o envelope que estava com ela. Com as mãos entrelaçadas atrás, a moça detective examinava tudo com infinita atenção. Os outros empregados já haviam chegado mas não tiveram permissão para entrar. Os peritos da polícia passaram uma revista meticulosa, de modo que Peggy não tinha muito o que ver.

— Quem descobriu o corpo? — perguntou ao tenente.

— Foi o rapaz da limpeza. Chegou às sete horas da manhã, abriu a porta como de costume, acendeu a luz e descobriu êsse quadro. Telefonou logo para a polícia.

— Quer dizer que a casa não foi arrombada, não é assim? Naturalmente, quando Moran entrou o assassino já estava escondido... talvez atrás desta porta que fica por detrás da mesa onde foi encontrado o corpo.

— Esperamos conseguir alguns detalhes quando fizermos outras investigações, principalmente quando interrogarmos os outros empregados.

— Permite que eu esteja presente no interrogatório?

— Não sei o que você espera com isso, mas se estiver lá, não a porei para fora.

Todos os empregados e pessoas ligadas ao tabelião estavam reunidas na delegacia quando Peggy chegou.

Não puderam esclarecer muita coisa, afirmando, apenas, que Moran costumava trabalhar até tarde quando tinha alguns assuntos importantes a tratar, mas não imaginavam que êle ficasse até tão tarde no cartório. Moran trabalhava a vinte e cinco anos naquela casa e não havia funcionário mais correto e pontual. Era procurado pela maioria de clien que nêle depositavam absoluta confianç

Peggy convenceu-se de que não cons guiria nada mais além do que vira até al Deixou a delegacia depois de pedir ao t nente que a deixasse passar uma vista n livros de registro ao cargo da vitima.

Lá estava o nome de Joan Stuart co cliente de importantes documentos. Os t documentos não foram encontrados e Peg resolveu telefonar para Joan.

— Sim — disse a mulher. — Mr. M ran guardou uma cópia do meu testamen e outra da história que lhe dei.

— Pois estão desaparecidos e natur mente o assassino está de posse dêles.

— Você está correndo perigo, miss Sto Se o criminoso desconfiar que os origina estão com você...

— Êles jamais achariam tais papé Não se preocupe.

Peggy precisava encontrar o assassi antes que êle agisse novamente, pois as te temunhas corriam o mesmo perigo, m antes de qualquer delas a sua cliente e tava em perigosa situação. Peggy telef nou ao tenente Cummings pedindo-lhe q deixasse um investigador próximo da ca de Joan Stuart, pois era ela a clien causa involuntária da morte do tabeliã O tenente prometeu atender e Peggy pr parou-se para sua estréia no "Flor Lótus". Foi à casa Aprill e apresentou cartão de Marty, sendo prontamente ate dida. Escolheu um maravilhoso soirée q lhe ficou como uma luva. Peggy alug um pequeno apartamento onde passou residir ocasionalmente, com o nome Anne Aney. Precisamente no dia de s estréia, Peggy recebeu um telefonema Joan, que a deixou bastante preocupad Alguém entrara em sua residência e de uma busca completa. Joan confessava tar com mêdo do que lhe pudesse aco tecer. Peggy procurou tranquilizá-la, lando-lhe do detective que vigiava a cas A moça desligou mas a ruga de preocup ção continuava em sua testa. Refletia inutilidade da presença do homem nos redores da casa, pois se lhe passara desp cebida a visita indiscreta, o assassino ta bém passaria do mesmo modo. Peggy lefonou ao tenente e pediu que êle a p sesse em contacto com o tal detective. moça perguntou-lhe se não vira nada peito na ocasião em que Joan presum ter sido visitada. O homem dissera es certo de não haver entrado ninguém casa. Peggy ligou para Joan e pergun pela empregada. Soube que ela estivera próprio quarto que fica nos fundos casa e nada vira. Peggy tinha uma idé Acreditava que se tomasse conhecimento conteúdo do envelope poderia mais fác mente proteger a vida de sua cliente, não se atrevia a violar a promessa.

Sua estréia foi retumbante. Marty mo trou-se entusiasmado com o sucesso Ane Aney. A moça desculpou-se, pret -tando cansaço e retirou-se para seu ap tamento. A verdade é que Peggy esta profundamente preocupada com Joan. dia seguinte, com sua verdadeira identid procurou o advogado. Combinaram que moça poderia usar sua biblioteca pa consultar os livros que quisesse. Peggy pa sou a observar a linda secretária de Sta ley. Era uma jovem de dezoito a vin anos, cabelos castanhos e olhos claros Stanley parecia dispensar-lhe demasia atenção. Peggy passou duas horas na p quena biblioteca do escritório, consultand livros sem prestar-lhes qualquer atençã pois seu pensamento estava voltado pa o que se passava no escritório. Uma oc sião em que Stanley estava ausente, Pegg aventurou-se a tirar o fone de extensão ouvir o que conversaria a secretária.

— Alô — disse a moça indiferente.

— Julie? — perguntou a voz cautelo do outro lado.

— Sim — respondeu a moça, sùbitame interessada.

— Descobriu alguma coisa?

— Nada. Êle é muito esperto.

— Continue vigiando-o. Só êle poder revelar o que você tanto quer saber.

— E você, não descobriu nada?

— Até agora nada de definitivo, ma espero conseguir breve.

— Deus o permita. E' horrivel banc a espiã. Adeus, Johny.

Peggy repôs o fone com cuidado. Entã Julie, a secretária, espionava o patrão. que seria que a moça desejava descobrir E êsse Johny que a estava ajudando Johny... Johny... Peggy recordava-se dê se nome, salvo se alguma coincidência exi tisse, mas Johny era um detective part

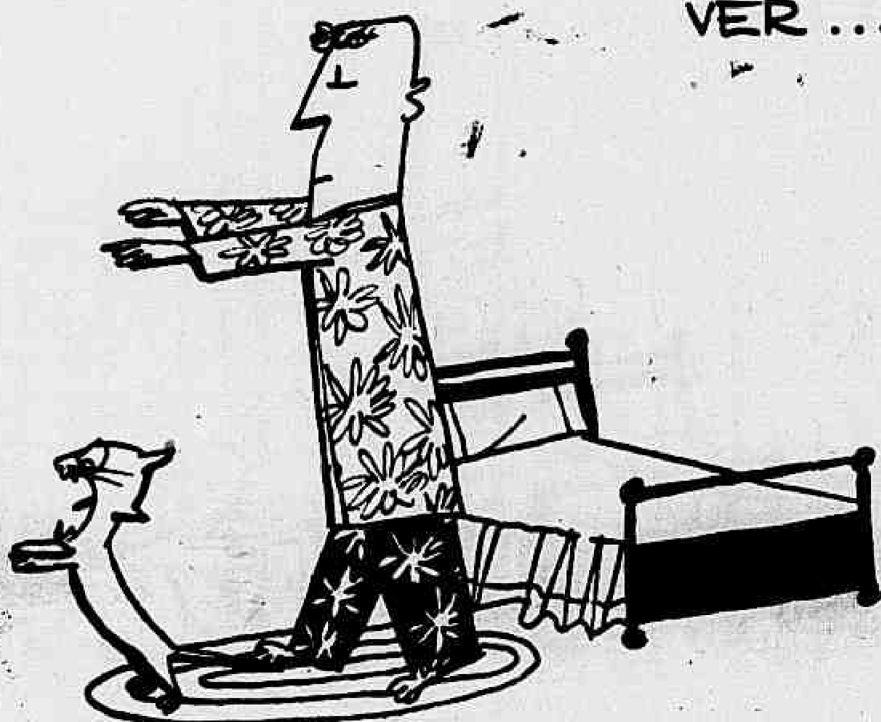
(Cont. na pág. 44)



Nicodemus EXEMPLIFICA O

SONAMBULISMO...

SONÂMBULO É O INDIVIDUO QUE PULA DA CAMA E PISA NO RABO DO GATO SEM O VER...





SONÂMBULO ABRE GELADEIRA, COME SANDUICHE DE PÃO C/ PATÉ, TRAÇA UM RESTINHO DE SUCO DE UVA, LAMBE OS LABIOS DEVAGARINHO, IMAGINANDO A SOBREMESA...

SONÂMBULO É AQUELE QUE SOBE ESCADAS, PÉ-DESCALÇO-ANTE-PÉ-DESCALÇO, SEM FAZER RUIDO, CAUTELOSAMENTE, SUBINDO SEMPRE, ENQUANTO O RELOGIO NO CORREDOR CUCÔA DUAS HORAS DA MADRUGADA E SUBINDO ...



... SUBINDO SEMPRE, SEMPRE, ABRE, SONAMBULICAMENTE, POR ENGANO, A PORTA DO QUARTO DA NOVA EMPREGADINHA ...

FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANT

De **CELESTINO SILVEIRA** — Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa



DAS JANELAS DO VATICANO

QUANTOS milhares de peregrinos estarão reunidos na Praça São Pedro? E' difícil calcular, mas será bastante dizer que êsse volume de gente se repete, agora, com freqüência principalmente quando esperada a aparição de Pio XII em uma das janelas do Vaticano. Ao fundo, a Via della Consolazione, distinguindo-se na extremidade dessa artéria, à esquerda, a parte alta do castelo Sant'Angelo, e à direita, em último plano, o monumento a Vitor Emanuel III. Ao centro da praça, o obelisco egípcio, para ali transferido do Circo Vaticano, e de ambos os lados, as duas fontes monumentais que a aglomeração humana faz desaparecer. Mesmo extraordinàriamente grande, a praça São Pedro resulta incapaz de agasalhar tôda côrte de peregrinos em dias festivos.

PRAÇA SÃO PEDRO

AQUI está uma preciosa visão da Praça São Pedro e do Vaticano, tomada de aviã dia de festividades especiais durante o Ano Santo — que se repetem duas vêzes por semana. O panorama abrange, para trás da cúpula, alguns detalhe grandes jardins do Papa e de outras construções em que funcionam repartições da soberania do Romano Pontífice", pelo Tratado de Latrão concluído entre a Santa governo da Itália em 11 de fevereiro de 1929. Observe-se o aspecto majestoso da devido à quádrupla colunata elítica, composta de 284 colunas e 88 pilastras, coroad 140 estátuas de santos. A cidade do Vaticano tem uma extensão de 44 hectares, co viço especial de correios e telégrafos, rádio, televisão e uma estação ferroviária à rede ferrocarril italiana.



PROMESSA E SACRIFICIO

ELE prometeu chegar assim à Porta Santa, que o Papa solenemente abriu na noite de Natal inaugurando as solenidades do Ano Santo: descalço, com as pesadas correntes ao ombro e carregando a cruz de "La Verità". Que singulares associações de idéias nos desperta a imagem dêsse peregrino, em seu extremado sacrifício! E cumprindo a promessa, ei-lo avizinhando-se da porta por onde entram os peregrinos e que será novamente cerrada por um quarto de século, no próximo Natal, com o refôrço de uma parede de cimento. Grande foi a devoção dêsse homem singelo, de ar beatífico, renunciando às facilidades que poderia ter para vir até Roma, preferindo, entretanto, fazê-lo com essa demonstração maior de humildade, fé cristã e sincera espiritualidade.

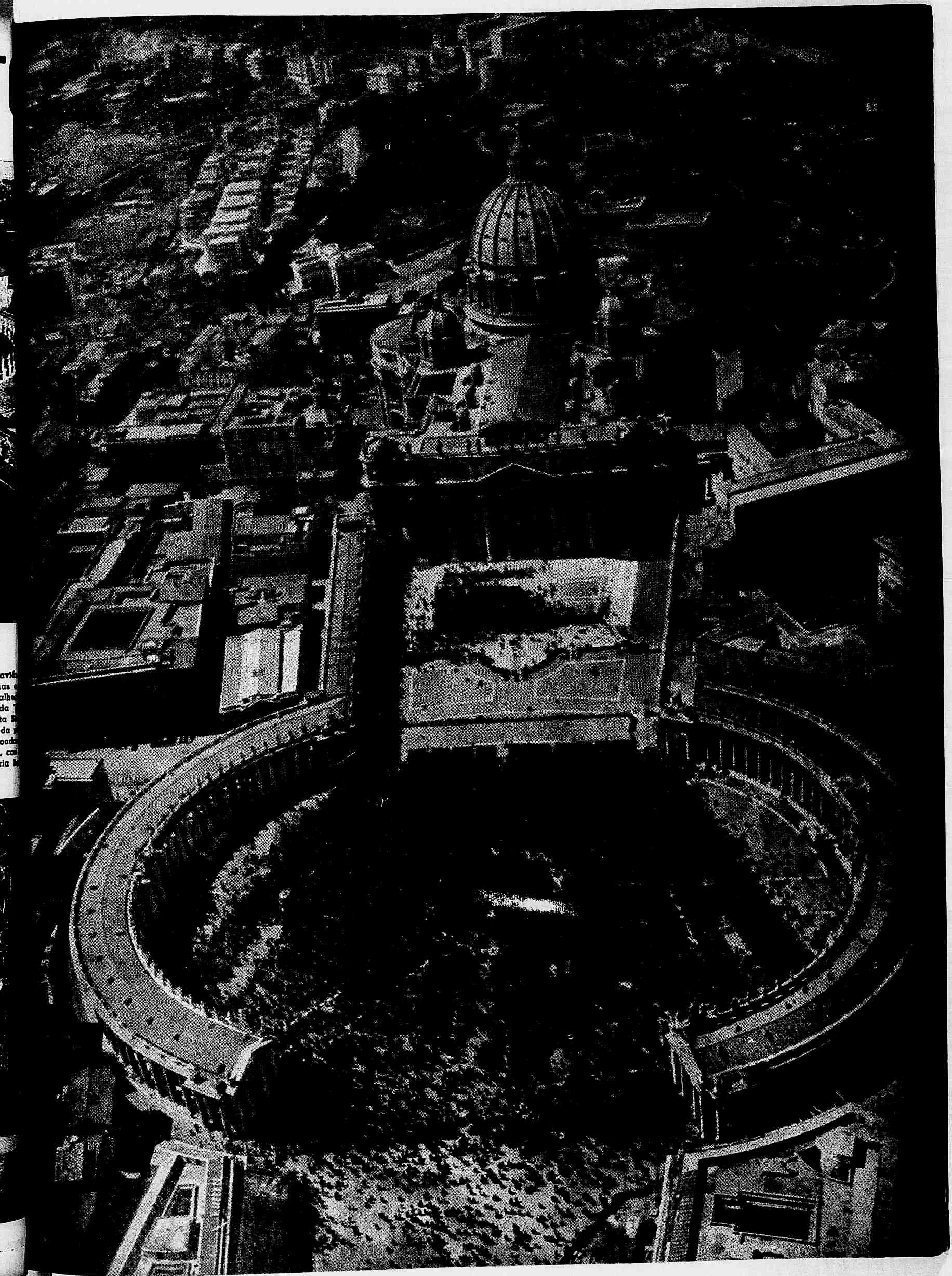
←

NA PORTA SANTA

E aqui o vemos, já sem a cruz, com a qual não poderia entrar no templo, mas com as corrente pesadas e os sapatos gastos — podendo ver-se as palmas dos pés maceradas pelas extenuantes caminhadas de muitos dias. Daí a instantes êle irá também ajoelhar-se junto ao sepulcro de Pedro, irá beijar o pé da antiga estátua de bronze do Apóstolo, e se deslumbrará com as riquezas da igreja triunfante, porque a Basílica é "o hino fulgurante da fé sem dúvidas, iluminada pela plena luz do dia, não mais curvada sôbre a tumba de um Deus mártir, mas na confiante espera do Triunfador que voltará transfigurado, vencedor em eterno da dor e da morte", como dizem os livros. E o caminhante da fé suprema terá a compensação maior de todo sacrifício a que se entregou.

→









O VELHO PEREGRINO PEDEST

HUMILDE gente dos países vizinhos, sem abastança para
passagem de qualquer meio de transporte, mete-se a
zendo nos alforges o suficiente para enfrentar a longa jornad
roupa e um pequeno farnel. Caminham heroicamente, e os ma
os que melhor prova de resistência vêm dando até agora.
dêsses abnegados cristãos ao dar entrada na Praça São Pe
às costas o alforge — de ânimo forte, resoluto, mesmo se
irá dormir nessa noite. De onde veio? De regiões distantes.
saber. Êle cumpriu a sua promessa e assistirá, por alguns dias
celebrações de que todos somos espectadores nesta glorios
Cidade Santa.

ANTES d
nova
peregrinos
necem todo
tantes estr
nos dias d
ção de car
profissional
o secretário
aos foraste
coisas e d

A PRIMEIRA PREÇE

LOGO que chegam a Roma, antes de buscar pousada, êles rumam para a Basílica, meta final de suas gloriosas jornadas. E dobrando o joelho, de coração alanceado, na expectativa das emoções que os aguardam dentro do templo do Apóstolo, agradecem a Deus porque chegaram bem. Foi longa e por vêzes atormentada a viagem, mas que importa se poderão, agora, comungar da alegria emanada de tôdas as celebrações tão cheias de encantamento e de paz espiritual? São jovens católicos que deixaram suas obrigações por algumas semanas, para render culto ao Ano Santo. O que êles mais ambicionavam, pisar as lages multi-seculares da gloriosa Basílica, foi atingido. De olhos postos na fachada do templo de São Pedro, fazem a sua primeira oração.



OS SAPATOS GASTARAM-SE

SÃO inéditas e de uma eloquência admirável as cenas que diàriamente podem ser assistidas nas imediações do Vaticano, quando aparecem os pobres peregrinos, transbordantes de fé, empregando o melhor de suas últimas energias para atender ao chamado da igreja. Aqui está outra demonstração do mais alto sentimento religioso: êste velho forasteiro saiu da sua aldeia distante, com as velhas botinas nos pés, mas a jornada estendeu-se mais do que elas poderiam resistir — e êle teve de jogá-las fora. Ou talvez ainda as guarde no bornal, para sofrerem novos remendos quando regressar. Foi calçando as meias reforçadas com farrapos de jornais que atingiu o ponto final da sua dolorosa viagem. Mal apoiado ao bastão, cansado mas de ânimo refeito, êle chegou a Roma.



NO "COMITATO CENTRALE"

ANTES de chegar à Praça São Pedro, na Via della Conciliazione, uma nova e ampla avenida ainda inacabada que vai dar à Basílica — os peregrinos encontram o "Comitato Centrale di Anno Santo", onde se fornecem todos os elementos de informação e se presta assistência aos visitantes estrangeiros. Lá são obtidos convites e ingressos para a Basílica nos dias de excepcionais cerimônias, dando-se também qualquer orientação de caráter religioso. Há um Departamento de Imprensa, a serviço dos profissionais de tôda parte do mundo, que bastante nos auxiliou, e onde o secretário-geral, Mons. Sergio Pignedoli, timbra em cumular de atenções aos forasteiros do Brasil, revelando-se um profundo conhecedor das nossas coisas e da nossa gente.



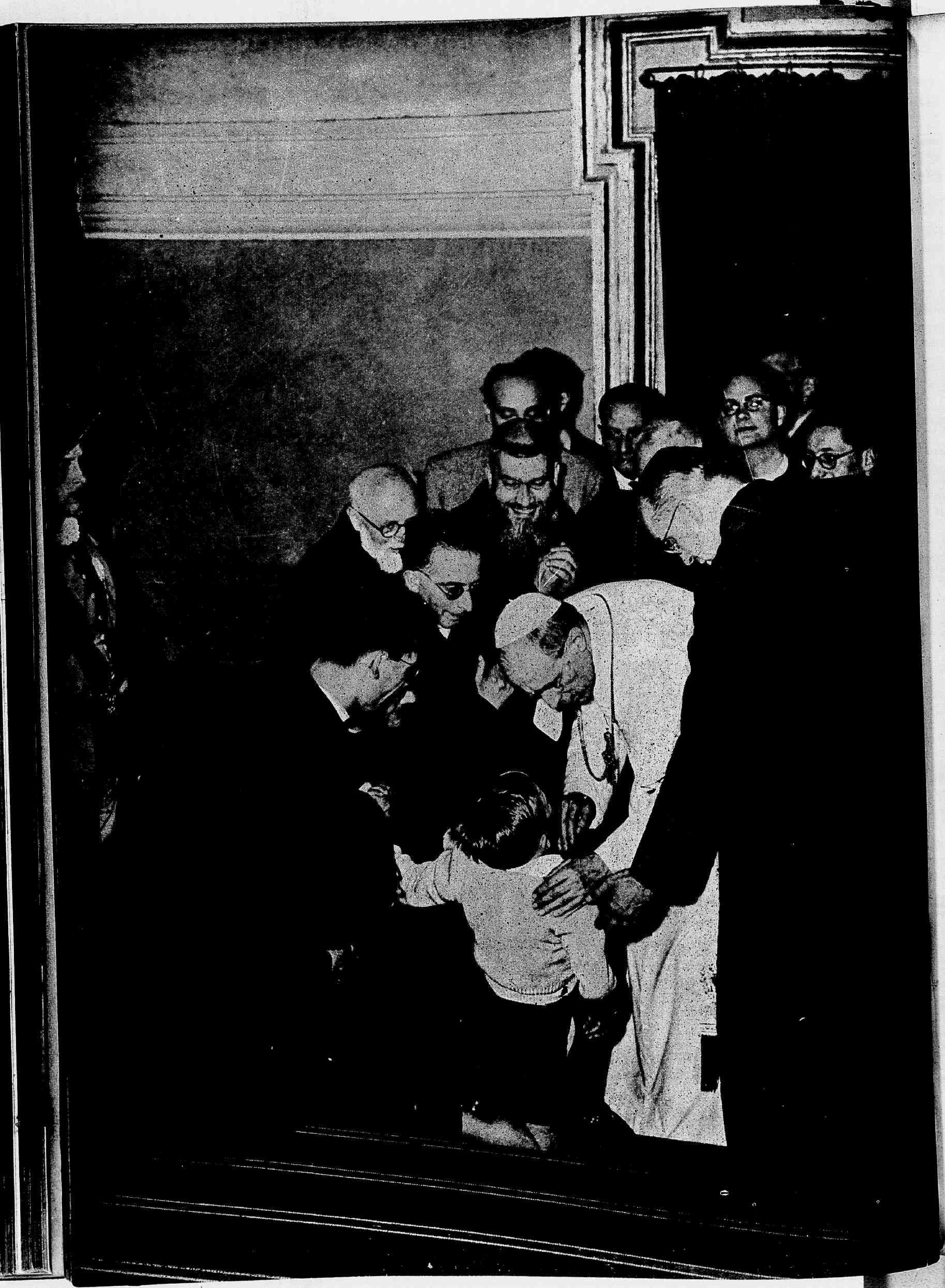
RICOS E POBRES

NÃO só a gente simples procura demonstrar o seu espírito de humildade quando se aproxima dos lugares santos: também as mais elegantes e aristocráticas timbram em curvar-se diante da divindade suprema. Aqui estão duas senhoras sobraçando a cruz simbólica, ambas ostentando o distintivo de peregrinos, com que vão pisar o Vaticano. Vieram de outras regiões e lá está entre as mãos, também, o roteiro de Roma, sem o qual nenhum itinerante há de sentir-se acompanhado suficientemente, porque a cidade é imensa e fàcilmente poderá perder-se sem êsse companheiro esclarecedor. Nos dias de grandes cerimônias não é permitido aos fiéis entrar na Basílica levando dísticos, tabuletas ou cruzes de madeira, mas nos demais é comum assistir, dentro da nave, a autênticas procissões desfilando simultaneamente, entoando seus coros e preces.



TODOS OS CAMINHOS DÃO A ROMA

EVOCAMOS aquela estranha figura de velho que anda pelos bairros cariocas, transportando uma bicicleta, com vitrola e seus pertences muito usados, quando nos aparece êste bizarro peregrino, também arrastando consigo um estranho veículo que êle mesmo construiu para esta jornada à Cidade Santa. E com êle veio desde terras da Bélgica, transformando-o em leito durante a noite. Lá dentro, guarda os utensílios para cozinhar a refeição de cada dia, as roupas e os objetos de estimação que deseja ver abençoados pelo Papa. Gastou dois pares de alpargatas e ao chegar à Praça São Pedro trazia na mão a mensagem que lhe confiaram seus vizinhos da aldeia, aos quais não foi possível realizar também a ambicionada excursão de Ano Santo





"DEIXAI VIR A MIM..."

AS palavras do Nazareno são obedecidas pelo seu magno representante na terra. Não é fácil, muito menos nesta época de tantos compromissos rituais, obter uma audiência especial com o Sumo Pontífice, mas Pio XII, sempre que seus deveres lhe permitem, liberta-se do protocolo e atende aos solicitantes. Sua predileção pelas crianças e notória; aqui o vemos, curvando-se para o menino que, de joelhos, lhe pede a bençâo, e que de longe veio também conhecer a Cidade do Perdão, como está sendo denominada Roma no Ano Santo. De lado, um soldado da Guarda Suíça assiste a inesperada cena — porque o garoto conseguiu burlar a vigilância do guardião até chegar perto do Papa, que o atendeu com a sua proverbial cordialidade.

ROMEIROS DO ANO SANTO

ESTE flagrante, obtido do tôpo do ângulo direito da elipse da colunata, proporcionará ao leitor um visão aproximada do que está sendo a aglomeração de romeiros na Praça São Pedro, frente à Basílica, em horas de maiores solenidades. Poderá ainda ter uma noção do volume de forasteiros que visitam Roma êste ano, e à medida que os dias passam, longe de diminuir, essa multidão toma proporções maiores. Os santos que se vêem no alto das pilastras, são estátuas de invulgares dimensões, embora surgindo na gravura como pigmeus. Ao centro, o obelisco, junto ao qual vão descansar os romeiros exaustos, embora muitos façam acompanhar-se de cadeiras portáteis para aguardar com maior resistência o momento de entrar no templo ou de ver o Papa numa das janelas.



DOS PIRINEUS EM BICICLETA

NEM todos os peregrinos chegam a Roma viajando confortàvelmente de avião, navio ou trem-de-ferro. Muitos são os que dispondo de escassos recursos, ou com o propósito de renunciar àquela comodidade, numa demonstração mais expressiva de espírito católico, fazem léguas com sacrifício, consumindo dias e semanas, utilizando veículos precários para essas longas viagens, ou até mesmo a pé. O exemplo de uma sexagenária de Salles de Bearn, nos Pirineus, é expressivo nesse particular. A senhora Henriette Barricades, pedalando a sua bicicleta na qual arranjou maneira de aderir tôda a sua modesta equipagem, saiu de casa em fins de janeiro e cinquenta e oito dias mais tarde, precisamente no dia 18 de março, chegava à Praça São Pedro, depois de muitas provações, enfrentando ainda o rigor do inverno, atravessando regiões nevadas e, muitas noites, sem ter onde dormir. Aqui a vemos em dois flagrantes batidos por ocasião de dar por terminada a peregrinação, com os pneus vazios, rebentados e reclamando imediata substituição. Pouco antes de entrar na Praça São Pedro, a sexagenária que veio dos Pirineus a Roma, em bicicleta, pede auxílio a um transeunte enquanto procura encher o pneu que esvaziou já na etapa final. E finalmente às portas do Vaticano. Foram cinquenta e oito dias de exaustiva pedalagem pelas montanhas, através de inúmeras cidades e aldeias, a chuva e ao vento, sem o menor resguardo, mas tudo foi vencido.





Vista do salto existente perto da cidade de Piracicaba, limite natural para a existência do peixe. «Você já viu o sarto?» Assim perguntam aos forasteiros. O recanto é deveras bonito.

PIRACICABA -- O RIO MINOTAURO

Uma cidade antiga que já deu um Presidente da República ★ O "Sarto" ★ Corridas de automóvel a cinco cruzeiros ★ "Ligação", um cachorro que teve sua biografia publicada nos jornais ★ O rio só baixa fazendo uma vítima ★ Grande centro industrial e agrícola

Texto de JOSUÉ FÁVARO ★ Fotos de CANTARELLI

PIRACICABA é uma das mais antigas cidades de São Paulo. Dizem ter sido uma das primeiras da América do Sul a ter luz elétrica. Entretanto, de uma coisa ela se pode orgulhar: o ter sido berço de um Presidente da República: Prudente de Morais.

A cidade, rodeada de canaviais imensos, fica às margens do rio Piracicaba. Aliás, êsse nome indígena tem uma significação curiosa. Piracicaba quer dizer «fim do peixe», ou «onde o peixe acaba». De fato, neste ponto, o peixe acaba. Explica-se. Durante o verão os cardumes de jaús, dourados, etc., sobem o rio. Encontram, no entanto, perto da cidade, o Salto. E param. Aquela barreira de água, despencando-se de vários metros de altitude, com uma fôrça espantosa, impede a subida do peixe. Alguns dão saltos colossais, procurando superar o turbilhão espumante. Fala-se mesmo que os menores conseguem passar, às vêzes... Mas, para os peixes mais encorpados, a escalada é impossível. E os cardumes ficam por ali, rondando no largo, ou desovando atrás das pedras grandes. E' onde o peixe acaba. Piracicaba!

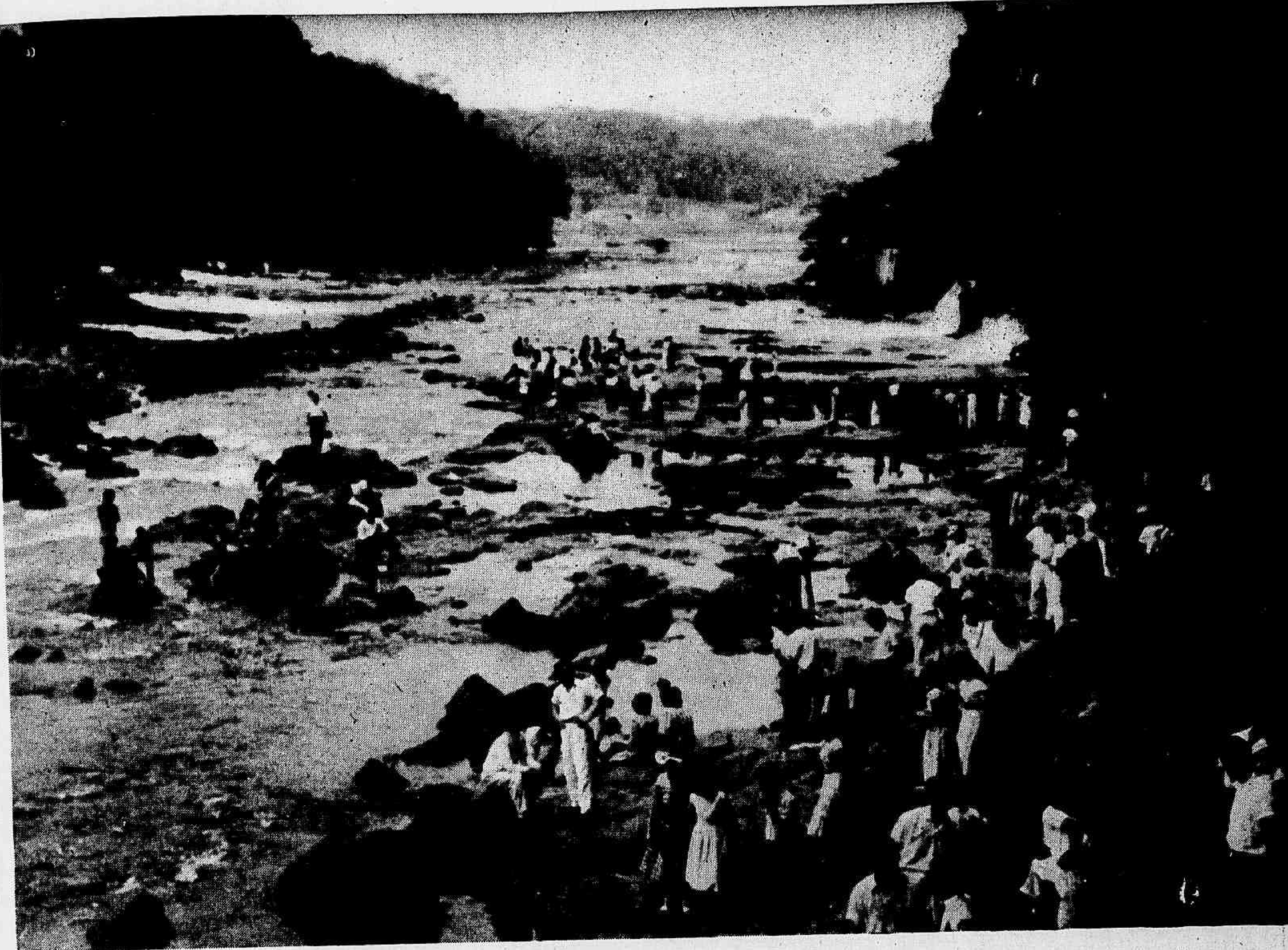
Durante o período das chuvas, a enorme



O peixe fica rodando sem poder subir. E os moleques aproveitam, apesar do aviso!



Triste sina da árvore que nasceu no turbilhão de espuma. Entre as pedras o peixe desova.



O rio sêco uma verdadeira atração. Quando as águas começam a descer, o Minotauro está digerindo um corpo humano. Essa é a crença, confirmada pelas coincidências do destino

massa dágua fervilha, estrondeja, revolve-se em contorsões de gigante. Na sêca, fica quase raso, as pedras à mostra, como ossos saltados em lombo de gado magro. Pode-se descer do mirante e andar pelo rio, saltando de pedra em pedra.

Há entretanto, uma crença arraigada entre os piracicabanos: as águas não descem antes de fazer uma vítima! A simples narrativa dessa lenda, traz à lembrança o Minotauro da Mitologia grega, que exigia sempre uma vítima humana para aplacar a sua fome. Ainda há pouco, as chuvas pararam dois dias. Alguém sugeriu:

— O rio vai baixar.

— Qual! — respondeu alguém do lugar — Não baixa, não. Ainda não morreu ninguém êste ano.

Passou-se uma semana, quando os jornais locais estouraram, na manhã suave, com manchetes de sensacionalismo: «Desapareceu misteriosamente um japonês» — «Há dois dias que não volta à sua casa».

Depois, a polícia encontrou o cadáver, perto do Salto.

E o povo disse: «Agora, o rio baixa».

O «SARTO»

O forasteiro, logo ao chegar, recebe a queima-roupa esta pergunta: — «Já viu o «sarto»?

Ainda é bem grande o número de pessoas que pronunciam o «r» inglesado, em lugar de «l». Dizem que foi influência dos americanos fugidos dos Estados Unidos depois que o Sul foi derrotado pelo Norte, na guerra de 70, e que vieram estabelecer-se próximo a Piracicaba, fundando a Vila Americana.

Pode ser que seja, mas também...

E' o caso de se averiguar. Qualquer sociólogo poderia pesquisar se antes da chegada dos americanos o nosso caipira não pronunciava «sarto», nem «Tatuir». Eu creio pouco provável a hipótese de influência norte-americana. Pois o certo é que êles não eram mais do que duzentos, quando fugiram da Georgia e se estabeleceram em Vila Americana. E é bem difícil duzentas pessoas influenciarem de tal maneira mais de um milhão de outras...

COISA BESTA!

O canavial é a riqueza da região. Piracicaba é o maior produtor de cana do Estado de São Paulo. Um caboclo velho, com quem conversei, disse que tudo estava muito bem, mas que êle sentia o desaparecimento do carro de boi. Ahô aquela «música» das rodas, rangendo pela estrada a fora, enquanto a tarde desce, calma e quente, para o ocaso — aquela «música» era maravilhosa! Os bois até acertavam o passo pelo gemido dos eixos de cabriuva! Dizem mesmo que entre os caboclos faziam-se concursos para escolher qual o carro que guinchasse mais afinado. Punham breu no eixo, quando as rodas gemiam.

— Hoje, — disse o caboclo — num teim mais disso. E' só caminhão! Só caminhão! Coisa besta!

CHARADA...

A cidade de Piracicaba tem um lugar de destaque também no futebol. Seu principal «team», o XV de novembro, faz parte da primeira divisão de profissionais, de São Paulo. Tem tido vitórias que chamaram a atenção de todos os esportistas nacio-

(Cont. na pág. 48)



«Onde o peixe acaba», o rio é romântico. Os namorados vão ao mirante para ver a paisagem.



Os canaviais são bem tratados. Helicópteros espalham os adubos químicos nos [illegible]

SEMANA em CARICATURA



— O manipanço que representava a estátua do trabalhador, só durou 43 horas no pedestal!
— Durou mais do que um candidato do PSD no cartaz...

— Depuraram o Vargas Neto na presidência da F. M. F.!
— Para um Vargas, já foi deposto tarde...



— O príncipe D. João reclamou do govêrno o Palácio Guanabara!
— Será para moradia do proprietário?!
— Parece que é por falta de pagamento dos aluguéis!...

— Vou comprar um Mercury 1950!
— Eu prefiro adquirir um barco anfíbio; serve também nas inundações...





SÔBRE O AMOR

Ofereço hoje às leitoras dêste cantinho alguns pensamentos que traduzi do livro «De L'Amour», de Paul Geraldy, recentemente reeditado e que acabamos de receber de Paris. Leiam.

★

O homem pensa que êle escolhe a mulher, mas quase sempre é ela que escolhe o homem. E' a mulher que escolhe o homem que a escolherá.

★

Emprestando-lhe o nome de amor, libertamos, limpamos, entronizados a volúpia. Mas, que fizemos nós do amor?

★

O mais belo momento do amor, o único que nos deixa realmente embriagados, é êsse prelúdio, êsse preparativo: o beijo.

★

Em amor, não existem nem crimes, nem delitos. Há falta de gôsto.

★

A história de um amor é o drama de sua luta contra o tempo.

★

Amar é encontrar na posse a exaltação do desejo.

★

O amor é a arte e a paixão de conquistar, de possuir, de reter uma alma tão forte, que ela nos eleva, e tão fraca que ela tem, de nós, a necessidade que temos dela.

★

Quando se ama, não se tem paz senão com a condição de estarmos contentes conosco e com a pessoa que amamos.

★

Não se ama nunca, bastante, as amizades das pessoas que amamos.

★

E' preciso que duas pessoas se assemelhem um pouco para se compreenderem, mas é indispensável serem diferentes, para se amarem.

★

Cada um mostra seu retrato ao outro — e o outro se mira no vidro.

★

Não seja avaro de amor.
O amor, como a fortuna, é feito para ser gasto.
Bem gastar — é enriquecer-se.

★

O amor é o esfôrço que um homem faz para contentar-se com uma só mulher.

★

E' muito difícil fazer feliz a uma mulher.

★

Ama-se por muito tempo, ainda, uma mulher que se amou.

Tradução de LYSE



VARIAÇÕES DA MODA

Em seus múltiplos aspectos, a moda se apresenta sempre variada e inconstante; os seus mínimos detalhes constituem sempre motivos de atração e sucesso. Uma gola original, uma suéter diferente, um chapéu bem composto, ou um adôrno sugestivo constituem sempre motivo de atração e elegância. Nesta página temos várias sugestões apresentadas por Sally Forrester, Jean Hagen e Cid Charisse, «estrêlas» da MGM, e Peggy Dow, da Universal-International.







PARA jantares elegantes, aqui estão alguns sugestivos modelos. À direita: — original modêlo em tafetá com mangas três quartos, formando grandes franzidos. À esquerda, em cima: — vestido em faile, a saia forma um drapeado na frente e cai aberta em leque. O corpo é bordado e sobe até ao ombro. Em baixo: — elegantíssimo vestido em sêda estampada com saia enviezada e original decote. Em baixo, à direita: Modêlo simples em sêda branca, na cintura tem uma tira de cetim formando um grande laço.



JANTAR AS OITO

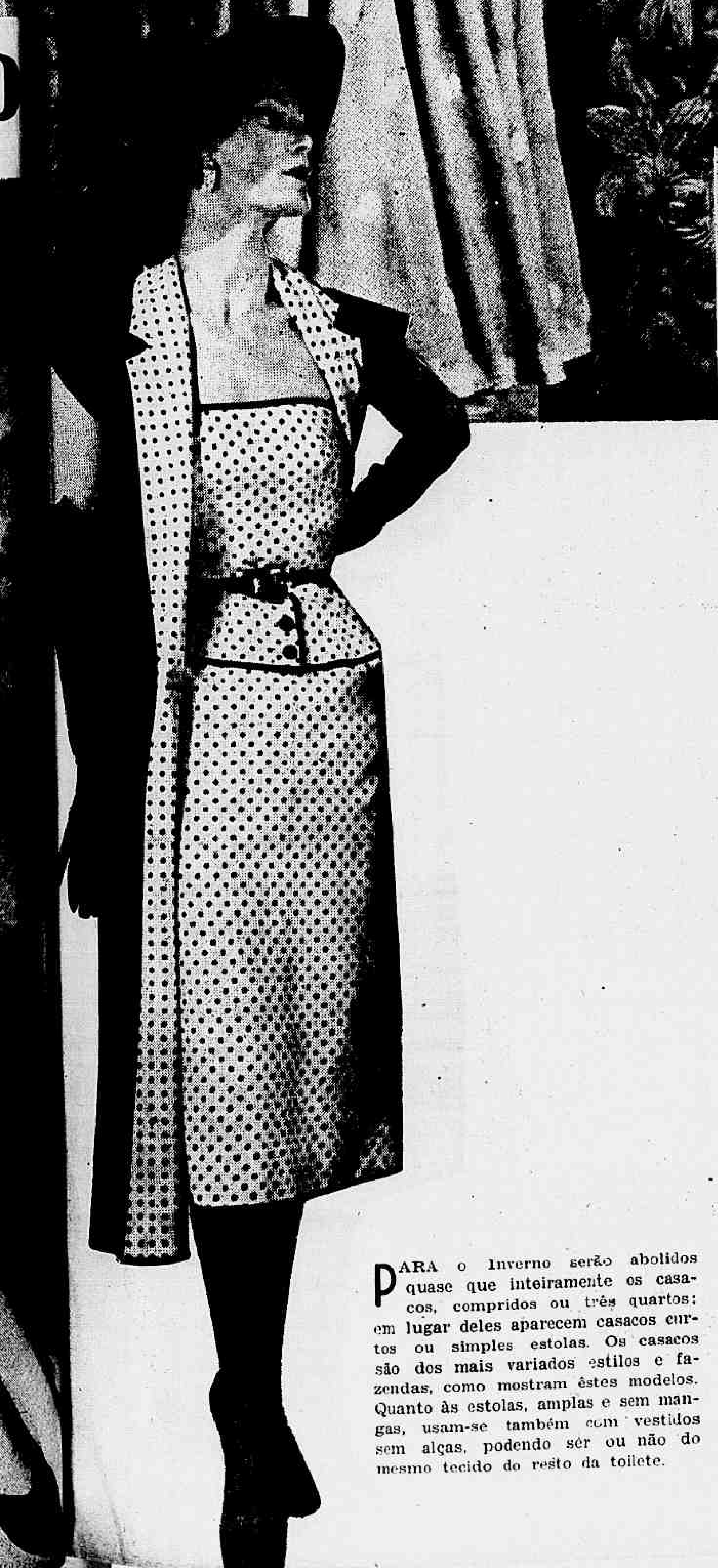








CASACOS E ESTOLAS

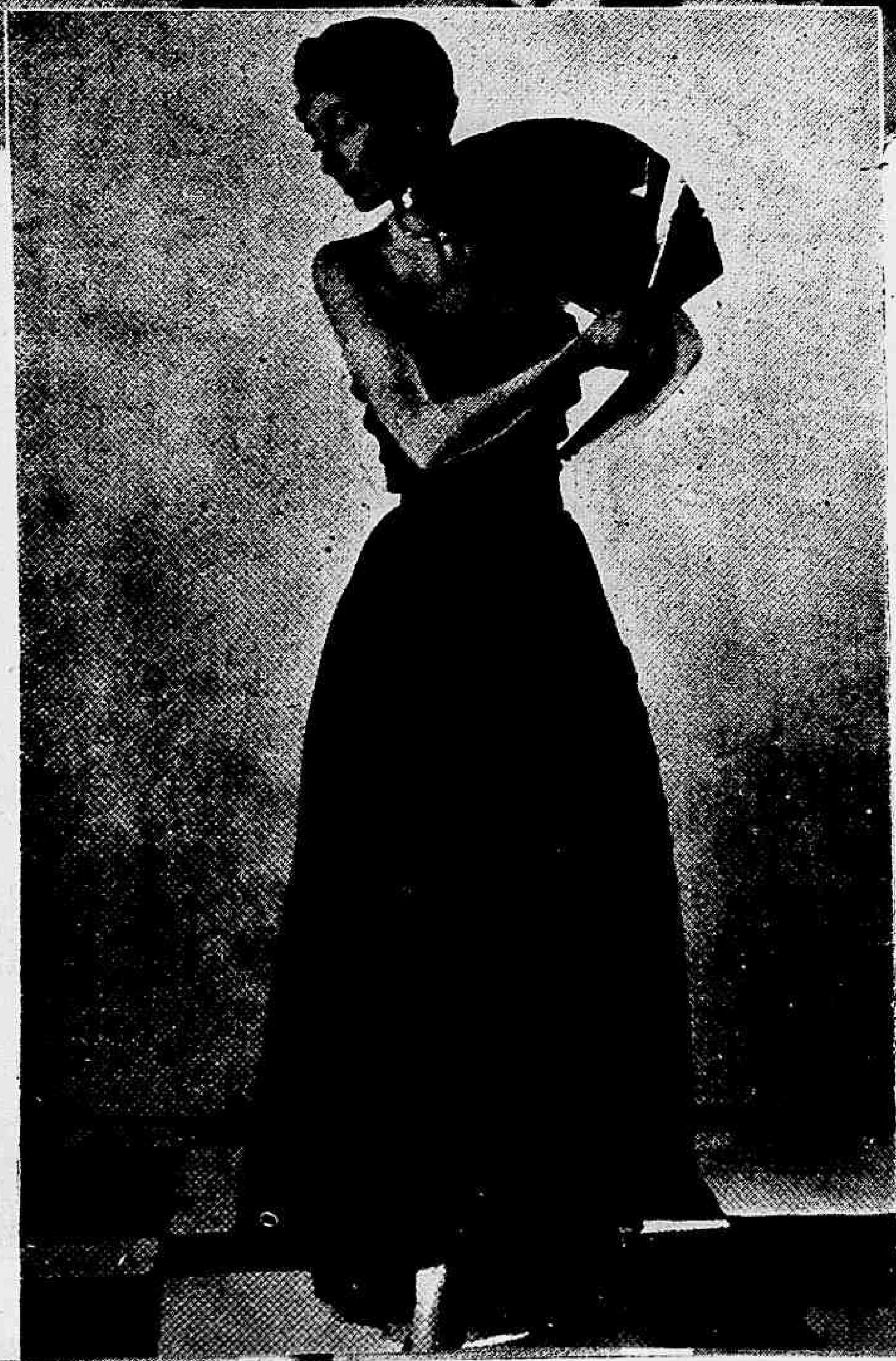




PARA o Inverno serão abolidos quase que inteiramente os casacos, compridos ou três quartos; em lugar deles aparecem casacos curtos ou simples estolas. Os casacos são dos mais variados estilos e fazendas, como mostram êstes modelos. Quanto às estolas, amplas e sem mangas, usam-se também com vestidos sem alças, podendo sêr ou não do mesmo tecido do resto da toilete.







EM GAZE E ORGANZA

Os vestidos de gaze e organza, pelo aspecto vaporoso, têm muita graça e não precisam ser muito enfeitados ou de feitios complicados. Em cima: a parte de cima do corpo neste vestido é em renda, a saia é de organza formando largos babados que se cruzam na frente. — Modêlo sem alças, em organza, saia franzida, possui uma capa do mesmo tecido, enfeitada com peles. Em baixo, à esquerda: — a saia e o corpo dêste vestido em organza são trabalhados em pregas horizontais. À direita: — Para tarde, modêlo em gaze, todo plissado, com gola e os punhos em organza branca.



ABAS LARGAS





ESTA coleção de chapéus mostra como estão outra vez em moda as abas amplas, de vários formatos e em feltro, palha ou cetim. Êstes modelos são originais. Embora simples, não apresentam muitos ornamentos, são enfeitados apenas com véus e fitas. Pela variedade de estilo, servem para diversas ocasiões.



AOS QUE COMEÇAM A PERDER CABELOS E AOS CALVOS

O legítimo tônico capilar AMARALINA, revolucionária descoberta verificada na Bahia e ali mesmo industrializada, já pode ser adquirido nas Drogarias, Perfumarias e Farmácias do Rio, e com absoluta certeza nas seguintes casas que adquiriram grandes quantidades:

PERFUMARIAS CARNEIRO — Rua 7 Setembro, 92, R. Ouvidor, 138 e 116, Pça. Marechal Floriano, 31, R. Ronald de Carvalho, 54-A, R. Conde Bonfim, 322, R. Visc. Pirajá, 76-B, R. Gonçalves Dias, 39, e R. José Clemente, 34, em Niterói. PERFUMARIAS LOPES — Pça. Tiradentes, 34, e R. Uruguaiana, 44. DROGARIAS: V. SILVA — R. Assembléia, 64; PACHECO — R. Andradas, 43; CASTELO — Av. Nilo Peçanha, 155-A; RAUL CUNHA — R. Alfândega, 111; LAPA — Largo da Lapa, 32; SUL AMERICANA — L. S. Francisco, 42; TINOCO — R. Andradas, 11, e GRANADO — R. 1º de Março, 14. FARMÁCIAS: SILVA ARAÚJO — Largo da Carioca, 11; RIO BRANCO — R. S. José, 112; MUNDIAL — R. S. José, 118; JACY — R. Catete, 352; GUANABARA — R. Licínio Cardoso, 261; FIGUEIREDO — R. Carioca, 33; POLIBIO — R. Siqueira Campos, 83; PIAUÍ — R. Barata Ribeiro, 646-B, e SÃO JOAQUIM — R. Marechal Floriano, 173; FENIX — Av. Mem de Sá, 11. CASAS EUTERPE — Av. Rio Branco, 88; CIRIO — R. Ouvidor, 181; BAZIN — Av. Rio Branco, 134; ERITIS — R. Uruguaiana, 78; O CAMIZEIRO — R. Assembléia, 28; O CRUZEIRO — R. Assembléia, 58, e Av. N. S. Copacabana, 557, e LOJAS BROADWAY — R. Ouvidor, 134.

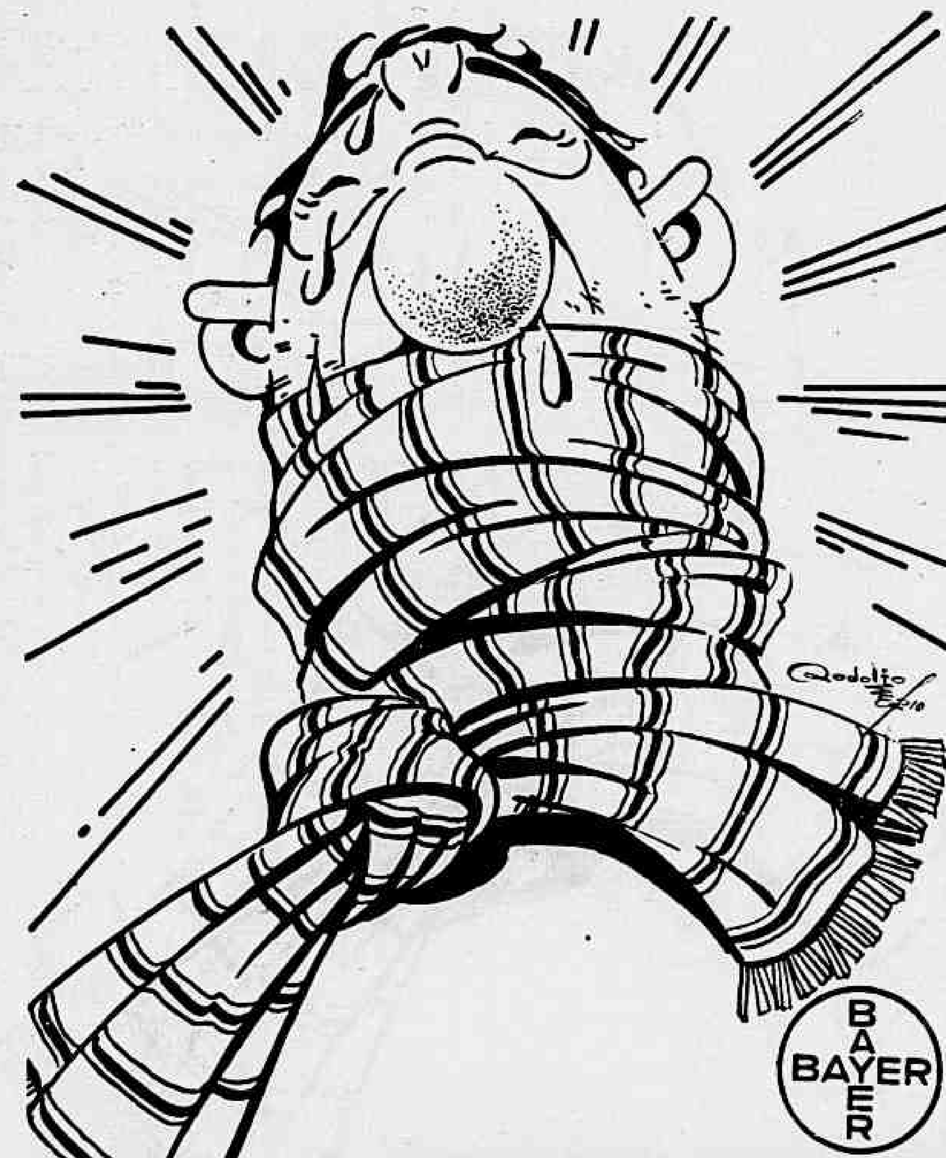
EM JUIZ DE FORA: DROGAFAR S. A. — R. Halfeld, 675; DENTAL MINEIRA, LTDA. — R. Halfeld, 698, e SALÃO BARBOSA — R. Marechal Deodoro, 568.

EM LEOPOLDINA, MINAS: OLDEMAR MONTENARI — Rua Barão de Cotegipe.

No Escritório dos Distribuidores os interessados encontrarão provas de que AMARALINA não é uma especulação comercial, mas um Tônico Capilar que dá resultados surpreendentes. Sua visita nos dará imenso prazer, pois, nós também, gostamos de saber realmente o valor daquilo que pretendemos adquirir.

AMARALINA pode ser adquirida também pelo reembôlso postal a Cr$ 45,00, livre de porte, diretamente dos distribuidores: — M. M. BURLE & CIA. LTDA.

AV. RIO BRANCO, 137 - 6º AND. S/616
RIO DE JANEIRO - FONE: 32-9415



WEEK-E[ND N]A COZINHA

TROUXAS D'OVOS

Tome 24 gemas e as claras, só as finas, 2 quilos de açúcar cristalizado em calda. Os ovos são coados numa escócia. Quando a calda levantar fervura, junte a baunilha ou água de flor e vá jogando os ovos, por meio de uma xícara contendo 2 colheres dos ovos. Deixe ferver até as pastas ficarem bem passadas, mergulhando-as sempre com a escumadeira, escorra-as e retire-as para uma peneira de taquara. Enróle cada pasta ao comprido ou redonda pondo dentro, como recheio, os pedaços que sairam menores. Arrume as trouxas sôbre fôlhas de bananeira passadas ligeiramente no fogo ou no forno. Toste uma a uma com um ferro de engomar e só nos dias seguintes retire do tabuleiro e arrume no prato.

CAJUS EM CALDA

Tome 12 grandes cajus, bem maduros, descasque com uma faquinha de bambu, espete todos com um palito, esprema com a mão para tirar um pouco do caldo e deite numa vasilha com água e caldo de um limão, para não escurecerem. Ferva água, jogue dentro os cajus e deixe até levantar a fervura, de novo. Faça uma calda com 3 xicaras de açúcar e 1 de água; quando estiver em ponto de pasta, escorra os cajus, deite na calda e leve a tomar novamente o ponto. Se não fôr época de cajus, compre em lata.

COSTELETAS DE VITELA À LOUSIANE

Tome 2 quilos de costeletas de vitela, limpe, arregace, bata para achatar e deite no sal com 1 colher de cebola ralada. Leve a fritar em banha dos dois lados, bem douradas. Ecorra a gordura, deite na frigideira 1 colher de manteiga com ½ de farinha, molhe com 6 colheres de caldo para diluir o tostado, peneire e deite sôbre as costeletas. Coloque-as ao redor de 1 travessa, intercaladas com arroz, e encha o centro com milho verde. Frite 6 bananas, parta em rodelas e deite 1 monte sôbre cada costeleta.

OMELETE DE PÃO FRITO E PRESUNTO

Faça uma omelete com 8 ovos e recheie com a seguinte composição: Tome 100 gr de presunto, 100 gr de queijo, e ½ xicara de miolo de pão frito na manteiga, tudo partido em cubos de 1 cm. Misture e recheie a omelete.

TORTA SUIÇA DE MAÇÃS

100 gr de manteiga, 100 gr de açúcar, 100 gr de farinha, casca ralada de limão, 2 ovos, uma pitada de sal, talhadas de maçã. Bate-se como creme a manteiga, o açúcar, o sal, a casca de limão e os ovos. Junta-se a farinha e põe-se a massa em fôrma de abrir bem untada, cobre-se com as talhadas das maçãs, formando coroa, e leva-se ao forno, durante ½ hora. Depois de pronta polvilha-se com açúcar.

FILETS DE AMÊNDOAS

300 gr de açúcar, 250 gr de amêndoas raladas, 125 gr de chocolate em pó, 4 claras. Batem-se as claras, mistura-se o açúcar, as amêndoas e o chocolate em pó. Com o auxilio de uma colher, fazem-se desta massa montículos em papel pergaminho untado, assam-se em forno regular e tira-se depois o papel, com cuidado.

TORRADAS DE ERVA DOCE

200 gr de açúcar, 4 ovos, 275 gr de farinha de trigo, e um pouco de erva doce. Bate-se bem o açúcar com os ovos, junta-se a farinha com a erva doce, estende-se a massa e cortam-se tiras de 6 a 7 cm de largura. Põe-se em assadeira untada com manteiga e polvilhada com farinha, pincela-se com gema e assa-se em forno regular.

No dia seguinte cortam-se as tiras em fatias de 1 e ½ cm de grossura, colocam-se na assadeira com o lado cortado para baixo, e assam-se em forno regular até tomarem uma côr alourada.

SORVETE DE FRUTAS

Tomam-se quaisquer frutas que se passam por uma peneira, juntando-se-lhes em seguida açúcar à vontade. Querendo melhorar o gôsto, junta-se um pouco de suco de limão ou um cálice de Kirsch. Pode-se preparar também sorvetes de frutas utilizando-se de frutas em conserva picadas, acrescentando-se-lhes neste caso igual quantidade de água.

MACARRÃO COM ESPINAFRE

200 gr de macarrão, 100 gr de espinafre, gordura, açúcar ou sal e pimenta. Pica-se o espinafre, que se refoga em gordura com açúcar ou sal e pimenta. Mistura-se êste refogado com o macarrão que deve ter sido cozido com água e sal, ou simplesmente com água.





BACALHAU PASSADO EM OVOS

Tome ½ quilo de bacalhau grosso, s
espinhas, e deite de môlho. Leve a u
pequena fervura e divida em las
grandes. Bata 6 claras em neve, ju
as gemas, 1 pitada de sal, e vá junta
farinha de trigo até ficar como suspi
Adicione 1 colher de chá de azeite f
passe as lascas neste creme e vá frita
em banha quente. Sirva enfeitado c
salsa, arroz à parte.

PASTÉIS DE FORNO

A massa: Tome 1 colher de ba
1 de manteiga, 2 gemas, 1 clara, ½
cara de leite môrno com ½ colheri
de sal. Misture tudo e vá amassando
farinha até a massa ficar lisa e bra
Faça uma bola, deixe repousar po
hora. Abra com o rôlo, polvilhe
bastante queijo ralado. Dobre ao
e torne a abrir, não tão fina como a
tinada para pastéis de fritar. Parta
rodelas com o cortador ou com 1 c
Recheie com picadinho simples ou
galinha, camarões, etc.

Bote o recheio no centro da m
dobre ao meio, fixe as bordas e ar
num tabuleiro polvilhado. Doure
1 ôvo desmanchado, polvilhe com q
e leve a assar no forno.

ARROZ COM MIÚDOS

Leve a cozinhar numa panela os
dos de um pato, e o pescoço, com
sal e cheiros. Noutra panela frite
colher de sopa de cebola ralada
outra de banha ou gordura de
Junte ½ quilo de arroz bem lavado,
bem, cubra com água quente, jun
miúdos picadinhos e o môlho c
Tempere com sal e leve a ferver.
do fogo brando até ficar pronto.
com o pato.

DOCE DE CASTANHAS DO PERIG

Tome 6 ovos frescos. Separe as
e bata valentemente com 6 colher
açúcar. Quando estiver leve, ju
colheres de fécula de batata, 3 co
de farinha de trigo, e gôtas de ág
flor de laranja. Junte as 6 clar
neve, despeje numa fôrma lisa,
de manteiga, e leve a assar em
quente. Depois de frio, corte ao
régue com um cálice de água con
colher de açúcar. Tome ½ quilo de
nhas, tire as cascas grossas, pel
água a ferver e leve a cozinhar.
de macias, passe pela peneira. Faç
calda com ½ quilo de açúcar e a

WEEK-E A COZINHA

TORTA SUIÇA DE MAÇAS

100 gr de manteiga, 100 gr de açúcar, 100 gr de farinha, casca ralada de limão, 2 ovos, uma pitada de sal, talhadas de maçã. Bate-se como creme a manteiga, o açúcar, o sal, a casca de limão e os ovos. Junta-se a farinha e põe-se a massa em fôrma de abrir bem untada, cobre-se com as talhadas das maçãs, formando coroa, e leva-se ao forno, durante ½ hora. Depois de pronta polvilha-se com açúcar.

FILETS DE AMÊNDOAS

300 gr de açúcar, 250 gr de amêndoas raladas, 125 gr de chocolate em pó, 4 claras. Batem-se as claras, mistura-se o açúcar, as amêndoas e o chocolate em pó. Com o auxilio de uma colher, fazem-se desta massa montículos em papel pergaminho untado, assam-se em forno regular e tira-se depois o papel, com cuidado.

TORRADAS DE ERVA DOCE

200 gr de açúcar, 4 ovos, 275 gr de farinha de trigo, e um pouco de erva doce. Bate-se bem o açúcar com os ovos, junta-se a farinha com a erva doce, estende-se à massa e cortam-se tiras de 6 a 7 cm de largura. Põe-se em assadeira untada com manteiga e polvilhada com farinha, pincela-se com gema e assa-se em forno regular.

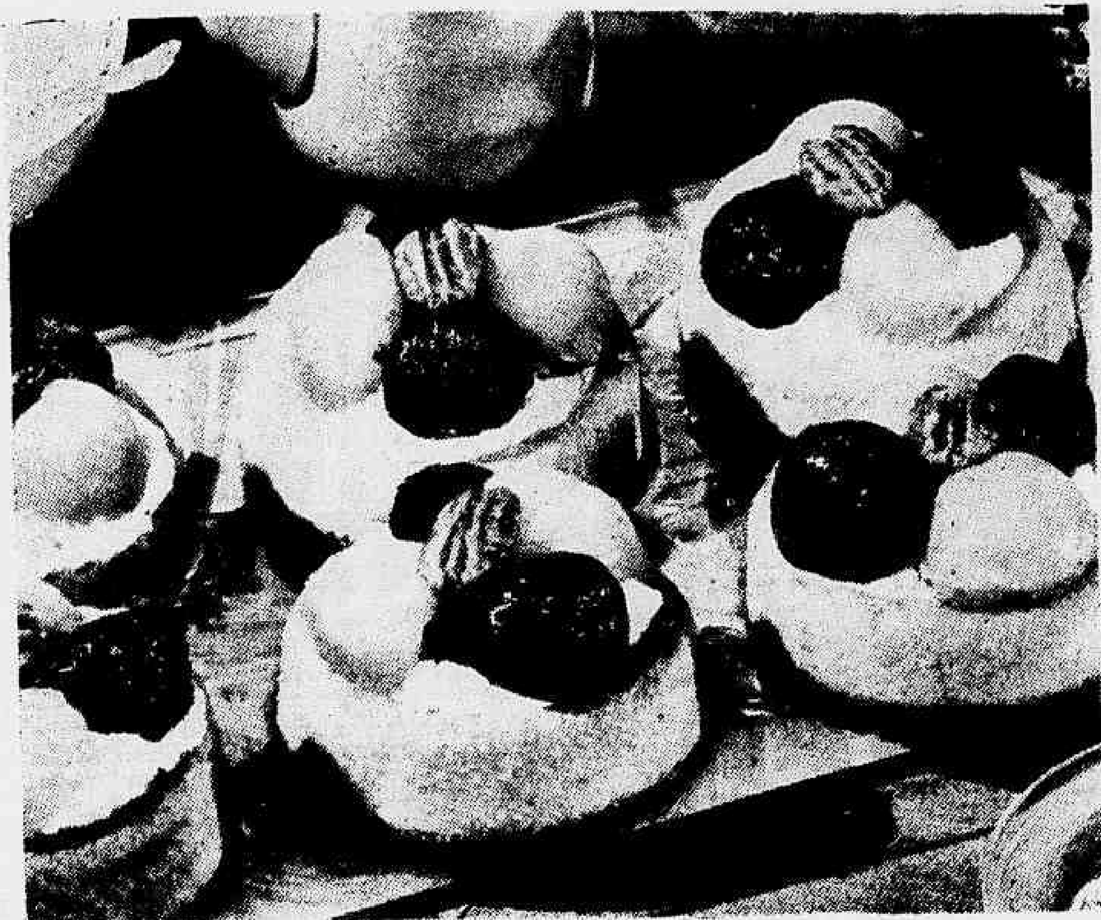
No dia seguinte cortam-se as tiras em fatias de 1 e ½ cm de grossura, colocam-se na assadeira com o lado cortado para baixo, e assam-se em forno regular até tomarem uma côr alourada.

SORVETE DE FRUTAS

Tomam-se quaisquer frutas que se passam por uma peneira, juntando-se-lhes em seguida açúcar à vontade. Querendo melhorar o gôsto, junta-se um pouco de suco de limão ou um cálice de Kirsch. Pode-se preparar também sorvetes de frutas utilizando-se de frutas em conserva picadas, acrescentando-se-lhes neste caso igual quantidade de água.

MACARRÃO COM ESPINAFRE

200 gr de macarrão, 100 gr de espinafre, gordura, açúcar ou sal e pimenta. Pica-se o espinafre, que se refoga em gordura com açúcar ou sal e pimenta. Mistura-se êste refogado com o macarrão que deve ter sido cozido com água e sal, ou simplesmente com água.



BACALHAU PASSADO EM OVOS

Tome ½ quilo de bacalhau grosso, sem espinhas, e deite de môlho. Leve a uma pequena fervura e divida em lascas grandes. Bata 6 claras em neve, junte as gemas, 1 pitada de sal, e vá juntando farinha de trigo até ficar como suspiro. Adicione 1 colher de chá de azeite fino passe as lascas neste creme e vá fritando em banha quente. Sirva enfeitado com salsa, arroz à parte.

PASTÉIS DE FORNO

A massa: Tome 1 colher de banha, 1 de manteiga, 2 gemas, 1 clara, ½ xícara de leite mórno com ½ colherinha de sal. Misture tudo e vá amassando com farinha até a massa ficar lisa e branda. Faça uma bola, deixe repousar por ½ hora. Abra com o rôlo, polvilhe com bastante queijo ralado. Dobre ao meio e torne a abrir, não tão fina como a destinada para pastéis de fritar. Parta em rodelas com o cortador ou com 1 copo. Recheie com picadinho simples ou com galinha, camarões, etc.

Bote o recheio no centro da massa, dobre ao meio, fixe as bordas e arrume num tabuleiro polvilhado. Doure com 1 ôvo desmanchado, polvilhe com queijo e leve a assar no forno.

ARROZ COM MIÚDOS

Leve a cozinhar numa panela os miúdos de um pato, e o pescoço, com água, sal e cheiros. Noutra panela frite uma colher de sopa de cebola ralada com outra de banha ou gordura de pato. Junte ½ quilo de arroz bem lavado, frite bem, cubra com água quente, junte os miúdos picadinhos e o môlho coado. Tempere com sal e leve a ferver. Retire do fogo brando até ficar pronto. Sirva com o pato.

DOCE DE CASTANHAS DO PERIGORD

Tome 6 ovos frescos. Separe as gemas e bata valentemente com 6 colheres de açúcar. Quando estiver leve, junte 3 colheres de fécula de batata, 3 colheres de farinha de trigo, e gôtas de água de flor de laranja. Junte as 6 claras em neve, despeje numa fôrma lisa, untada de manteiga, e leve a assar em forno quente. Depois de frio, corte ao meio e régue com um cálice de água com uma colher de açúcar. Tome ½ quilo de castanhas, tire as cascas grossas, pele com água a ferver e leve a cozinhar. Depois de macias, passe pela peneira. Faça uma calda com ½ quilo de açúcar e aí deite a pasta das castanhas e 2 gemas. Perfume com baunilha e deixe esfriar. Estenda a pasta de castanhas sôbre uma das rodelas do bôlo e cubra com a outra rodela. Derreta em 2 colheres de água, 1 colher de açúcar, 25 gr de chocolate e ½ colher de manteiga. Misture tudo e depois de frio estenda sôbre o doce com uma faca. Leve por 1 minuto na bôca do forno para dar brilho e secar.

PORRIDGE DE AVEIA

1 xicara de cereal para 4 de água e sal à vontade. Leve ao fogo até ficar reduzido a um mingau grosso. Deite uma porção em cada prato fundo e ofereça 1 bule com creme ou leite e 1 açucareiro. Cada um tempera à vontade. Alguns preferem juntar geléia em vez de açúcar.

SANDUICHES DE HARENQUES ENROLADOS

Parta 1 pão prêto de fôrma em rodelas de 4 cm de diâmetro e ½ de grossura e deite dentro no centro um montinho de manteiga fresca. Tome alguns harenques salgados, retire as espinhas e peles, lave bem, enxugue e corte em tirinhas sôbre o comprido. Régue com azeite fino e deixe a tomar gôsto por algumas horas. Enrole cada tira como anchovas, aplique nas rodelas do pão e deite, de cada lado, 2 triângulos cortados em rodelas finas de limão.

OURIÇO DE CHOCOLATE

250 gr de palitos franceses, creme de chocolate, rum, amêndoas descascadas.

Enche-se uma fôrma arredondada com palitos franceses embebidos em rum, espalha-se por cimo uma camada de creme de chocolate e continua-se assim até encher a fôrma. Depois de 1 hora, mais ou menos, vira-se num prato, aperta-se dos lados com as mãos e cobre-se com creme. Formam-se com passas os olhos e a bôca e espeta-se todo o bôlo com amêndoas partidas.

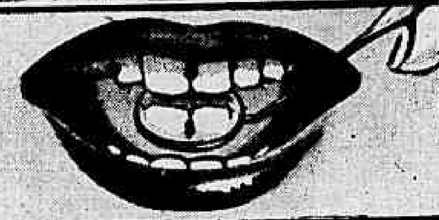
REFRÊSCO DE MORANGO

Em um copo, deitam-se duas colheres de xarope de morangos, uma de sorvete de morangos em uma de creme Chantilly. Acaba-se de encher o copo com sifão ou limonada. Arruma-se ainda uma pirâmide de creme Chantilly e serve-se imediatamente.

SADIOS LIMPOS BRILHANTES são os dentes do KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE... olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes báctericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superfície dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



McCANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-308

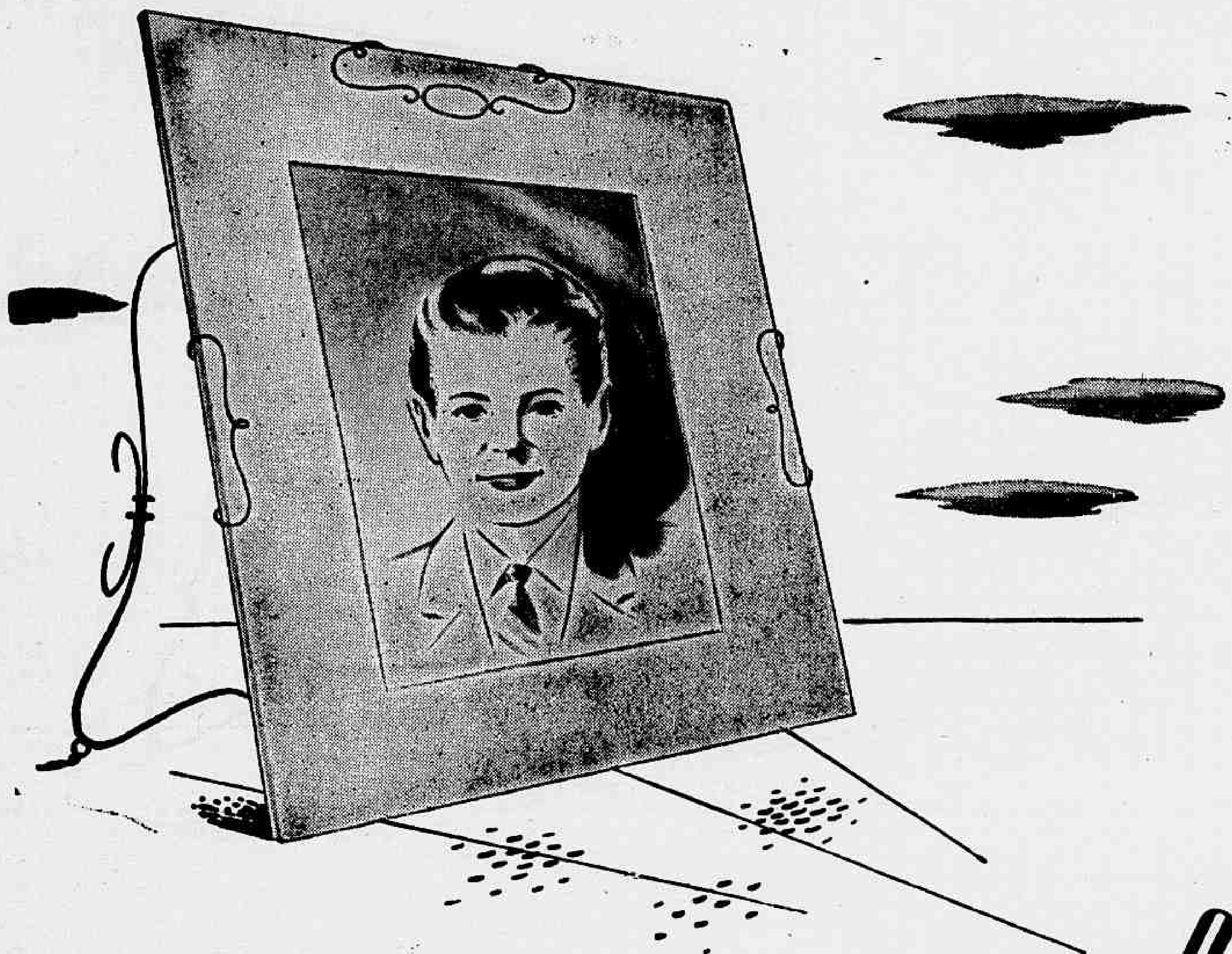
MENINO TRISTE

(Cont. da pág. 23)

de acento, com os pés infincados na areia mole, que com maior pressão êles afundavam e entravam até acima dos tornozelos, lambidos pela água fria e parada quase. Gostava sim, de sentar-se longo tempo sob o sol, ouvindo o ruído das peças jogadas na água e batidas na pedra (para tirar o sujo mais depressa, como diziam as lavadeiras), de sentir a quentura do sol nas costas nuas (quando ia para "o trabalho", no dizer de sua mãe, usava sòmente uma calça bem curtinha à altura das coxas, sem camisa, que era para não estragar as duas únicas que possuia), de jogar seixos longe, bem longe e ver os circulos enormes que se faziam com o mergulho e principalmente pensar calado, os olhos fitando distâncias sem limites e imaginar um mundo diferente daquele de suas visões. Às vêzes ficava agachado mais longe do rio, num cantinho do mato, vendo sòmente as águas azuis brilharem quietas como se fôssem de um lago pequeno. Nem se movia. Ouvia os gritos de sua mãe e muitas vêzes ela dizia um tanto rispida e fria.

— João você precisa acabar com esta preguiça. Não é nenhum principe que possa ficar à espera das coisas.

Mas êle sabia que não era preguiça. Aquela indolência para os movimentos, aquela quietude de gestos que lhe era tão preciosa e mesmo peculiar não era preguiça. Como dizer a sua mãe que adorava o silêncio e aquela paralisação de vida física, e o pensar — cheio de visões que talvez fôsse sonho, mas nunca preguiça sabia! Ou então podia ser doença, quem sabe, aquela tristeza grossa se desenvolvendo no corpo todo, absorvendo, sugando, roubando-o de iniciativas? Os outros meninos não eram como êle. Subiam em árvores, jogavam bolas, brigavam, se esmurravam e viviam diferentes. Sua mãe tinha razão. Ela sempre tinha razão. Era preciso não ficar sentado à espera de tudo. Não pensar. Até na escola, quantas vêzes despertara assustado dos seus mergulhos no sonho, ao ouvir o chamado da professôra? Os outros colegas se riam e pensavam naturalmente como êle poderia responder às perguntas da professôra se não estava prestando atenção?! Mas não sabia explicar o fenômeno, o interessante é que em alguma parte do seu cérebro a assimilação das lições da mestra tinha sido feita, inconsciente talvez. A resposta vinha quase pronta e surgia como se de um abalo, de um choque com a realidade. Muitas coisas até agora nunca pudera compreender, mas pessoas adultas (várias pessoas afirmavam a mesma verdade) diziam sôbre elas convictas que tinham que ser verdades reais, não importava o não compreendê-las. Uma delas era não entender como a terra poderia ser redonda e completamente sôlta no espaço. Êle não via mais que uma reta de terras, sem grandes declives e elevações, que se seguia... e um mar horizontal num mesmo nivel — como poderia ser? Como conseguia ela aguentar-se sem apoio, no firmamento? Quebrava a cabeça em pensar como, mas não entendia. Então surgia uma vaga esperança, que em algum tempo seria possivel compreender... Outra coisa — era a transformação das criaturas em pó, depois da morte. Êle achava os homens de formas tão compactas e rigidas, firmes, que não poderia ser. Desmanchar-se em nada, tôdas aquelas partes vivas do corpo? Os olhos, o nariz, os braços, as pernas se deslocando, se desmanchando e depois nada? Como? Não, não poderia ser!! Não deveria ser!! Então sua mãe tão boa, que sofria tanto, ir para o fundo da terra sem ninguém, sem um carinho, sem uma palavra amiga e depois se destruir e misturar-se com a areia e não ser mais ninguém? Oh! Deus, bem que isto não devia ser. Que acontecesse com êle, estava bem, era tão pequeno, sem fôrça, sem ânimo, sem muita vida, quase parado, imóvel, sem ritmos afinal, era uma continuação sòmente do que era êle — apagado, liso, sem volume, mas apressada, uma mais rápida desagregação. Mas com sua mãe. Não, êle não queria que fôsse verdade. E se sua mãe morresse? Morresse nesta noite, que seria dêle depois, como aguentaria o mundo sòzinho, como viveria? Que seria dela sòzinha, tão triste? E êle também tão sòzinho e tão triste sem ela? Para que esta separação? Quem ganharia com isto? Por que sua mãe fôra ficar doente, por quê? Não sabia que a doença traz morte mais ligeira? Será que ela queria mesmo morrer? Pela primeira vez pensou que a mãe poderia querer morrer para viver sossegada sem êle, sem as suas pequenas reclamações contra a vida dos pobres. Oh! era tão dificil calar. Como fazer saber que êle não podia aguentar calado todos aquêles sofrimentos impostos pela vida, que não podia ser igual a ela, sem mágoas, sem rebeldias, sem palavras rudes contra o Destino? Mas sua mãe precisava viver! Era o importante. Êle tinha que calar. Tinha que fingir-se contente com a sua situação de menino pobre, à mingua. Talvez, quem sabe, ela se sentisse feliz e voltasse a amar a vida e ficaria forte e animada como na época dos seus 7 anos. Sim, era preciso fazer alguma coisa. Êle não podia deixá-la morrer sem fazer, sem tentar alguma coisa. Tinha que impedir que o corpo tão honesto de sua mãe fôsse se desagregar, transformar-se em pó naquele chão sujo e feio do cemitério. Mas o que faria? Quem êle havia de procurar e pedir dinheiro? Sentiu um frio passar pela espinha, uma dorzinha aguda e fina no coração e as mãos esfriarem ao pensar em pedir dinheiro. Mas êle não era um menino mau. Sua mãe dizia quantas vêzes que era um bom filho, tinha um bom coração e como deixá-la morrer por vergonha de pedir a estranhos? Tinha que esmolar, sim, era preciso. Alguém de coração bom havia de compreender a daria algum dinheiro. Depois iria buscar o médico e tudo se resolveria, sua mãe voltaria a



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

O MISTÉRIO DO COLAR...

(Cont. da pág. 26)

cular e Peggy estava resolvida a tirar isso a limpo. Duas horas depois a moça batia à porta de um pequeno escritório. A porta foi aberta por um rapaz sardento, de cabelos vermelhos.

— O que deseja, senhorita?

— Sou Peggy Stone e gostaria que me desse algumas informações.

— Entre, faz favor. Não repare na desordem de minha sala. Quase não paro aqui.

— Não tem importância.

Peggy sentou-se e começou:

— Você tem alguma idéia sôbre o assassinato do tabelião George Moran?

— George Moran? Por que hei-de ter idéia sôbre isso?

— Como detective particular... poderia estar interessado no assunto. A policia não encontrou uma só pista que lhe permitisse iniciar as pesquisas.

— A policia não gosta do meu trabalho. Por que aborrecê-la? Ninguém me pagou...

— Então desculpe. Pensei que fizesse alguma ligação dêsse assassinato com a jovem Julie. — Johny ergueu-se ràpidamente.

— Que sabe acêrca de Julie?

— Apenas que você está auxiliando-a a encontrar alguma coisa. Se eu soubesse o que é, ajuda-ios-ia.

— Nada posso dizer sôbre isso. E' segrêdo de Julie, não meu.

Peggy deixou o rapaz ainda mais preocupado. Como ainda fôsse cedo para voltar ao "Flor de Lótus", a moça resolveu dar um teefone para Joan. A empregada informou-a de que sua patroa estava ausente. Peggy ficou aborrecida com aquilo. Preocupava-se sobremodo com o fato do assassino do tabelião estar sôlto, para cometer outro assassinato. Quando a moça chegou em sua casa, verificou que suas coisas haviam sido revistadas, embora não apresentassem desordem. A moça verificou se havia alguém no apartamento, procurando atrás das cortinas e até sob a cama. Convencendo-se de que seu visitante já se havia ido, a moça abriu uma gaveta e calcou um botão. O tampo da mesa afastou-se deixando ver o vazio entre as duas peças de que era formado. Peggy tirou a cabeleira negra, a escôva e uma latinha onde guardava os cremes. Vestiu o vestido de baile, colocou a cabeleira, transformando-se em Ane Aney. Saindo pela porta da cozinha, Peggy desceu pelo elevador de serviço até dois andares abaixo. Saiu do elevador e foi para a frente dos elevadores dos inquilinos. Assim ninguém desconfiaria de onde ela teria vindo. Na rua apanhou um taxi e seguiu para o outro apartamento, o de Ane Aney. Quando procurava introduzir a chave, a porta abriu-se e Marty apareceu à sua frente.

sorrir com mais frequência e acabariam aquelas tosses que pareciam abalar todo o seu corpo, com violência. Já estava ficando noite. D. Eulália estaria de volta da fonte a qualquer hora. Êle ia lá e pediria para que ela cuidasse de sua mãe. Ela era muito boa e compre-enderia. Depois êle enfrentaria aquêles caminhos distantes que o levariam à cidade. Procuraria D. Flora. Explicaria tudo. Tinha mêdo de tremer e engasgar-se nas palavras e ela não entendesse... Mas, quando pensasse no corpo magro e doente da mãe, êle tomaria coragem, sabia. A casa dela era tão bonita. Ela mesma era tão bonita. Tinha um rosto alvo e liso, corado, e olhos tão brilhantes sem cansaço nas pálpebras como os de sua mãe. E tinha um filho como êle, da sua idade. Ela também deveria ter a idade de sua mãe. Mas como era diferente. Tão nova parecia uma mocinha, com os cabelos louros, quase bran-cos (diziam que eram pintados com amoniaco e com água oxigenada). Bom, êle não entendia disto e nada tinha importância a não ser que ela lhe tratasse bem e desse o dinheiro adiantado para a mãe, mesmo sem as lavagens, naquele mês. Quem sabe se ela não daria mais, se êle contasse a verdade? Se ao menos êle pudesse cho-rar... Mas não, era muito feio chorar, sua mãe só dizia a verdade. Não ficaria bem. E se não suportasse aquela agonia no coração e aquêle mêdo de uma negativa, e pror-rompesse em chôro forte, copioso, pelo rosto todo? Não queria pensar nada. Agora precisava agir. Chegara a sua vez de mostrar à mãe que não era preguiçoso ou indo-lente. Depois da casa de D. Flora, êle iria pelas ruas, ou em algumas casas bonitas de gente que tinha muito dinnheiro e podia dar... Era até mais fácil pedi: a estranhos, caras nunca vistas antes. Precisava acender a vela para se vestir. A roupa estava pendurada no prego e tão murcha, sem goma, sem passar a ferro, que parecia mais um molambo de pano. Não fazia mal, talvez até ganhasse outra melhorzinha de D. Flora. Frederico devia ter tantas... Procurou vestir-se com calma sem fazer ruido para não despertar a mãe que ressonava. Viu que suas mãos tremiam de frio ou de mêdo, ou de tristeza, não sabia. Com cuidado terminou de pentear os cabelos crescidos demais, chegando já às orelhas. Olhou para as calças que estavam melhores e mais limpas que a ca-misa. O pano era mais grosso. A camisa tinha mangas curtas e desbotada pelas lavagens constantes. Ela dei-xava ver um pedaço das costas num rasgão comprido e longitudinal. Chegou até a porta da rua e um vento frio localizou-se com mais dor no pedaço nu e descoberto do tronco. Talvez chovesse. Talvez não. O céu estava escuro e ventava um pouco, mas era possivel que não trouxesse chuva. Seria melhor. Êle precisava estar sadio e forte para cuidar da mãe, já que o pai não prestava. Oh! Deus, estava errado, seu pai tão mau, tão ruim, estava forte, corado, vivendo noites em claro, gastando todo o dinheiro com gente má e logo sua mãezinha assim, da-quele estado. Sentiu que seus olhos ardiam e comprimiam lágrimas. Sua cara triste devia estar mais feia e rude. Sua mãe parecia mover-se lentamente no leito e ouviu alguns gemidos baixos em surdina. Chegou mais perto e beijou-lhe o rosto sêco, emurchecido e tão belo para êle, como um rosto de uma santa. Perguntou bem baixi-nho se ela queria alguma coisa. A resposta veio serena, terna e chorosa:

— Não, meu filho... Vai dormir um pouco. Você deve estar tão cansado, todo o dia sentado aí a olhar por mim! Dá-me um beijo e vai dormir. Vai, sim meu filho.

Cuidadoso, aproximou os lábios que tremiam de an-gústia, da testa lisa e larga da mãe, num beijo silencioso e mudo e afastou-se rápido, para esconder as lágrimas que desciam lentas através do comprido do rosto. Esfria-vam à medida que alcançavam a bôca cerrada e aper-tada num ritus surgido da revolta e da agonia. Junto à porta estacou. Pensou que seria bom fingir que dormia para não inquietar a mãe e resolveu deitar-se um pouco, assim como estava, vestido já. Logo mais (também ainda era cedo, D. Eulália às voltas com o jantar do marido, não poderia vir tomar conta da mãe, era melhor esperar um pouco) correria até a cidade em busca do dinheiro que resolveria tudo. Dinheiro. Tinha horror dêle, mas de que valia gritar contra a realidade crua batendo nos seus olhos? A vida da mãe dependia de algumas moedas. Sabia que sòmente a pobreza estava matando, inútil buscar outros motivos, sòmente a miséria, nada mais. Ela era bem moça, não tinha os seus trinta anos, apesar das rugas dos olhos e do corpo e sempre fôra muito forte, sòmente neste último ano ficara assim, cansada, derrubada na cama, sem resistência à morte. Mas, se ela não tinha mais coragem para lutar, êle, seu filho, lutaria por ela, não deixaria nunca que a morte chegasse, violenta, de as-salto, levando-a dêle, para longe, grandes distâncias, onde nunca mais poderia ir vê-la. Ela não morreria, não agora, antes de conhecer um mundo belo, antes dêle formar-se e poder oferecer uma casa rica, um lar merecido, que seu pai esquecera. Não. Era quise um grito articulado para o alto, onde vivia Deus. Desde pequeno aprendeu a acre-ditar em Deus, não podia esquecê-lo agora. E cheio de fôrça e de um sentimento novo de vitalidade correu para a choupana de D. Eulália. E enquanto não a viu sen-tada naquele mesmo tamborête onde estivera todo o dia pensando, e saiu à rua em passos largos, roubando qui-lômetros em busca do médico, seu pensamento não se aquietou.

Sentiu seu corpo leve quando desaparecia na estrada e um sorriso cheio, tomando conta da bôca, estendendo-se mais até os olhos, ao pensar que enfim, estava fazendo alguma coisa por ela, estava salvando-a, e cumprindo a sua promessa, promessa feita ao seu coração triste de menino triste...

O ASSASSINO ATACA NOVAMENTE

Cap. III

Peggy Stone esboçou o seu mais lindo sorriso, disfarçando inteiramente o choque despertado por tal encontro.

— Que feliz surprêsa, Marty! Acha que estou atrazada para o espetáculo?

— Não. Quis verificar por mim mesmo o que você faz antes de ir para o cassino.

— Imagine, querido, que eu já estava a caminho do "Flor de Lótus" quando verifiquei que havia esquecido minha pul-seira. Você sabe que não é muito reconfor-tante a gente aparecer num cassino sem uma jóia, além dêste relógio barato. Veja que pulsera magnifica eu comprei. Custou ape-nas vinte dólares, não é ouro mas faz uma figura formidável. — Peggy pediu-lhe que prendesse a jóia que acabara de apa-nhar de sôbre a penteadeira, em seu pulso. Momentos depois saiam os dois em di-reção ao cassino.

— Marty... — falou Peggy distraida-mente. — Eu gotaria de conhecer o seu salão de jôgo, afinal...

— Por que êsse interêsse agora? Não te-nho nenhum desejo de vê-la num antro daquele. Não é lugar para uma moça, mesmo da sua espécie.

— De que espécie voc pensa que eu sou?

— Minha filha... — disse o homem pensativamente. — Francamente que eu mentiria se dissesse ter juizo formado a seu respeito. Você tanto pode ser uma desmiolada fugida de alguma familia rica, como apenas uma aventureira inescrupu-losa. Prefeiro considerá-la dùbiamente.

— Se você pensa assim... Mas bem que eu gostaria de conhecer o salão de jôgo.

— Não desanime. Quem espera...

— Interpreto essa resposta como uma promessa.

Realmente, era uma promessa que bem cedo seria cumprida. Logo depois do es-petáculo a moça foi ao escritório onde Marty a esperava.

— Bem, menina. Para que você não pen-se qualquer coisa complicada a respeito, resolvi mostrar-lhe o salão de jôgo, a ver-dadeira alma dêste cassino.

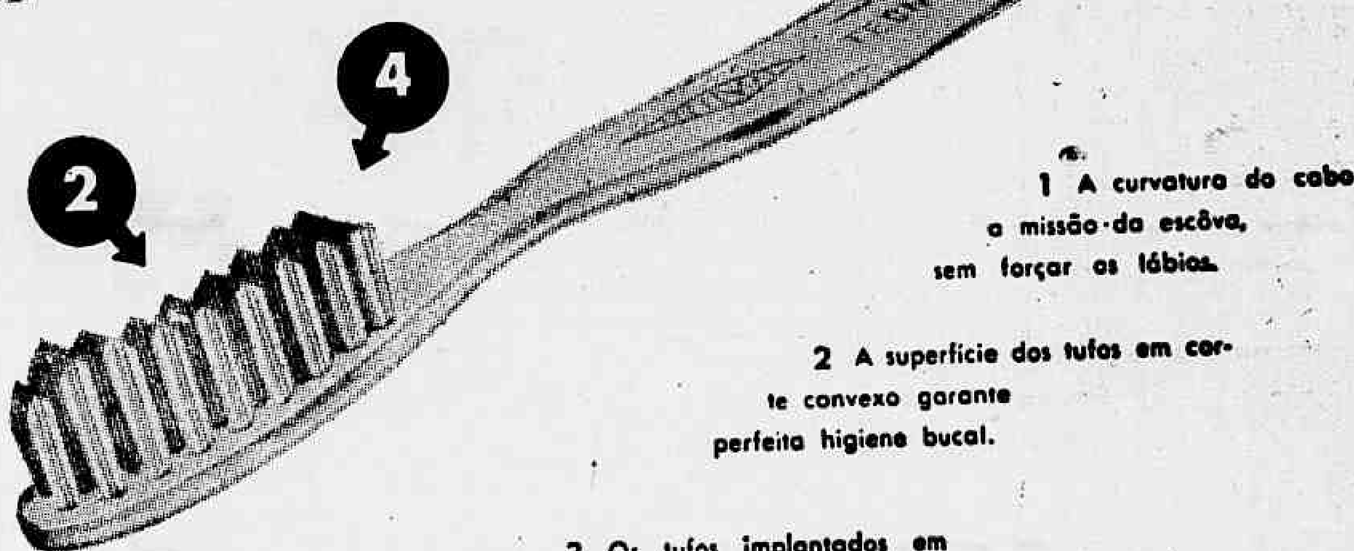
Uma porta disfarçada na parede deu-lhes passagem para uma escada por onde desceram. Grossos tapêtes abafavam os seus passos. Ao pé da escada havia uma outra porta que foi aberta por uma chave que Marty usou no momento. Peggy perguntou-lhe se costumava trancá-los assim, mas o rapaz explicou que só êle e um encarregado usavam a chave daquela porta. Entraram em seguida em uma pequena sala de estar, ornada com um rico jôgo estofado. As pa-redes eram revestidas de espelhos. Marty aproximou-se do lado oposto da sala. Os espelhos eram recortados em quadrados e presos por parafusos.

(Cont. no próximo número)



A ESCÔVA DE DENTES TÉCNICAMENTE PERFEITA!





1 A curvatura do cabo facilita a missão da escôva, sem forçar os lábios.

2 A superfície dos tufos em cor-te convexo garante perfeita higiene bucal.

3 Os tufos implantados em base côncava resistem à ação da pasta sempre com a mesma rigidez.

4 Os tufos são pontiagudos, asseguranda a perfeita limpeza externa dos dentes e simul-tâneamente a dos intersticios, ponto inicial das cáries.



FÁBRICA DE ESCÔVAS

O TÔNICO DAS LACTANTES



AGUA INGLÊSA

GRANADO



A SAÚDE DO BEBÊ

SITUAÇÕES DE EMERGENCIA

DR. SABOIA RIBEIRO

A criancinha jamais deve ser exposta a práticas aleatórias em mãos inexperientes nem no estado de saúde nem muito menos, e principalmente, no de doença em face de manifestações de seu estado geral ou de órgãos afetados.

As modificações do regime, a subministração de remédios, tudo deve ser orientado por maneira segura, e quanto a êstes, a título de emergência, e sòmente até que acupa o médico.

O regime será sempre estabelecido com conhecimento pleno da mistura alimentar.

Também não é lançar mão de drogas que, maxime na criança, sempre devem ser reduzidas ao mínimo.

De resto, «a cozinha é a melhor farmácia da criança». Êste conceito é sumamente verdadeiro na medicina da criança de peito, que é a fase dos cuidados maiores na formação de um organismo bem preparado da criança, para os embates futuros na defesa de sua própria saúde.

Fixemos, porém, algumas normas gerais que devem ser seguidas diante das moléstias mais freqüentes da criança nos primeiros tempos.

A diarréia é a primeira delas, certamente, pela sua enorme freqüência, e sempre de tanta importância por isso que devida aos mais variados fatores: alimentar isto é, provocada por alimento estragado (e neste caso produzindo a **intoxicação alimentar**); excesso de alimentação, distúrbios do calor, ou sintoma de uma infecção gastro-intestinal como colite, disenteria, etc..

Que fazer, então, diante da diarréia da criança?

A primeira medida a instituir-se é a dieta hídrica — água, chá, durante algumas horas. Como açúcar, sacarina. Os fermentos são um bom adjuvante.

A presença de febre faz supor quase sempre a infecção. Neste caso o tratamento ulterior variará de acôrdo com a causa da mesma. Não esquecer que, na intoxicação as fezes sáem esguichadas, com a fluidez e aspecto da **água de peixe**, e rancidas.

A prisão de ventre é outro estado dos mais freqüentes nos primeiros mêses. Duas coisas há, de logo, desconfiar: a fome da criança, ou má cmposição do alimento. Fezes mucosas com parada do pêso, falam pela fome da criança. Duras e branquicentas, pela má mistura alimentar.

No primeiro caso, cumpre reforçar o leite materno por uma quota supletiva, na mamadeira, após o peito (aqui o leite deve ser modificado, com uma farinha maltodextrinizada). No segundo caso, juntar uma farinha laxativa como a de aveia, no preparo da mamadeira, com adição de um bom açúcar, até obter fezes mais fluidas ou pastosas. O açúcar de malte é um bom corretivo na prisão de ventre com semelhante aspecto das fezes.

A paralisação do pêso da criança constitui indício seguro de anormalidade na sua saúde.

Cumpre discernir se a parada do pêso corre por conta de fome da criança (leite escasso materno, às mais das vêzes), ou simplesmente falta de vitaminas.

Sòmente um exame de cada caso apurará a verdadeira causa. Em ambas as hipóteses cumpre reforçar as quotas alimentares ou acrescê-las com frutas, féculas, cereais. A agitação, o chôro da criança, mau humor, falta de sono e falta de apetite, tanto são sintomas de neuropatia como, e mais freqüentemente o é, sinal de avitaminose B. A avitaminose C se trái por sangramento das gengivas, palidez, detenção do pêso e do crescimento.

Seja como fôr, a insuficiência de vitaminas traz, entre outros sérios comprometimentos da saúde da criança, o de enfraquecê-los ou predispô-los às infecções comuns da primeira idade.

A seu turno, o estado de nutrição alterado por motico de moléstias hereditárias ou constitucionais, requer um soma de conhecimentos especializados, que faz da questão, naturalmente, assunto só para médicos.

Anomalias de conformação — craneanas, faciais, de postura, etc. — não para esperar, e só por si denunciam moléstias as mais diversas, com uma terapêutica também diversa de caso para caso. Apenas frisaremos que a má coaptação dos ossos da cabeça ao nível das soturas, estado das fontanelas, pernas tortas, são às mais das vêzes de natureza raquítica, reclamando o cálcio e o fósforo, a vitamina D, os banhos de luz ou de sol.

E', porém, a febre o sintoma que, surgindo muitas vêzes nas caladas da noite, deixa a todos atônitos e sem saber o que fazer.

Resfriado ou outra moléstia caberá acudir em tais circunstâncias com um banho morno a 36º (um pouco abaixo da temperatura do corpo).

Após o banho a criança deverá ser apenas envolvida numa toalha felpuda, sem que precisem de enxugá-la. Dar-se-lhe-á, então, aspirina num pouco dágua açucarada nas seguintes doses: ¼ de comprimido, de 1 a 4 meses; ⅓, de 5 a 8 meses; ½, de 9 a 12 meses.

Às vêzes a febre acompanha-se de convulsões e aumenta o desassocêgo da família. ½ comprimido de Bromural juntar-se-á, nesse caso, à aspirina, e por último ½ ampola de Luminal sódico a 20%.

Fique-se por aí. O tratamento em relação à causa infectuosa ficará sempre a cargo do médico, e o mais cedo possível, sob pena de repetirem-se as crises num organismo apenas entregue às suas próprias defesas.



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de **Bolero, Swing e Samba**, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo **Professor Gino Fornaciari**, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicílio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,0
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,0
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,0
Jasmim Super	10,00	22,00	30,0
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,0
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,0
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,0
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,0
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,0
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,0
Tabul — Super	25,00	35,00	40,0
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,0
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,0
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,0
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,0
Pretx — Super	35,00	45,00	55,0
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,0
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,0
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,0
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,0
Biarritz LF	50,00	70,00	70,0
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,0
Arabesque LF	60,00	80,00	80,0
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,0
Casino LF	60,00	80,00	80,0
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,0
La Rose Rcugeatre LF	85,00	105,00	105,0
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,0

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

MÚSICA

HELENA LORENZO FERNANDEZ

ROBERTO LYRA FILHO



A PRESENTOU-SE, como solista, no último concerto da Orquestra Universitária da Casa do Estudante do Brasil, a jovem e consagrada pianista brasileira Glória Lintz, que, pela sua maneira soberba de intérprete de Liszt, tem merecido do público carioca e da crítica os maiores aplausos e incentivos. A audição teve lugar no salão Leopoldo Miguez, na Escola Nacional de Música, com a presença de numeroso público que não poupou aplausos à brilhante demonstração artística de valores da nova geração. Glória Lintz, executando o concerto em lá maior para piano e orquestra de Liszt, deixou mais uma vez patenteado a sua sensibilidade artística e o seu talento.

QUANDO Lorenzo Fernandez morreu, a sua música, que já chegara ao estrangeiro, em honrosa repercussão dos sucessos nacionais, iria receber, finalmente, consagração definitiva, através da divulgação, na Europa, em *tournée* já preparada. E o maestro recolheria, nessa viagem a centros musicais, como a França, as homenagens pessoais tributadas pelo público de mais de um país, rendido ante a poderosa inspiração, de indisfarçável sabor brasileiro, que êle vasava em forma trabalhada e correta.

O rigor da construção, o apuro técnico, são elementos que valorizam as suas obras, revelando, nêle, a atitude jamais abandonada de artista consciencioso e honesto.

Dedicando-se ao esclarecido estudo dos problemas musicais — sobretudo da criação de rumos originais para a música brasileira — êle nos legou composições que não só lhe atestam o domínio seguro da arte musical, como a pujança e a fecundidade de sua inspiração.

HELENA LORENZO FERNANDEZ

A riqueza da obra que nos legou pode ser avaliada pelo seu prestígio como uma das figuras mais representativas da árdua fase da proclamação de nossa independência musical.

Ligado aos compositores que se voltaram para a terra e o povo brasileiros, procurando a exata tradução musical da pátria, Lorenzo Fernandez conquistou, entre os seus contemporâneos, uma situação excepcional, pelo alcance de suas pesquisas e pelo valor de suas realizações.

Se a morte, levando-o, estancou uma das mais puras fontes criadoras de nossa música, a verdade é que a considerável produção, à qual dedicou anos de perseverante esfôrço e ininterrupto trabalho, já está definitivamente incorporada ao patrimônio artístico do Brasil e continua viva em nosso aprêço, em nossa sincera admiração.

Desaparecido o espôso, D. Helena Lorenzo Fernandez, empreendeu uma peregrinação musical por diversos países da Europa. Realizou a viagem que o mestre planejara, executando as obras dêle na França, na Inglaterra, na Itália, na Espanha, em Portugal.

Colaboradora de Lorenzo Fernandez, D. Helena foi, sempre, intérprete segura de sua música.

Pianista cujo valor e autoridade, bem conhecidos, dispensam recomendação, ela desempenhou a missão que se impôs, de divulgadora da arte do marido, com a técnica segura de prestigiosa artista e a emoção, o sentimento de espôsa.

Vive, assim, nessa dedicação, muito próxima do espírito dêle, em culto permanente à sua memória.

E ninguém poderá apresentar títulos de tão impressionante autenticidade para candidatar-se ao pôsto de depositário do legado musical de Lourenço Fernandes. D. Helena sabe guardar, com carinho de amiga e companheira, a valiosa obra; sabe avaliar-lhe com fina sensibilidade, o valor inestimável; sabe mantê-la viva; trazê-la, sempre, aos nossos ouvidos, mobilizando seu talento para a nobre tarefa, evocando, ao piano, a magia sonora que é o encanto permanente da música de Lorenzo.

E, por ter dedicado as suas energias a êsse ideal, ela não só ficará associada à glória dêle, como merece, por si mesma, pelas suas qualidades artísticas e morais, admiração e respeito de todos.



Helena Lorenzo Fernandez, na «Maison de L'Amerique Latina», em Paris, onde apresentou-se a 11 de fevereiro do corrente ano

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

O segrêdo de uma LINDA CABELEIRA sem CASPAS e CABELOS BRANCOS está em EUTRICHOL ESPECIAL. EXPERIMENTE E VERÁ. Remessas pelo Reembolso Postal

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

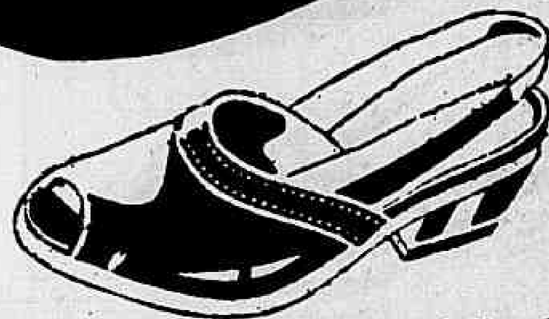
Rua Capitão Salomão, 67

Telefone: 4-1569



CHINELOS

PARA TODO O BRASIL PELO REEMBOLSO POSTAL



1 — Chinelo de pelica levíssimo. Artigo de primeira qualidade, sola flexível, nas côres azul marinho e preta. De 33 a 39, Cr$ 75,00. O mesmo artigo, sem salto, Cr$ 72,00.



2 — Chinelo de ótima pelica, fechado, muito leve e elegante, próprio para pessoas que apreciam o melhor. Sola flexível. Nas côres grená e preta. De 33 a 39, Cr$ 75,00. O mesmo tipo, em feltro, em grená ou em azul. De 33 a 39, Cr$ 70,00.



3 — Chinelo de vaqueta, marron, solado costurado, artigo forte e durável. De 33 a 44, Cr$ 30,00.



4 — Chinelo "Baiano". Acolchoado. Todo de couro, com fivela e enfeites brancos no peito do pé. Artigo muito resistente. De 33 a 44, Cr$ 30,00.

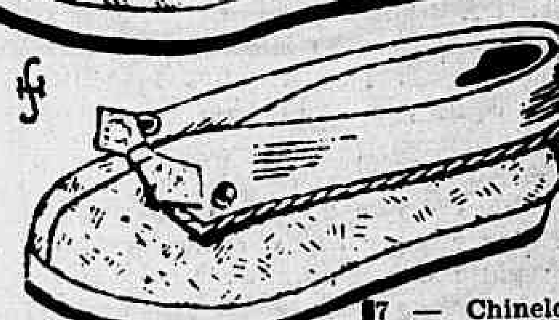


5 — Chinelo aberto, forrado de couro, de 33 a 44, Cr$ 25,00. Chinelo de sola, colado. De 33 a 44, Cr$ 20,00. Chinelo de primeira, solado, costurado a mão, de 33 a 44, Cr$ 25,00. Chinelo para crianças, artigo de sola. De 22 a 32 — Cr$ 12,00.



6 — Chinelo "chagrin", artigo extra, marca CASTANHO. De 33 a 44, Cr$ 75,00. O mesmo tipo, em couro, e na mesma numeração, Cr$ 38,00.





7 — Chinelo de lã, para ser usado fechado ou aberto. Tipo propaganda. De 33 a 40, Cr$ 25,00. O mesmo tipo, artigo bom e lã de primeira. De 33 a 40, Cr$ 50,00. O mesmo tipo, qualidade extra, com acolchoado, marca CASTANHO. De 33 a 42, Cr$ 75,00. CHINELO DE LIGA, com salto, de 33 a 44, Cr$ 16,00.

Ao fazer o seu pedido, escreva com clareza o número do chinelo, seu nome, cidade e Estado

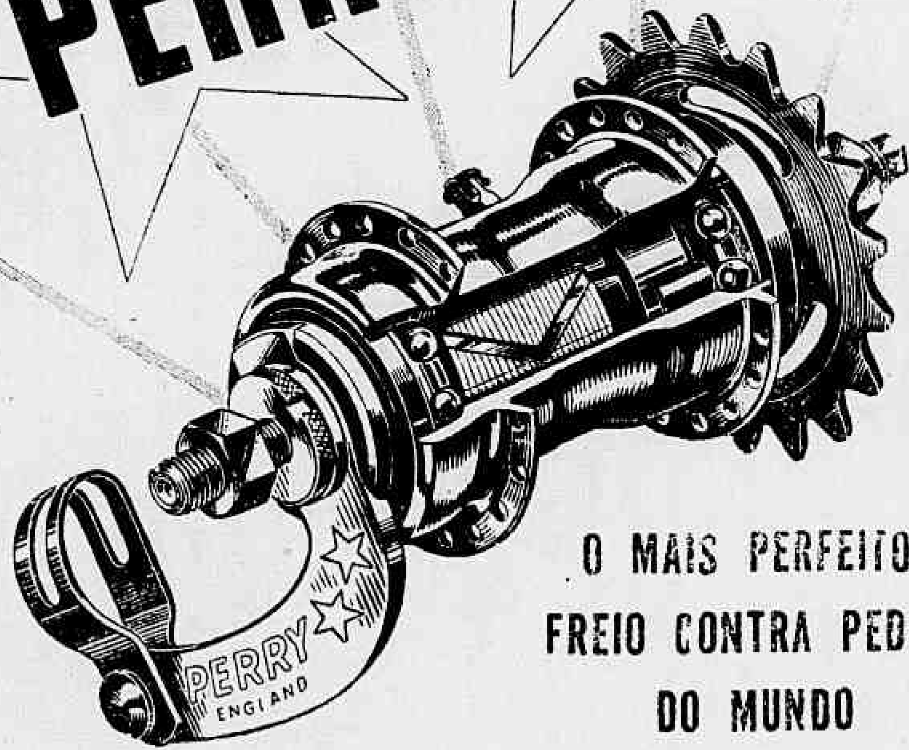
Pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL por carta ou por telegrama, para

CASA RANIERI LTDA.

RUA CAETÉS, 317 — End. Telegr.: "Ranieri" — Belo Horizonte — Minas

CICLISTAS!

Este é o novo



O MAIS PERFEITO FREIO CONTRA PEDAL DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA



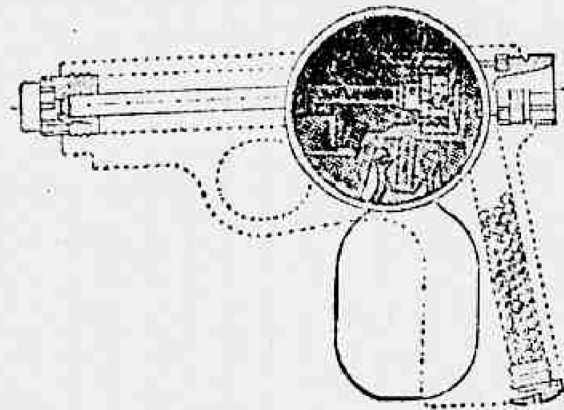
PERRY CHAIN COMPANY LIMITED

BIRMINGHAM .... INGLATERRA

Pistola "PNEUMA TIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAISES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

PIRACICABA - O RIO...

nais. Mas, o mais estranho é o apelido que deram a êsse quadro. «Nho Quim». E' preciso fazer-se uma delicada ginástica mental para chegar a uma identidade qualquer entre XV de Novembro (que é o nome). e Nhô Quim (o apelido).

Mas existe. Querem ver? De XV de Novembro, pela lei do menor esfôrço, passou a ser chamado apenas de «XV». De «Quinze», por um ato de carinho dos seus adeptos, transformou-se em «Quinzinho». O.ra, «Quinzinho» para o caboclo é a abreviatura de «Joaquinzinho». E Joaquinzinho não é outro senão o «nhô quim». Parece charada, mas não é.

«LIGAÇÃO» E' FÃ DE FUTEBOL

O «Nhô Quim» tem uma mascote que se transformou no cão mais popular da cidade. Chama-se «Ligação». Teve em campo a mesma função que o «Biriba» do Botafogo. Dava a saída. Entusiasmava a assistência. Criava a «mística da sorte». «Ligação» já teve sua vida contada pelo «Jornal de Piracicaba», o que não deixa de ser um orgulho para a sua prole...

Apesar de todo o seu «cartaz», o cãozinho consentiu em posar para a reportagem, durante um dos seus «bate-bolas» caseiros...

UM EXEMPLO

Piracicaba é uma cidade bastante grande. Tem bairros distantes. E, é com dificuldade que se consegue tomar um bonde ou ônibus. São raros e ariscos. Em compensação, a corrida de automvel custa apenas cinco cruzeiros. Isso deve causar inveja aos que necessitam tomar um carro em São Paulo ou no Rio, onde cada chauffeur procura esfolar o freguês o mais que puder...

Principalmente quando descobrem que o passageiro é de fora e não conhece a cidade. Nesse caso o percurso aumenta consideràvelmente, e o taxímetro marca verdadeiras monstruosidades.

Francamente, Piracicaba é um exemplo. Corrida a cinco cruzeiros!... Parece mentira. Seria até o caso de se sugerir uma transfusão de sangue entre os chauffeurs de taxi piracicabanos e os cariocas e paulistas. Só assim, talvez, êsses últimos ficariam mais moralizados... Ou então, os primeiros se desmoralizariam também...

ASES DO BASQUETEBOL

(Cont. da pá. 7)

rigentes do clube, que não têm medido esforços não só para arrebanhar os melhores valores da cidade, como também está se tornando em líder da renovação de valores, sangue novo para o belo esporte. O resultado é o que se vê: acompanhando os esforços da diretoria do clube, a torcida "rubro-negra" jamais deixa a sua equipe sem o necessário apoio e assim o Flamengo continua vencendo.

★

Togo Renan Soares, o popular "Kanela", filho de japonêses, treinador da equipe, que procuramos por indicação de Saldanha Marinho, um companheiro nosso, apaixonado pelo basquete, nos falou com muito carinho de sua equipe, e como bom entendedor que é do assunto friza:

— Vale a pena treinar essa rapaziada entusiasta, cheia de fibra e que procura cada vez mais aperfeiçoar-se na técnica e vigor físico, como também nervos e inteligência de parte dos jogadores. Podemos nos orgulhar de uma equipe dêsse valor, como também de outras, como as do Tijuca, Fluminense, Associação Atlética do Grajaú, kasco e Botafogo, que também apresentou um alto nivel técnico. E se continuarmos progredindo nessa marcha, espero não tarde o Brasil possa se emparelhar aos Estados Unidos."

Muito se fala sôbre a prática do basquete pelas mulheres, e o assunto estêve em voga, ainda agora, quando a equipe feminina brasileira disputava às outras concorrentes do sul-americano realizado em Santiago do Chile a primazia no continente. Acham alguns que o basquete é forte, violento demais, para a mulher. "Kanela", expressa a sua opinião:

— "O basquete é perfeitamente compatível com a natureza feminina. Como todo esporte, exige um bom desenvolvimento físico, saúde, mas é, sobretudo, o jôgo em que se emprega a inteligência nas mãos" — e ninguém no Brasil entende mais de basquete que êle.

EMBAIXADOR DA MÚSICA...

(Cont. da pág. 3)

VISITA AOS ESTADOS UNIDOS

Em princípios de 1943, foi convidado para realizar uma série de concertos para o público estadunidense. E ainda hoje, recolhendo impressões sôbre a receptividade das platéias norte-americanas à nossa música, confessou-nos:

— Indubitàvelmente, o público freqüentador de concertos na Terra do Tio Sam possui muita coisa em comum com as demais platéias de outros países, todavia, a meu ver, a sensibilidade artística da maioria de sua gente é ainda muito inferior à emotividade da gente européia, notadamente aos descendentes néo-latinos, como é o caso da França, por exemplo.

O norte-americano se mantém apegado ao classicismo e se comporta de maneira inflexível perante tudo que não seja de sua lavra. Dificilmente, se poderá dizer que haja nos Estados Unidos quem se manifestasse de modo tão favorável e categórico no tocante às composições de autores russos como fizeram os críticos e o próprio público franceses.

Percorri várias das mais importantes cidades norte-americanas, desde a Cosmopolita Nova York até a longinqua Texas, inclusive Washington, Filadelfia, Boston Georgia e Chicago.

A uma pergunta nossa, Estrêla respondeu:

— De tôdas elas, a platéia que me pareceu mais sensível foi a de Filadélfia, contràriamente à minha expectativa, pois a capital norte-americana, sôbre ser a meca política do mundo ocidental, jamais se presta para espetáculos artísticos. E' uma cidade de funcionários públicos, militares e políticos...

NA EUROPA E' DIFERENTE...

Depois de cumprir vários contratos, visitou o Domínio do Canadá, tendo realizado concertos em Montreal, e de regresso, tomado parte em recitais na cidade de Havana na capital cubana.

Não obstante o sucesso que obteve com essa sua excursão artística, parece que em nada se pode comparar a sua recente estada em terras européias, a julgar pelo entusiasmo com que o pianista patrício a ela se refere. Contou-nos detalhadamente o que foram os dois anos e meio de sua permanência no Velho Mundo.

— Como já tive oportunidade de ressaltar, jamais encontrei maior interêsse pela nossa música, como nos países europeus. Não só em Paris e em Tours, onde estive como também na Suiça e mesmo em Londres, o que em parte vem destruir a teoria de que a alma latina sobrepuja a algidez dos povos nórdicos. A êsse respeito, convém não esquecer o episódio ocorrido em Praga, onde verdadeira consagração obteve a música brasileira, até então pràticamente desconhecida do povo tcheco.

NO MAIS FAMOSO PROGRAMA RADIOFÔNICO DO MUNDO

A poderosa emissora londrina, que enfeixa tôdas as atividades radiofônicas da Grã-Bretanha, possui dois programas que são considerados verdadeiros «tabus» para os artistas de todo o mundo, quer seja êle um bom violinista ou um maestro de fama ou ainda um excelente pianista. O «Home Service» e o «Third Program» são o El Dorado dos profissionais e amantes da boa música que visitam Londres. Quanto ao primeiro deles, já um grande compositor brasileiro — o maestro Vila Lobos — tomou parte por tôda uma temporada, quanto ao «Third Program», foi Arnaldo Estrêla o primeiro artista brasileiro a realizar audições de piano através daquela emissora.

— Fica-se maravilhosamente bem impressionado com a eficiência do sistema britânico de organização. Tudo ali na B.B.C. é perfeito. A começar do dia, hora e minuto da programação designada, tudo funciona como um cronômetro. O exato minuto da entrada de meu programa no ar foi fixado com sessenta dias de antecedência. Uma hora antes, já o estúdio estava à minha disposição, onde permaneci me exercitando até cinco minutos antes da hora, quando, só então, fui interrompido pela entrada dos técnicos de som para o teste final de transmissão. Ali se demoraram êles pouco mais de um minuto.

Realmente, eficiência tamanha merece registro especial. Arnaldo Estrêla teve oportunidade de fazer inúmeras gravações na maioria de compositores nacionais para os estúdios da BBC. Tanto ali como em Paris, foram gravados vastos repertórios de obras de Vila Lobos, Francisco Mignone, Itiberê G. Grosso e Camargo Guarnieri.

TERIA AQUELA CHUVA PREJUDICADO RANDY? VICKY NÃO SERIA A CULPADA DESSE FRACASSO ARTISTICO?







O que deveria tocar a lâmpada era "Triste criança"; mas, se ao invés disso, tocou outra coisa, "Felizes dias virão ainda", é que o meu desejo estava sendo atendido.











Deixei que tôdas se fôssem. Eu estava temendo que o refugiado se sufocasse. Finalmente a mocinha comprou a caixa e saiu com as demais.





RELATÓRIO APRESENTADO PELO DR. OVIDIO DE ABREU, PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL, À ASSEMBLÉIA GERAL DOS ACIONISTAS, EM 27 DE ABRIL DO CORRENTE ANO

Srs. Acionistas.

Cumprindo preceito legal e de acôrdo com o art. 35, número 6, dos Estatutos, temos a honra de submeter à vossa apreciação as contas do exercício de 1949, com um relato dos principais fatos ocorridos

Assumindo a presidência do Banco do Brasil em 29 de julho de 1949, em virtude de Decreto de 26 do mesmo mês, do sr. Presidente da República, procuramos orientar-nos no sentido dos interêsses do Banco e do País, em harmonia com a política econômico-financeira adotada pelo Govêrno.

É com prazer que salientamos o constante apoio que o sr. Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, tem dispensado ao nosso Instituto, cujo desenvolvimento acompanha com real interêsse.

Do sr. Ministro da Fazenda, Dr. Manoel Guilherme da Silveira Filho, que por largo período, com brilho e dedicação, administrou êste estabelecimento, tem merecido o Banco, igualmente, preciosa atenção.

Desejamos ressaltar a atuação profícua dos nosos colegas, Diretores Pedro Demosthenes Rache, Jorge de Toledo Dodsworth, Alberto de Castro Menezes, Walther Moreira Salles, Marino Machado de Oliveira, Pedro de Mendonça Lima e General Anápio Gomes, aos quais deve a nossa Casa assinalados serviços.

O Conselho Fiscal, composto de destacadas figuras de nossos meios financeiros, senhores João Daudt d'Oliveira, Carloman da Silva Oliveira, Argemiro de Hungria Machado, Pedro de Magalhães Corrêa e José Mendes de Oliveira Castro, além de desincumbir-se de suas atribuições, prestou à Administração cordial e valiosa cooperação.

Com êsse apoio e essa colaboração, procuramos desde logo entrar no exame de questões palpitantes que reclamavam solução.

Uma delas foi a referente às dívidas dos pecuaristas, na qual, como é sabido, o Banco é grandemente interessado. Os criadores e recriadores em dificuldades eram em número reduzido, relativamente ao dos componentes da classe, mas os embaraços com que lutavam tornaram-se tão sérios que vinham afetando a economia de diversas zonas.

O Banco do Brasil, tendo em vista o empenho do sr. Presidente da República em corrigir a situação, colaborou com a Câmara dos Deputados, por intermédio de sua Comissão de Finanças, no sentido de ser encontrada fórmula capaz de resolver o problema. Resultou dêsses esforços a Lei nº 1.002, de 24 de dezembro de 1949, que concedeu novo prazo de 10 anos para o pagamento de 50% das dívidas e a transferência para a responsabilidade da União dos outros 50%, à medida que efetivamente resgatada a parte a cargo dos devedores. A quota que a União assumir será liquidada também em 10 anos, mediante a entrega de apólices aos credores, nos vencimentos das prestações.

A Lei promoveu o desafôgo da situação dos pecuaristas pela redução de suas dívidas à metade e preservou o princípio da pontualidade na satisfação dos compromissos, base do crédito bancário, ao mesmo tempo que evitou a emissão imediata de vultosa quantia em apólices.

Ainda em conseqüência dessa Lei, que regularizou em definitivo a situação dos pecuaristas, determinamos o início de estudos tendentes a restabelecer as operações do Banco com aquêles clientes.

Em novembro de 1949, propusemos ao Govêrno a reforma do Regulamento da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, a fim de possibilitar o incremento de empréstimos aos criadores, o que, como se verá adiante, está em via de execução.

Outra questão objeto de imediatos cuidados da Diretoria foi a revisão dos limites de operações das Agências, pois, embora tivesse havido uma elevação geral de 40% em 1948, era evidente que muitas não vinham podendo atender convenientemente aos negócios das respectivas regiões, sendo que várias delas se mantinham mesmo no regime de *deficit*.

Essa revisão, que obedeceu ao critério das possibilidades econômicas das diversas zonas, ampliou a capacidade das Agências de efetuar empréstimos à produção em volume de Cr$ 1.457.020.000,00, atingindo Filiais localizadas em todos os Estados.

Problema relevante e intimamente ligado também aos interêsses do Banco, e que mereceu nossa imediata atenção, foi o aumento de vencimentos do funcionalismo. Adotadas as indispensáveis medidas para garantir a obtenção dos recursos necessários a êsse encargo de caráter permanente, encontrou-se uma fórmula que correspondeu plenamente às conveniências dos funcionários e do próprio Banco, concorrendo para um ambiente de trabalho agradável e profícuo, e que consistiu na promoção de quase todo o funcionalismo ao cargo efetivo imediato e na reestruturação dos quadros, fazendo-se o simples aumento de vencimentos apenas em relação a determinadas categorias.

Paralelamente, foi modificado o regime de remuneração dos cargos de administração nas Filiais, de modo a interessar nêles funcionários mais antigos e experientes, em benefício do próprio Banco.

Muitos outros assuntos de maior relêvo, que escapavam à rotina dos negócios, foram resolvidos pela Diretoria, destacando-se o financiamento dos estoques de açúcar nos Estados produtores; o fornecimento de recursos aos moinhos para aquisição oportuna da produção nacional de trigo; o adiantamento de importantes verbas ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, para as obras da rodovia Rio-São Paulo; os empréstimos a várias Unidades Federadas, destinados a obras de interêsse público.

Assim também foi deliberada a elevação da base de adiantamento sôbre o café, atendendo aos reclamos dos produtores e comerciantes, que desejavam ver assegurada a estabilidade dos novos preços, para tranqüilidade da economia cafeeira.

A administração se preocupa com alguns outros problemas de importância para o bom andamento dos negócios e serviços do Banco, como a construção de um edifício capaz de abrigar todo o aparelhamento da Direção Geral e a criação de um curso para

aperfeiçoamento dos administradores das Filiais.

É óbvio o inconveniente da situação em que se encontram os serviços da Direção Geral, espalhados por vários edifícios. Luta-se com má acomodação, e a falta de espaço cria dificuldades aos trabalhos, inclusive da Agência Central.

Pretendemos resolver êsse antigo problema, dando ao Banco do Brasil sede condigna e adequada sob todos os pontos de vista. As primeiras providências para isto já estão em curso, visando à aquisição de terreno que preencha os requisitos necessários.

A par dessas e outras preocupações, não descuramos de manter as tradicionais e estreitas relações com o Tesouro Nacional.

Examinando as operações do Banco, verifica-se logo a preponderância das que se relacionam com o Govêrno Federal, fato que se harmoniza perfeitamente com a função de banco oficial que sempre exerceu o noso Instituto.

Para se avaliar a extensão das relações do Banco do Brasil com a União, basta citar as seguintes atribuições que lhe foram confiadas pelo Govêrno:

— agente financeiro da União (recolhimento das receitas, abertura de créditos e movimento de fundos por todo o território nacional);
— execução e contrôle, por conta do Govêrno Federal, das operações de câmbio em todo o País;
— contrôle das exportações e importações, mediante o serviço de licença prévia;
— operações de redesconto bancário;
— agente financeiro da Caixa de Mobilização Bancária, que tem por finalidade proporcionar empréstimos especiais a bancos cujos encaixes tenham caído de nível em virtude de anormais retiradas de depósitos;
— fiscalização bancária, no que respeita a operações de câmbio;
— contrôle e liquidação de bens dos súditos dos países que estiveram em guerra com o Brasil;
— compra de ouro (20% da produção das minas nacionais);
— operações especializadas de assistência ao comércio exportador e importador;
— operações especializadas de crédito agrícola, pecuário e industrial;
— operações de defesa de mercados de produtos agrícolas.

Trata-se de funções as mais heterogêneas, que correspondem virtualmente às de todo um sistema bancário. Levá-las a cabo, pela forma por que o tem conseguido fazer, é serviço relevante que o Banco do Brasil presta ao País.



DR. OVIDIO DE ABREU, atual presidente do Banco do Brasil

Para poder enfrentar os riscos e ônus decorrentes das múltiplas tarefas, que é chamado a desempenhar, como banco oficial, em benefício da coletividade nacional, era indispensável ao Banco acumular recursos ponderáveis.

Conseguiu-o nos 44 anos de sua existência, graças à orientação segura das administrações que nos precederam e à compreensão, que sempre predominou nesta Casa, de que sua função transcende a de uma simples emprêsa mercantil, para se confundir com a de poder público.

Assim é que, por meio da não distribuição de parte dos lucros obtidos, se elevaram os recursos próprios do Banco, dos 70 mil contos de capital com que se instalou, na sua fase atual, a 5 de julho de 1906, a Cr$ 2.993.782.000,00, a quanto montam o capital atual (Cr$ 100.000.000,00) e as reservas acumuladas, às quais se poderiam acrescentar ainda Cr$ 1.091.741.000,00, referentes ao líquido das "contas de resultado pendente", em 31 de dezembro de 1949, que também constituem valores pertencentes ao Banco.

A êsses recursos próprios vieram juntar-se capitais de terceiros, confiados ao Banco em depósito ou a outro qualquer título, os quais somavam, em 31 de dezembro findo, Cr$ 32.032.199.000,00.

Ao findar o ano, tinha, pois, o Banco à sua disposição fundos no total expressivo de Cr$ 36.117.722.000,00, provenientes das seguintes fontes:

	Cr$
do Tesouro Nacional, de Estados e Municípios e de outras entidades públicas	15.891.431.000,00
de outros bancos	5.261.098.000,00
do público em geral ..	9.134.972.000,00
de diversas outras origens	1.744.698.000,00
total dos capitais de terceiros	32.032.199.000,00
recursos próprios, inclusive "contas de resultado pendente" .	4.085.523.000,00
total geral	36.117.722.000,00

A posse dêses volumosos recursos é que tem permitido ao Banco prestar ampla assistência financeira aos Poderes Públicos, bem como amparo a tôdas as classes produtoras, ao comércio e a particulares.

Note-se, porém, que não o faz com o único objetivo do lucro. Ao contrário, realiza muitos de seus empréstimos, em volume considerável, a juros baixos, como 6%, nos adiantamentos ao Govêrno Federal, e 7%, nos financiamentos rurais feitos pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial.

Mantém, ainda, muitas Filiais deficitárias, com a preocupação de levar o benefício do crédito bancário, especialmente em favor das classes rurais, a zonas onde os estabelecimentos de crédito privados não consideram interessante instalar-se.

Ao findar o ano próximo passado, as aplicações de fundos feitas pelo Banco distribuiam-se como segue, em grandes verbas:

	Cr$
Empréstimos de várias modalidades concedidos ao Tesouro Nacional	18.703.539.000,00
Empréstimos a Estados e Municípios	1.588.972.000,00
Empréstimos a outras entidades públicas .	1.044.640.000,00
Empréstimos a bancos, inclusive os de conta da Caixa de Mobilização Bancária (Cr$ 1.890.161.000,00), e títulos descontados a bancos por conta da mesma Caixa, contabilizados em "Títulos Descontados" (Cr$ 475.802.000,00)	2.365.963.000,00
Empréstimos da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial a agricultores, pecuaristas e industriais ..	5.656.479.000,00
Empréstimos ao público em geral, pela Carteira de Crédito Geral e de Exportação e Importação	7.334.876.000,00
Outras aplicações (imóveis, etc.)	1.350.859.000,00
Dinheiro em Caixa ...	1.352.128.000,00
	39.397.456.000,00

O exame dêsses dados revela que o Banco do Brasil, cumprindo sua missão de banco oficial, tem destinado apreciável parcela de seus recursos às operações com os Poderes Públicos, facilitando, assim, a execução dos programas de obras de interêsse coletivo.

A demonstração abaixo, referente às operações realizadas em virtude de sua qualidade de banco oficial, também esclarece êste ponto:

	Cr$
— empréstimos ao Tesouro Nacional, a Estados, a Municípios, a outras entidades públicas e a bancos (na maioria como agente financeiro da Caixa de Mobilização Bancária)	23.703.114.000,00
— depósitos recebidos do Tesouro Nacional, de Estados, de Municípios, de outras entidades públicas, de bancos e outros depósitos compulsórios	21.152.529.000,00
diferença	2.550.585.000,00

Vê-se, assim, que, a despeito do volume a que atingiram, os recursos normais do Banco não foram suficientes para fazer face aos pedidos de crédito que tivemos de atender, partidos tanto das classes produtoras como dos órgãos oficiais. O Banco foi buscar na Carteira de Redescontos a diferença entre seus recursos e as aplicações que fêz, tendo obtido desta suprimentos que se elevavam em 31 de dezembro de 1949 a Cr$ 3.279.734.395,50.



O ano de 1949, como os anteriores do atual Govêrno, ainda sob a influência dos efeitos perturbadores da guerra, deve ser encarado como um período de reajustamento e consolidação da economia nacional.

Em nosso País, as conseqüências do conflito mundial seriam necessàriamente prolongadas, dadas as condições de nossa estrutura econômica.

Em face dessa realidade, o balanço das atividades econômicas brasileiras, nesse período, merece ser classificado como favorável.

O regime de ordem e respeito às leis assegurado em nosso País ofereceu clima propício ao desenvolvimento das iniciativas privadas, que se exerceram com pleno rendimento e resultados geralmente compensadores.

Todos os negócios se mantiveram ativos e a produção nacional, fabril e rural, encontrou colocação remuneradora, muito tendo contribuído para isso o fortalecimento do mercado interno, decorrente do maior poder aquisitivo atual das classes trabalhadoras.

Ao inverso do que acontece a outros países, que lutam com o difícil problema do desemprêgo, há entre nós certa deficiência de mão de obra, especialmente nos meios rurais. O Govêrno muito se tem preocupado com o problema da imigração, com o objetivo de corrigir a situação. Fôrça é reconhecer, porém, que nos resta bastante que fazer nesse setor.

Os transportes entre as várias regiões do País acusaram progresso, principalmente os rodoviários, pois o Govêrno Federal tem incrementado consideràvelmente a construção de estradas de rodagem, no que o Banco do Brasil vem colaborando de modo decisivo.

Não desapareceram de todo certos senões, devidos ao notório desaparelhamento de muitas das nossas ferrovias, mas é justo reconhecer que não houve óbices sérios à circulação da riqueza.

Merece destaque especial o incremento que vem tendo o transporte de mercadorias por via aérea, entre zonas distantes, convertendo-se a aviação, de veículo exclusivo de passageiros, correspondência e pequenas encomendas, em conduto de cargas pesadas.

É de suma importância para o Brasil êsse desenvolvimento do transporte aéreo, pois representa a possibilidade de escoamento da produção de muitas regiões do território nacional, de grande potencial econômico, as quais, sem tal recurso, continuariam ainda por longo tempo completamente isoladas, em detrimento do progresso local e da riqueza geral.

Dois fatos relevantes influenciaram fortemente o nosso comércio com o exterior, afetando, naturalmente, inúmeros setores da economia nacional: a existência dos "atrasados" comerciais em dólares e a desvalorização da libra esterlina, seguida pela das moedas a ela ligadas.

Decidido a resolver o problema dos "atrasados" com os nossos próprios recursos, o Govêrno adotou a política de restrição dos gastos no exterior, limitando ao indispensável as compras e despesas em moedas arbitráveis, especialmente em dólares. Assim, tomaram-se medidas para a intensificação do contrôle de nossa importação, as quais, todavia, têm caráter de emergência, devendo desaparecer com o aumento da produção.

Os "atrasados" estão em via de regularização, para o que influiu poderosamente, é inegável, o contigente imprevisto de divisas que nos trouxe a alta dos preços do café.

Justo é ressaltar o papel desempenhado pelo Banco do Brasil nessa luta pelo equilíbrio da balança de pagamentos. Encarregado pelo Govêrno do contrôle, em todo o território nacional, tanto da distribuição das disponibilidades cambiais existentes, quanto das importações e exportações, realizou e realiza o Banco um trabalho penoso, inçado das maiores dificuldades, ao qual tem conseguido dar desempenho quanto possível satisfatório.

As desvalorizações monetárias e dificuldades cambiais verificadas em alguns países perturbaram o ritmo da exportação de produtos nacionais, como madeiras, mate, cacau, frutas de mesa e outros.

Essas situações parciais têm merecido tôda a atenção do Govêrno Federal. Acordos comerciais foram feitos ou reformados ou se acham em estudo a fim de normalizar o nosso intercâmbio com os referidos países e aplainar as dificuldades surgidas no comércio internacional.

Outrossim, foram permitidos, a título excepcional, negócios de exportação vinculados com outros de importação (processo dito "de compensação"), por meio dos quais foi ou está sendo dada saída aos estoques retidos de cacau, fumo, sisal, madeiras (nos Estados do Sul), cêra de carnaúba, castanha do Pará e outras mercadorias.

A desvalorização de tantas moedas estrangeiras provocou debates em nosso País sôbre a conveniência da depreciação do cruzeiro ou da adoção de taxas cambiais múltiplas.

O Govêrno, todavia, decidiu manter o valor do nosso signo monetário.

★

O crédito bancário tornou-se bem mais acessível. Vencida gradativamente a crise iniciada em 1946, os bancos privados, demonstrando sua confiança na situação dos negócios, expandiram apreciàvelmente os empréstimos, medida tanto mais oportuna, quanto a elevação dos preços dos principais produtos agrícolas ocasionou procura acentuada de crédito.

Os empréstimos realizados por todos os bancos ascendiam, em 31 de dezembro de 1949, segundo as estatísticas oficiais, a 62.419 milhões de cruzeiros, não computados os empréstimos feitos pelo Banco do Brasil ao Tesouro Nacional para financiamento das operações cambiais e para a integralização da quota do Brasil, em moeda nacional, junto ao Fundo Monetário Internacional. Em 31 de dezembro de 1948, o total era de 51.309 milhões, donde o acréscimo, em 1949, de 11.110 milhões de cruzeiros, correspondente a 22%.

Uma vez que os empréstimos do Banco do Brasil, observado o mesmo critério de exclusão acima, acusaram uma elevação, de 1948 para 1949, de 4.680 milhões de cruzeiros, conclui-se que os bancos privados também aumentaram os seus financiamentos de 6.430 milhões.

Em 1946, era das mais delicadas a situação de vários bancos nacionais; alguns com seus ativos fortemente imobilizados em aplicações de liquidação demorada, viram-se ameaçados de instabilidade financeira, em virtude da crise então reinante.

Enfrentou o Govêrno, com decisão, o complexo problema, cabendo à Caixa de Mobilização Bancária e à Carteira de Redescontos a difícil tarefa de promover a normalização da situação.

À Caixa de Mobilização Bancária, sobretudo, foi atribuída grave incumbência na ocasião, uma vez que, enquanto a Carteira de Redescontos atendia aos bancos em suas necessidades comuns, negociando títulos a curto prazo, aquela foi chamada a intervir quando, em face de anormais retiradas de depósitos e conseqüente desnível substancial de encaixe, se expunham os estabelecimentos de crédito ao perigo da descofiança pública.

Obtendo dos bancos, como garantia, imóveis, títulos comerciais e públicos e, quando necessário, o aval dos respectivos diretores, forneceu-lhes a Caixa os recursos de que careciam para restabelecer seus níveis normais de encaixe.

No desempenho dessa importante missão, a Caixa de Mobilização Bancária aumentou seus empréstimos (aplicações líquidas anuais), como se vê abaixo:

	Cr$
Saldo em 31-12-1945	164.000.000,00
Importância líquida aplicada em 1946	448.000.000,00
Idem, idem em 1947	876.000.000,00
Idem, idem em 1948	690.000.000,00
Idem, idem em 1949	137.000.000,00

Os algarismos acima revelam que a crise, cuja maior intensidade se registrou no triênio 1946/1948, acusou decisivo declínio no ano próximo passado.

Êsse foi um dos motivos por que o crédito bancário pôde desenvolver-se de modo favorável, como já vimos.

★

O Tesouro Nacional encerrou as contas do exercício financeiro de 1949 com um *deficit* de 2.810 milhões de cruzeiros.

O volume de papel-moeda em circulação acusou aumento de 2.349 milhões de cruzeiros, passando de 21.696 milhões em 31 de dezembro de 1948, para 24.045 milhões em 31 de dezembro de 1949.

Dêsse acréscimo já foram devolvidos à Caixa de Amortização, pela Carteira de Redescontos, no corrente ano e até a data dêste relatório, 400 milhões de cruzeiros, a título de resgate da emissão feita.

★

É natural que tais e outras circunstâncias tenham influído nas variações dos índices do custo da vida. Considerando os dados de 1946 como equivalentes a 100, tivemos, em fins de 1948, o índice 126, e, ao terminar o ano de 1949, o de 136.

Terão contribuído para isso, certamente, a expansão dos meios de pagamento e o maior poder aquisitivo colocado à disposição das classes trabalhadoras.

Enquanto se opera o entrechoque de tantos fatôres de variada ordem, em busca dos níveis naturais dos preços, a capacidade aquisitiva vai mudando irresistivelmente de plano, na ânsia de se conseguir o equilíbrio econômico tão almejado por tôdas as classes sociais.

O principal elemento, todavia, para a consecução dêsse *desideratum* deve ser procurado no aumento da produção, de modo que o custo mais baixo desta e a maior oferta atuem provocando a redução dos preços das utilidades essenciais.

Neste sentido foram dignos de menção os esforços do Govêrno, sendo as perspectivas para o corrente ano mais animadoras; espera-se expansão da produção primária, especialmente de gêneros alimentícios, e os preços deverão acusar algum declínio, em benefício dos consumidores.

★

Ainda não se possuem dados precisos sôbre a produção das indústrias de transformação, mas a opinião generalizada é de que se manteve, de um modo geral, no

mesmo nível do ano anterior. Já nas indústrias básicas registraram-se aumentos significativos (cimento — 15%; ferro e aço, laminados — 24%; papel — 11%; pneumáticos — 20%; câmaras-de-ar — 17%).

Pode afirmar-se que as fábricas trabalharam em 1949 com inteiro aproveitamento de suas capacidades e os resultados financeiros obtidos foram bastante compensadores.

Em todo o território nacional as usinas de energia elétrica não conseguem satisfazer integralmente aos pedidos de fornecimento, o que tem provocado um ativo movimento de ampliação das instalações existentes ou de montagem de novas.

Nota-se generalizada e constante preocupação de enriquecer e modernizar o parque industrial, por meio da construção de fábricas novas ou pela reforma das existentes.

O Banco do Brasil prestou, em 1949, decidida colaboração a êsse louvável movimento, concedendo créditos no total de 698 milhões de cruzeiros, pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial e pela Agência Especial de Financiamento, destinados a custear reformas ou instalações fabris.



Muito se deve à tenacidade dos agricultores que, lutando com escassez de braços e outros óbices, conseguiram cultivar em 1949 área superior em 3,9% à de 1948 (16.858.000 hectares contra 16.219.000).

Tudo indica que área ainda maior terá sido cultivada para a safra do corrente ano, em virtude do estímulo das altas cotações atuais e da garantia de preços mínimos oferecida pela Lei nº 615, de 2 de fevereiro de 1949, para arroz, feijão, milho, amendoim, girassol, soja e trigo.

Premido pela falta de braços e alertado já para as vantagens do trabalho mecânico da terra, o nosso lavrador vem recorrendo cada vez mais ao auxílio das máquinas agrícolas. As importações de instrumentos agrícolas acusam grande incremento, passando de 8.965 toneladas em 1948, para 18.182 em 1949. Entraram no País 2001 tratores no último ano.

Também a importação de fertilizantes e adubos aumentou em 1949, quando entraram no País 126.731 toneladas, contra 99.177 em 1948, o que comprova o aprêço que o lavrador patrício vem dando à racionalização de sua atividade.

Também neste setor o Banco do Brasil, por sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tem prestado todo o auxílio que lhe é solicitado. Os créditos abertos para aquisição de tratores e outras máquinas agrárias, os quais não passaram, em 1947 e 1948, de 829 mil e 6 milhões de cruzeiros, respectivamente, ascenderam, em 1949, a 52 milhões de cruzeiros.

Com exclusão do café, as principais lavouras tiveram sua produção aumentada em proporção bastante animadora, como se vê no quadro infra:

AUMENTO DA PRODUÇÃO EM 1949 (*)

Produtos	% sôbre 1948
Algodão	26
Cacau	33
Batata	24
Trigo	16,5
Arroz	3,7
Banana	9
Feijão	6
Mandioca	6
Milho	1
Amendoim	1

(*) Dados sujeitos a pequenas retificações.

É promissor o avanço verificado na produção do trigo (16,5%), o qual evidencia o acêrto da política de fomento adotada pelo Govêrno.

O nosso Banco, através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tem-se feito presente nessa patriótica campanha, elevando seus financiamentos de 54, no total de 1 milhão de cruzeiros, em 1947, para 828, somando 27 milhões, em 1949.

Outrossim, convencido de que o êxito da produção nacional de trigo depende de que haja sempre fácil e oportuno escoamento das colheitas, abriu o Banco do Brasil, pela Carteira de Crédito Geral, créditos na importância de 340 milhões de cruzeiros às organizações moageiras do Distrito Federal e dos Estados do Nordeste, de São Paulo e do Sul, para serem aplicados exclusivamente na aquisição de trigo de produção nacional da safra 1949/50.

Acontecimento de marcante significação para a economia nacional, conforme assinalamos anteriormente, foi a alta do preço do café, verificada nos derradeiros meses de 1949, e devida à conjugação de três fatôres: o pequeno volume da colheita futura no Brasil, a liquidação dos estoques do Departamento Nacional do Café, conseqüente da extinção dessa autarquia, e o aparecimento no mercado, como compradores, de países há longo tempo afastados em virtude dos efeitos da guerra mundial.

Raros produtores se beneficiaram da alta: a maioria já havia vendido suas colheitas quando o mercado melhorou. Reina, entretanto, no seio da laboriosa classe dos cafeicultores, justificado entusiasmo ante a perspectiva de auferirem na próxima safra merecido benefício de preços altamente remuneradores.

Outra conseqüência favorável da alta foi, como já dissemos, o volume considerável e inesperado de divisas que carreou para o ativo de nossa balança de pagamentos internacionais, contribuindo decisivamente para apressar a regularização dos "atrasados" comerciais em dólares.

Infelizmente, a sêca ocorrida no segundo semestre de 1949 prejudicou muito a colheita do corrente ano. O Govêrno tomou, pela Lei nº 1.003, de 24 de dezembro de 1949, medidas excepcionais para assegurar assistência financeira adequada às lavouras afetadas pela estiagem, devendo as respectivas operações ser realizadas por êste Banco, por conta da União.

O Banco do Brasil, por sua vez, visando ao mesmo objetivo, adotou, em 26 de novembro de 1949, por sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, medidas de emergência, ordenando às suas Filiais localizadas nas zonas cafeeiras a realização de financiamentos em bases especiais, destinados a ser convertidos nos empréstimos previstos no referido diploma legal.

Por outro lado, o combate à "broca" do café, conduzido com eficiência pelo Govêrno, teve o desejado êxito, não restando dúvida sôbre que a infestação dos cafezais por essa perigosa praga pode ser impedida.

O rendimento por hectare de nossa agricultura continua baixo, o que não só prejudica os lavradores, por lhes reduzir o lucro, como dificulta o aumento da produção nacional, fazendo com que os frutos colhidos não sejam proporcionais ao esfôrço despendido.

Várias causas podem concorrer para isso, mas uma das principais é a ausência quase completa do emprêgo da irrigação.

Com exceção de algumas regiões em que a irrigação, facilitada pelas condições naturais ou imposta pela permanente aridez do clima, tem sido bastante útilizada, na maior parte do território nacional, inclusive Estados como São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia e Paraná, as plantações ficam à mercê dos azares do tempo.

Se as chuvas não vêm no período da germinação, ainda há o recurso, dispendioso embora, do replantio; se faltam, porém, na

época da frutificação, não há defesa e o prejuízo pode ser completo.

Com os altos preços das terras, das sementes, do material e da mão de obra, é de impressionar o arrôjo com que os agricultores trabalham e invertem capitais nas lavouras anuais, sob o risco, tantas vêzes convertido em realidade, da falta de chuvas oportunas.

Ao Govêrno cabe, principalmente, a solução dêsse magno assunto, por meio de grandes sistemas de reprêsas e distribuição das águas por terras cultiváveis adjacentes.

Há, entretanto, que considerar as possibilidades reservadas à iniciativa privada nesse terreno, em resguardo dos interêsses individuais e dos da coletividade, que necessita urgentemente de maiores colheitas.

Como é sabido, terras cultiváveis há que não reúnem as condições indispensáveis à viabilidade da irrigação; noutras, os serviços seriam caros demais. É certo, entretanto, que em muitas áreas presentemente cultivadas ao sabor dos caprichos climáticos, a irrigação poderia ser feita com maior ou menor ônus, mas com benefícios indiscutíveis, traduzidos principalmente na garantia de que não se perderiam colheitas por falta de chuvas.

Preferível seria o plantio de áreas menores, com os recursos da irrigação, da defesa contra a erosão, do uso de adubos e de outros processos racionais, à cultura extensiva, cujos resultados são falíveis.

O baixo rendimento por hectare, que tem ferido a observação dos entendidos, oriundo principalmente da falta de irrigação, representa o verdadeiro drama do nosso lavrador, que vê a oportunidade dos altos preços esvair-se ante o malôgro da colheita.

Mesmo numa lavoura permanente e de reconhecida resistência como a cafeeira, são freqüentes os danos causados pela falta de chuvas, tanto para a vida da planta, como para a formação das colheitas. Ainda agora, quando produzir mais café seria tão vantajoso para o Brasil, assistimos a uma redução da colheita futura, porque faltaram as chuvas na época da florescência dos cafezais.

O problema da irrigação de lavouras permanentes, semi-permanentes ou anuais merece a máxima atenção, não só dos Podêres Públicos mas também dos produtores.

O Banco do Brasil já tem prestado seu auxílio financeiro, através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, para a construção de aparelhagens de irrigação, a prazo suficientemente largo, de modo a possibilitar aos interessados o reembôlso do empréstimo com os recursos de várias colheitas.

★

A produção de carne bovina no País, em 1949, não deve ter sido inferior à do ano anterior, que atingiu a 910.000 toneladas.

O abastecimento à população dos grandes centros, que fôra tão irregular nos exercícios precedentes, melhorou sensìvelmente no último ano, se bem que ainda não tenha voltado à antiga normalidade.

Fator geralmente reconhecido como perturbador do crescimento normal dos rebanhos bovinos, capaz até de constituir ameaça para o abastecimento futuro de carne à população, é a matança desordenada de vacas e animais novos, que se vem processando nas charqueadas do interior, a despeito da fiscalização oficial.

Atribui-se essa errônea orientação às dificuldades financeiras com que lutam os criadores, que se desfazem de fêmeas aptas para a reprodução e de crias em fase de desenvolvimento, premidos pela necessidade de realizar numerário.

Atento às legítimas necessidades da produção nacional, e a fim de melhor amparar os criadores, deliberou o Banco do Brasil, em 23 de novembro de 1949, propor ao Govêrno modificações no regulamento da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tendentes a permitir nova modalidade de assistência financeira aos criadores. Aprovadas que foram as alterações regulamentares, serão iniciadas brevemente as novas operações, que consistirão em adiantamentos sôbre a produção anual dos rebanhos e terão por fim colocar à disposição dos criadores, cada ano, os meios financeiros de que carecem, permitindo-lhes assim auferir o maior rendimento possível de suas atividades, graças à capacidade de só vender a produção após recriada ou até mesmo depois de gorda.

Não temos dúvida em afirmar que êsse novo tipo de financiamento será decisivo para a prosperidade dos criadores de gado bovino.

É imperioso que os criadores nacionais se capacitem de que o êxito de sua atividade, assim como a plena satisfação do interêsse geral da coletividade, dependem da elevação do rendimento dos rebanhos.

Nas regiões em que se concentram os nossos maiores rebanhos bovinos para corte, a criação é feita extensivamente, nas condições mais primitivas, sem os requisitos elementares da zootecnia. Por isso mesmo, as crias obtidas não passam de 30% a 40% do número de matrizes. Para se formar idéia da grave perda que sofre anualmente a economia nacional, basta lembrar que em outras zonas, onde predominam as fazendas melhor aparelhadas, o índice de produção — que ainda não se pode considerar ótimo — é de 50% a 60%.

Também para êsse fim a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial tem feito grande número de empréstimos, propiciando a criadores o aperfeiçoamento de suas propriedades, com o objetivo de incrementar o rendimento dos rebanhos.

★

A seguir, o Presidente do Banco do Brasil, Dr. Ovídio de Abreu, prestou informações sôbre as diversas operações realizadas pelas Carteiras e sôbre outros assuntos de interêsse geral e finalizou seu relatório com as seguintes palavras:

Prestadas as contas do exercício e informações sôbre as principais atividades do Banco, entregamos ao julgamento dessa magna Assembléia os resultados obtidos em 1949, pondo-nos à disposição dos Srs. Acionistas para quaisquer outros esclarecimentos.

Êste relatório buscou refletir, na complexidade de seu duplo aspecto econômico e financeiro, e na sua ação eminentemente criadora e estimuladora, os trabalhos desenvolvidos pelo Banco do Brasil durante o ano de 1949.

Por certo, não terá conseguido retraçar, em tôda a sua amplitude, o que foi a contribuição prestada pelo Instituto, naquele período, ao progresso e ao incremento das fôrças que edificam a riqueza do País.

A influência exercida pelo Banco do Brasil, como agente de propulsão da economia nacional, traduz-se em múltiplas realizações, das quais não são menos importantes aquelas que, em número avultado, resultam indiretamente de medidas de caráter geral, tomadas nesta Casa.

Ao terminarmos, apraz-nos assinalar, pois, o auspicioso fato de que cresce, dia a dia, a participação dêste Banco em tôdas as atividades que se relacionam com a vida econômica e social da Nação, nos seus aspectos mais relevantes.

OVIDIO XAVIER DE ABREU

Março de 1950.

TUDO ISTO ACONTECEU



PERIGOSA RENUNCIA

ACABA de suceder na cidade de Atami, Japão, a mais perigosa e alarmante renúncia que pode sobrevir a uma população. Que um senador abandone sua cadeira, vá lá; que o mesmo faça um senhor deputado, idem, idem; que um presidente da República renuncie o pôsto, será, por vêzes recebido até com a expressão popular do «já vai tarde!». Tudo isso pode acontecer debaixo do sol; mas quando uma renúncia tem o caráter da que acaba de acontecer no Japão, é coisa muito séria. Imaginem que, na cidade de Atami o Corpo de Bombeiros deu o fora, abandonando sua posição de soldados do fogo, renunciando à carreira da qual depende a tranquilidade do povo local. Mas, por que motivo o Corpo de Bombeiros de Atami decidiu tomar caminho tão tortuoso? Apenas pelo fato de ter-se incendiado um parque de diversões da localidade e estarem dizendo que isso só se deu porque o Corpo de Bombeiros não fêz fôrça para apagar as chamas, ficando tudo reduzido a cinzas.

Os soldados do fogo lá de Atami são ciosos de seus deveres e se julgaram ofendidos em seus brios diante da censura que receberam do povo e da imprensa. Que caminho tomar? Esperar que surgissem novos incêndios para mostrarem que não são negligentes? Dar logo tudo por terminado e abandonar o pôsto com todo o seu material? Foi o que fizeram. E não estava o incidente terminado, quando foi agredido um jornalista da cidade por 40 (quarenta!) bombeiros, como desfôrço contra seus ataques à corporação. O jornalista entrou com uma ação penal em juízo e agora, mesmo com a renúncia dos bombeiros, a vida dos mesmos está pegando fogo...

COISAS RARAS

JÁ estamos tão habituados a côros e a «deficits» que, ao termos que determinada repartição estatal apresentou saldo em seu balanço anual, sentimos um choque de derrubar o Pão de Açúcar. No Brasil, o que se ouve a torto e a direito é a lamentação das verbas insuficientes. Pois bem. Veja o leitor o que acaba de suceder em Belo Horizonte. O presidente do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador Ribeiro de Oliveira, demonstrou em seu relatório referente ao exercício de 1949, que a Justiça Eleitoral em Minas Gerais conseguiu economizar mais de seis milhões de cruzeiros das verbas a ela consignadas no período passado.

..E êsse desembargador fêz ainda mais: consideradas satisfeitas as exigências do Tribunal Regional Eleitoral para o bom cumprimento de suas tarefas, o presidente solicitou a supressão de setenta cargos (setenta!), o que representa para os cofres públicos uma economia anual de mais de dois milhões de cruzeiros.

Não é raro tudo isso? Êsse dr. Ribeiro de Oliveira daria excelente ministro da Fazenda de nosso país. Tornar-se-ia um outro Murtinho, o médico homeopata que consertou nossas finanças e deu ao Brasil uma situação de enorme relêvo em matéria de crédito aqui e lá fora. O desembargador presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Minas provou por A mais B que não é apenas um cultor da ciência do Direito, um homem que sabe muito bem onde colocar a espada e a balança di... de Temis. E' ainda um financista admirável, um ecônomo de grandes qualidades, um financista raro. Como vê o leitor, homens de prol não faltam no Brasil. O que é preciso e urgente, é serem descobertos, como êsse desembargador.





COSINHEIRAS, Á POSTOS

QUANDO nos chega notícia do estrangeiro a respeito de alguma coisa sensacional e que a nós parece fora de propósito ou mesmo maluca, podemos ter a certeza de que vem dos Estados Unidos. E' o que acontece com mais essa, cuja ilustração reproduzimos acima. Patrocinado pela «Pillsbury Mills, Inc.», importante firma produtora de farinha e ingredientes para massas, teve início no verão de 1949 um concurso nacional de receitas culinárias. Foram apresentadas mais de 200.000 receitas, provenientes de tôdas as partes da República norte-americana. Cem finalistas — 97 mulheres e 3 homens — foram classificados para disputar o grande prêmio de 50.000 dólares. Essas pessoas, para que pudessem preparar uma amostra das receitas próprias, tiveram à disposição todo o material necessário, desde os fogões elétricos e utensílios aos ingredientes, tudo arrumado no grande salão de baile do Waldorf Astoria Hotel, em Nova York. O prêmio coube à senhora Ralph A. Smafield, dona de casa em Detroit, no Estado de Michigan. Venceu com sua receita de rosca de nozes, e o mais interessante é que ela cozinha há apenas seis anos, isto é, desde que se casou. A foto mostra parte do salão do Waldorf Astória, no dia da competição final.

AULAS DE AMOR

ISTO aconteceu na Inglaterra, em plena Londres. E não poderia deixar de ser num país altamente civilizado como é aquêle. Estão funcionando no Instituto Cowley, no Distrito de Briston, aulas de amor. Mas, em que consistem esas aulas?

Apenas nisto: os alunos, sob a direção de Mrs. Shuttleworth, emérita professôra do estabelecimento, discutem seus problemas de amor. E não o fazem às escondidas, pelos corredores, aos cochichos, como todo mundo costuma fazer. Agora, todos os estudantes de ambos os sexos, expõem no curso, sem recalques nem acanhamentos idiotas, os seus problemas de amor.

Como teria começado êsse curso que é único no mundo? Os alunos do Instituto, gente que vai dos quinze aos vinte-e-cinco anos, estudavam coisas clássicas, indo da dança clássica ao drama shakespereano. Um dia, Mrs. Shuttleworth encontrou, de surprêsa, um grupo de moças reunidas num dos corredores e lhes perguntou sôbre o que estavam falando com tanta cautela. E elas responderam que desejavam ver incluídas no curso geral umas aulas de amor...

A educadora ouviu e as convidou a irem ao seu gabinete. Quando saíram dali, já estava subministrada a primeira aula de amor. O sucesso foi rápido. Todos os alunos se interesaram pela inovação e se inscreveram no curso sob a égide de Cupido. Moças e rapazes frequentam com assiduidade as aulas de Mrs. Shuttleworth e ali discutem, com voz natural, sem sonsices e dissimulações, os seus casos de amor. Numa das aulas, lhes disse a catedrática: "Aprendam o que precisam sôbre o amor, pelo melhor processo: observando os erros dos outros". Discutem abertamente, sem nenhuma das velhas incompreensões estúpidas. Falam com absoluta naturalidade e muita coisa já foi conseguida com o método. Inclusive amôres à primeira vista...

UM BEIJO NO GATO

O casamento tem coisas surpreendentes. Não há quem possa adivinhar o que vai suceder depois de uma lua de mel. E mesmo durante a dita. Duas naturezas que só se harmonizam mais ou menos, com renúncias de parte a parte, tolerando se defeitos de ambas as margens matrimoniais. Sem isso, sem essa compreensão mútua, nada feito. Mas, nem mesmo assim podem viver sossegados os cônjuges, se um deles tem certas manias esquisitas. Foi o que sucedeu com o pacato Mr. Edward Phillip Collins, agente ferroviário de Londres, recentemente casado com uma linda inglesinha.

..Mr. Collins não se opôs que sua espôsa convidasse para viver com o casal, uma irmã da cara-metade. Era muito boazinha, educada e ia servir de companhia à mulherzinha, coitada, tão só... O espôso concordou e achou muito justo o pedido da mulher. Êle vivia no trabalho, e, mesmo pegando no pesado, no batente rijo, levava uma vida mais divertida, enquanto ela... O primeiro problema estava resolvido, embora esta cláusula não figurasse entre as primeiras juras de amor, nem aparecesse diante do juiz ou do sacerdote que os casou perante Deus. Enfim... Os dias se passagam. Mr. Collins atendia os desejos da espôsa, até que chegaram a um pequenino ponto de discussão: um gato. Mrs. Collins queria um gato Era ... possuir um bichaninho de raça. O marido, para evitar teimas inúteis, concordou. Veio o gato. Mas a mulher não concordava com a indiferença do marido para com o gato. E impôs: — quando chegasse do trabalho, teria que beijar o gato também. Aí, Mr. Collins virou cão. Isso nunca! E começa o conflito cujo têrmo foi agora selado: divórcio...

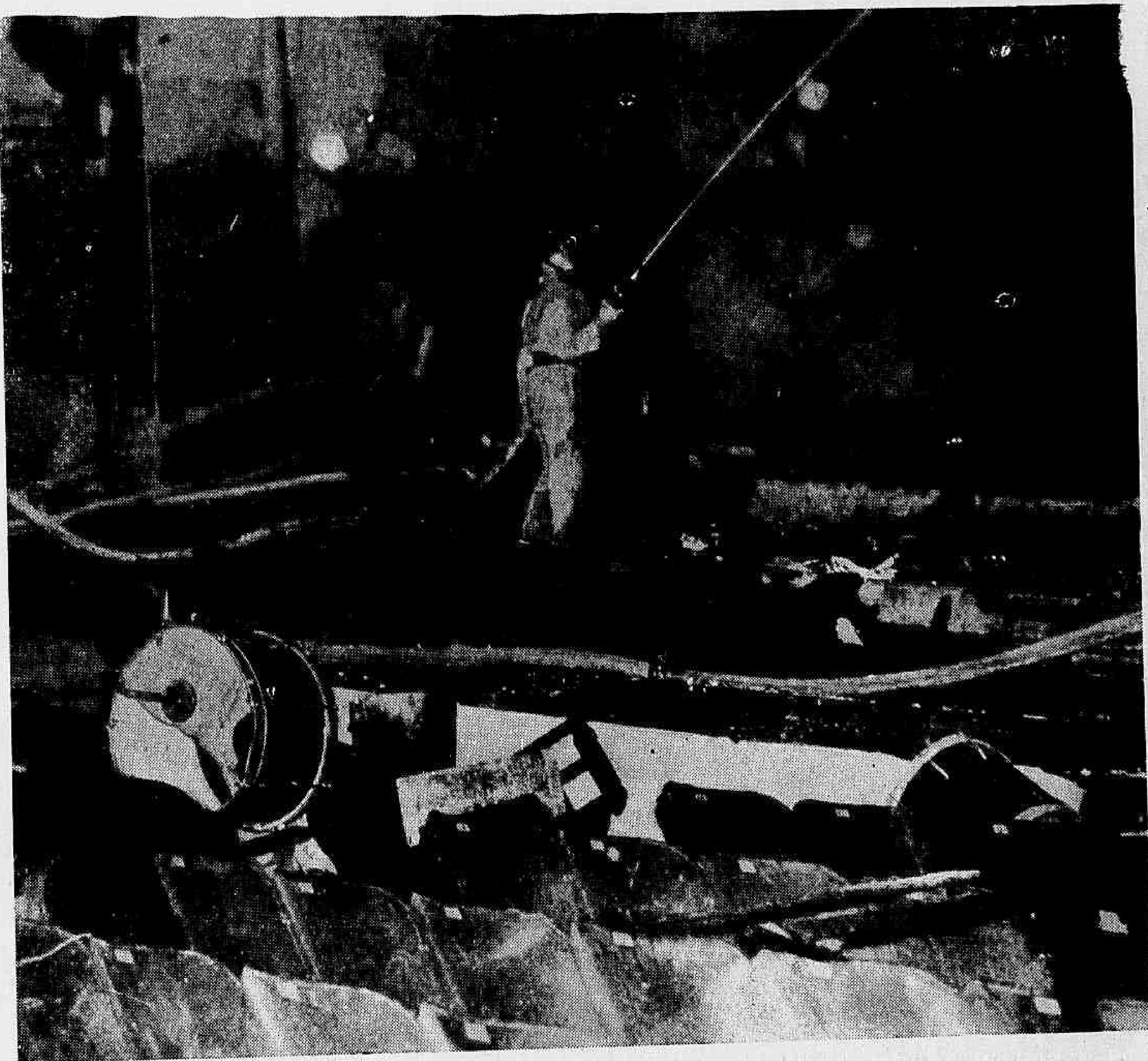




COM 133 ANOS

PÊLO recenseamento de 1940, havia em Minas Gerais 10.405 residentes naquele Estado com idade acima de oitenta janeiros bem vividos. Embora não seja percentagem elevada, tendo-se em vista que Minas, naquele ano, devia ter seus sete milhões e tanto de habitantes, o fato demonstra que os moradores das Montanhas gozam de condições de clima não muito comuns em outras regiões do país. E' inegável que o clima ajuda muito nesse negócio de vida longa; além disso, há para ajudar, a herança negra, gente que vive muito mais que a branca. São raros os indivíduos brancos que chegam aos cem anos; mas, com essa idade, encontramos muitos pretos. Todos sabemos que Minas Gerais, Estado do Rio, Pernambuco e Bahia, receberam enormes contingentes de escravos africanos, os quais se espalharam pelas lavras, campos de café e de canaviais, disseminando a raça negra em vastíssimas zonas do território brasileiro.

São muito longevos, os negros. A sabedoria popular criou até êsse provérbio: «negro quando pinta tem três vêzes trinta», isto é, noventa anos. Agora mesmo nos chega de Belo Horizonte esta notícia que vem provar a resistência da raça negra e os atributos das montanhas mineiras em favor da vida longa. Um preto compareceu ao Forum da capital de Minas Gerais e que, pelos dados fornecidos, deve ter nascido em 1817! Antes da proclamação da Independência Nacional. Nada menos de 133 anos deve ter êsse macróbio das Alterosas. Talvez seja êle o mais velho brasileiro sôbre a terra; mas está com suas faculdades mentais em bom estado e, segundo assevera, ainda é capaz de constituir família!



A DANÇA DO FOGO

ENQUANTO o teatro estava vazio, a platéia silenciosa, parados os instrumentos e apagadas as luzes, o fogo aproveitou a ocasião para dançar o seu «ballet» infernal e destruidor. Pela segunda vez o conhecido «Teatro Carlos Gomes» pega fogo. Da primeira vez foi em 1929, quando ficou completamente destruído. Reconstruído pela emprêsa Segreto, estava agora alugado ao empresário Hélio Ribeiro que apresentava a companhia de sua própria espôsa, Bibi Ferreira, na revista musicada «Escândalos de 1950». Ainda não são conhecidas as verdadeiras causas do incêndio, apenas sabe-se que o palco foi completamente destruído, assim como a caixa, os camarins, exceto o de Mara Rubia, os cenários, os panos de boca, a oficina de carpintaria, a central de eletricidade, os aparelhos de transmissão de uma emissora, o guarda-roupa das girls e dos artistas e mais alguns instrumentos de música. Triste espetáculo, sem dúvida alguma. Esperanças truncadas, trabalho destruído, muito dinheiro perdido. Apesar do golpe, Bibi refêz-se logo do estado de abatimento que a invadiu no momento e mostrou-se decidida a reiniciar, dando espetáculos, provisòriamente, no Cinema São José, cedido pela mesma emprêsa proprietária do Carlos Gomes. As outras companhias solidarizaram-se, oferecendo seus próprios teatros, e seus vestuários. A classe esteve unida neste acontecimento que tão rudemente atingiu a querida artista Bibi Ferreira.

OS VICIADOS

TRÊS castigos perseguem o homem na sociedade: o vício da embriaguez, o vício do jôgo e o dos entorpecentes. Há muitos outros meios de o indivíduo tornar-se num infeliz repelido pela sociedade, desprezado pelos amigos e até perseguido pela polícia ou condenado pelo Cdigo Penal; mas, as três desgraças acima já bastam para a gente verificar que êste mundo é um vale de lágrimas.

O jôgo acorrenta milhares de pessoas às fascinações do ganho fácil, embora, como



sempre sucede, quem ganha é o banqueiro, o dono da batota. Todos os viciados trabalham para êle que lucra sempre na certa, enriquecendo à custa dos ingênuos.

O álcool é outro vício dos infelizes, dos desiludidos, dos infortunados no amor e nos negócios. Mata lentamente, afligindo, oferecendo imagens fugidias de uma felicidade baseada no esquecimento que jamais chega. O álcool é o culpado de gerações de epilépticos, de degenerados, de populações de desequilibrados mentais.

Os entorpecentes são uma forma da embriaguez. Entre as populações brasileiras da mais baixa esfera, reina uma das modalidades mais divulgadas do entorpecente: a maconha: Tem esta erva perigosa vários nomes, segundo cada país em que floresce. No Brasil é conhecida por maconha e liamba, nomes de origem africana. Fumar maconha é vício que domina o viciado. Na alta sociedade há quem se entregue a êle. A polícia desenvolve uma luta sem tréguas contra os fumantes de maconha. Recentemente sucedeu êste episódio: estava prêso na Delegacia de Costumes do Rio um jovem de 18 anos, fumador de maconha. Na mesma noite teve que ser transportado para a Assistência Pública, intoxicado de maconha! Fumara seus cigarrinhos na própria Delegacia!

O TROTE

PUBLICARAM alguns jornais, devidamente ilustradas com fotografias, amplas notícias acêrca do sensacional trote dos veteranos de Medicina aos calouros de 1950. Dentre as «provas» se destacou aquela que obrigava os novatos a raspar a cabeça, tornando-os carecas precocemente. Os novos a tudo se sujeitaram, inclusive às taxas de «burro» e de recepção, respectivamente, Cr$ 50,00 e 80,00. Que lhes levassem os cruzeiros, vá lá; mas, que isso também fizessem com os seus cabelos... que tristeza!

Estamos numa época interessante. Fala-se que o Brasil precisa de médicos; mas, se um jovem estuda com eficiência o seu curso ginasial, faz o científico e consegue, por fim, transpor os umbrais de uma Faculdade de Medicina, os seus colegas veteranos os recebem com hostilidades e, ainda por cima, lhes chamam de burros!

O trote é uma tradição que nos veio da Europa, isto é, das Escolas Superiores da França e de Portugal; mas, para ter justificação é preciso que tenha espírito, êsse espírito estudantil que sempre fêz as delícias daqueles que convivem entre estudantes e lhes sentem a alegria de viver.

Entretanto, quando o programa do trote aos recém-vindos é de visível mau gôsto, ao invés de provocar simpatias e galhofadas, produz sérios aborrecimentos e desilusões, comprometendo a harmonia e a camaradagem que devem existir entre os colegas de uma Faculdade. Ora, o que acaba de passar-se entre os alunos veteranos da de Medicina e os calouros, não foi um trote, e sim uma tragédia.

Não seria preferível que os veteranos instituíssem um outro programa de trotes, aproveitando motivos culturais, mesmo em sentido jocoso? Por exemplo: submetendo calouros a provas de anatomia, a explicações de prática médica, etc.? Seria um gôzo!





NA TERRA DOS INCAS

SEMPRE que nos referimos ao Peru, nos vem logo à lembrança a imagem característica dos descendentes dos Incas, seus trajes típicos, sua linguagem, mistura de espanhol com a antiga língua, os "lamas", a tradição religiosa, em que se fundem os rituais milenares com a crença cristã, o misticismo ainda intacto do povo, suas orações ao deus Sol, a música primitiva, melancólica, os instrumentos rudimentares, a dança votiva, as formidáveis ruínas dos templos, das fortalezas e dos edifícios imperiais, e os costumes exóticos para nós. Os produtos do artezanato, os "monteras", chapéus típicos, as mantas coloridas, as cerâmicas, os índios, os bailes propiciatórios, e tudo o mais que diz respeito à cultura, à tradição, à religião e à história dos Incas, será focalizado numa série de reportagens, enviadas diretamente do Peru, a partir do próximo número. Divulgaremos, assim, dados característicos sôbre o povo e a terra da república irmã, para que nossos leitores conheçam melhor quais as atividades, qual a vida levada pelos habitantes do país sul-americano, relativamentte próximo ao nosso, mas de costumes tão diferentes. Pensamos satisfazer plena e conscienciosamente a curiosidade do público sôbre uma nação ligada aos brasileiros pelos laços de afetividade e latinidade. Portanto, convidamos os leitores a seguir, do próximo número da REVISTA DA SEMANA em diante, a série de reportagens que Alberto Conrado escreverá especialmente para o nosso semanário.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Ases do basquete (Carlos Duarte) 4/7
Embaixador da música brasileira (Guilherme Gil) .. 8
Casamento com chapéu na cabeça (Nelson Vainer) 18/21
A «Fontana di Trevi» (Celestino Silveira) 24/25
Flagrantes de Roma no Ano Santo (Celestino Silveira) 28/33
Piracicaba — o rio Minotauro (Josué Fávaro) 34/35

LITERATURA

Salve-se quem puder (Renato de Alencar) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 16/17
Menino triste (Elvira Foeppel) 22/23
O mistério do colar de safiras (Lysa Castro) 26

HUMORISMO

Bom humor 12
Sonambulismo (Nicodemus) 27
Semana em caricatura (Théo) 36

FEMININAS

Variações da Moda — Sôbre o amor (Lyse) 37
Jantar às oito 38
Casacos e estolas 39
Em gaze e organza 40
Abas largas 41
Week-end na cozinha 42/43

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista — Personagem da semana 10
Puxe pelo cérebro — Palavras cruzadas 11
A saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 45
Música (Roberto Lyra Fº.) 47
Tudo isto aconteceu 56/57

TEATRO

A família Barret (Sergio Tofani) 13/15

FOLHETIM

Romance na chuva 49

FOTOS

Arnaldo Vieira
Celestino Silveira
Adir Vieira
Paolinifoto
Avulsas

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇÃO

Orlando Matos

★

NOSSA CAPA

Gale Storm — U-International

Puxe pelo cérebro

(Respostas da pág. 11)

1 — Umas roupas ao alfaiate (Du Four)
2 — Olinda, em Pernambuco
3 — 21-5-1506
4 — Devorado pelos índios(junho de 1556)
5 — José Bonifácio
6 — Frei Clemente (Envenenado por Maria Rosário Minas)
7 — Quatrocentos e dez mil réis
8 — 850 réis. (Uns ferrinhos de arrancar dentes, arrematados em 4-6-1792, por Francisco Xavier da Silveira)
9 — Na capital de S. Paulo (Teatro da ópera)
10 — Carlota Joaquina
11 — Morreu louca (No Rio, a 20-3-1816)
12 — Dois (Caxias e o Duque de Santa Cruz, Príncipe Augusto, cunhado de Pedro I)
13 — Oito (dois homens e seis mulheres
14 — No Rio de Janeiro
15 — Hidróbios
16 — Sotaina
17 — Espírito Santo
18 — O que é feito oralmente a testemunhas
19 — De Cáritas (proparoxítona)
20 — Tiloma

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores

ESPECIALIDADE EM

Grupos Estofados

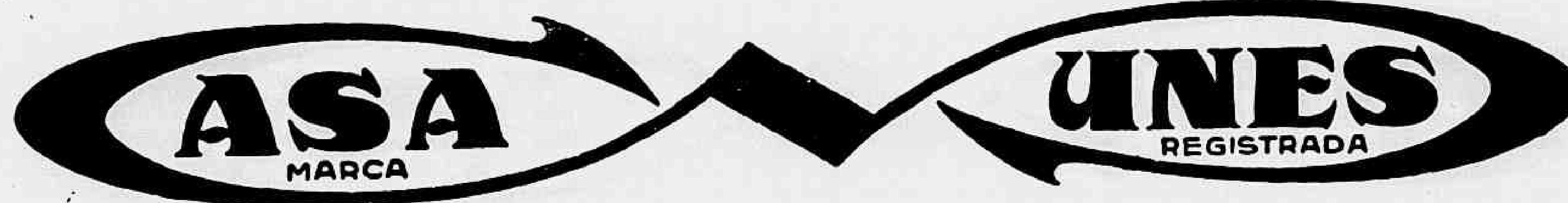
PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras

de todo o mundo fabricados especialmente para a



Projeto e execução da
CASA NUNES



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja. V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**